

MARTA SÁ GOUVEIA

**APROPRIAÇÃO E VIDA DO ESPAÇO PÚBLICO
UM LARGO EM ALVALADE**

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2016

MARTA SÁ GOUVEIA

**APROPRIAÇÃO E VIDA DO ESPAÇO PÚBLICO
UM LARGO EM ALVALADE**

Dissertação defendida em prova pública na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, no dia 31/01/2017 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº433/2016, a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia

Arguente:

Prof.^a Doutora Margarida Helena De La Féria Valla

Orientadora:

Prof.^a Doutora Patrícia Alexandra Dias Santos
Pedrosa

Vogal:

Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

A todos os meus entes queridos próximos.
À minha orientadora Senhora Professora Doutora Patrícia Pedrosa.
Obrigado pelo vosso suporte.

RESUMO

Atualmente uma das realidades das cidades é conter espaços públicos disfuncionais: uns de grande dimensão, vazios e inseguros, outros escondidos, esquecidos e alvos de vandalismo, outros ainda com difícil acesso, degradados e sem apropriação. É neste sentido que a presente investigação pretende atender, expondo uma metodologia de aplicação prática em auxílio à conceção ou reestruturação destes espaços.

Em primeira fase é realizado um enquadramento histórico com intuito de entender a origem dos espaços públicos em contexto global, transitando para um enquadramento dos espaços públicos em Portugal, onde se insere o caso de estudo. A segunda fase refere-se a reflexões conceptuais que vão de encontro à temática em estudo, cooperando na consolidação do processo metodológico em composição. A última fase corresponde à demonstração do processo aplicado no caso de estudo: o Largo Frei Heitor Pinto no Bairro de Alvalade.

PALAVRA-CHAVES: espaço público, vitalidade, diversidade, apropriação e vida urbana.

ABSTRAT

Nowadays the reality is that cities contain disfunctional public spaces: some are large, empty and insecure, other are hidden, forgotten and target of vandalism, other are of difficult access, degraded and without ownership. The present investigation intends to help correct these issues by presenting a practical methodology that targets these spaces reorganisation.

In the first part, an historical background is given in order to explain the origins of public spaces, firstly in a global context and then transitioning to the Portuguese context, where the case study is located. In the second part, conceptual thinking about the public spaces thematic is presented and used in the development of the practical methodology. The third and last part demonstrates the applicability of the practical methodology to the case study: Largo Frei Heitor Pinto, Bairro de Alvalade.

KEY-WORDS: public space; vitality, diversity, appropriation and urban life.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1 O ESPAÇO PÚBLICO	9
1.1 <i>Breve contexto histórico</i>	9
1.2 <i>Os espaços públicos em Portugal</i>	18
2 PERSPETIVAS TEÓRICAS.....	22
2.1 <i>Michel Freitag: uma perspetiva global</i>	22
2.2 <i>Jane Jacobs: introdução de novos princípios de planeamento urbano</i>	27
2.3 <i>Rosália Guerreiro: um conceito de perceção do espaço</i>	32
3 PERSPETIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS	38
3.1 <i>Jan Gehl: a vida no espaço público e o feedback do indivíduo</i>	38
3.2 <i>William Whyte: observação de espaços públicos</i>	48
4 CASO DE ESTUDO: O Largo Frei Heitor Pinto	55
4.1 <i>Alvalade: primeiro plano integrado para Lisboa</i>	56
4.2 <i>Caracterização espacial do caso de estudo</i>	63
4.2.1 <i>Análise física</i>	67
4.2.2 <i>Análise social</i>	83
4.2.3 <i>Análise Swot</i>	91
CONCLUSÃO	94
BIBLIOGRAFIA.....	101
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

A metodologia para o desenvolvimento da presente dissertação, parte da recolha e estudo das obras de autores reconhecidos, a nível teórico e teórico-prático, que acompanham, sustentam e conduzem toda esta investigação. A temática que se trata surge da inquietação face a uma problemática identificada: o estado apático em que se encontram alguns dos espaços públicos na cidade atual, como também a sua ineficiência do ponto de vista funcional. Quando caracterizo o espaço público como apático, refiro-me essencialmente à ausência de apropriação do indivíduo ao espaço e vice-versa. Consciencializada dos vários fatores contribuintes há causa desta ausência, esta abordagem tem como objetivo explorar os conceitos apreendidos pelas obras em estudo, colocando-os em prática, traduzidas numa metodologia de observação que será aplicada num caso de estudo.

O primeiro capítulo é destinado ao enquadramento do espaço público, organizado por duas fases: 1. 1 breve contexto global/internacional, 1. 2 breve contexto do espaço público na cidade de Lisboa, onde toma lugar o caso de estudo. A primeira fase, em registo global, foca-se em quatro grandes períodos significativos na história referentes ao espaço público, com início no período da Grécia Antiga: século VI a.C., transitando para o Renascimento: século XIV, passando pelo período da Revolução Industrial: século XIX, até à Contemporaneidade: século XXI, estado atual.

O segundo capítulo trata as perspetivas teóricas, sendo fiel a esta lógica organizacional do geral ao específico, ou seja, a exposição dos autores é principiada com uma perspetiva global do tema, com *Arquitetura e Sociedade* de Michel Freitag; seguido com *A morte e a vida das cidades* de Jane Jacobs, com a introdução de novos princípios no planeamento urbano e reurbanização, numa conspeção mais incisiva. Para terminar o artigo de Maria Guerreiro com o seu artigo *Interstícios urbanos: um conceito de perceção do espaço*. Para a investigação em decurso, esta questão do reconhecimento do espaço e sua estrutura é fundamental, pois será a primeira fase da metodologia que se pretende implementar no objeto de estudo.

O terceiro capítulo é referente às perspetivas teórico-práticas, são caracterizados desta forma, pois incluem os autores de vertente teórica e prática, sendo o objetivo hierarquiza-los de modo a transitar diretamente para a observação do caso de estudo, presente no quarto capítulo. Incluídos nas perspetivas teórico-práticas é exposto numa primeira fase, a obra *Life Between Buildings* de Jan Gehl, que trata da vida no espaço público e o feedback do indivíduo, com término no grande mentor de vários planos urbanísticos nos Estados Unidos, William Whyte, que dominou a arte de observar espaços públicos, que nos presenteou com a sua obra *The*

Social Life of Small Urban Spaces, onde relata a sua metodologia de observação e por consequência a sua ideologia. Este último será o maior responsável e impulsionador desta investigação.

O quarto e último capítulo é reservado ao caso de estudo, onde será colocada em prática toda a metodologia de observação em convénio com ideologias base aprendidas dos autores expostos anteriormente. Inicia-se com um breve contexto do espaço onde se insere a área em estudo: O Largo Frei Heitor Pinto, no bairro de Alvalade, na cidade de Lisboa. Assim sendo, primeiramente é apresentado: 4. 1 Alvalade: primeiro plano integrado para a cidade de Lisboa. Exposição esta que nos introduz no tempo e no espaço do caso de estudo.

Focando a área de estudo, é exibida: 4. 2 a caracterização espacial, subdividida em duas análises, a física e a social. A análise física engloba: planta de localização, planta de usos do solo: compreendida na envolvente próxima, plantas de fluxos viários e pedonais, planta de *Layers*: baseada na de Christopher Alexander, levantamento do tipo de equipamento inserido no espaço: mobiliário urbano utilizado, tipo de vegetação: árvores de folha caduca ou permanente, tipos de acesso, e plantas de permanência: inerente à observação feita no local, em um determinado período, a horário definido previamente.

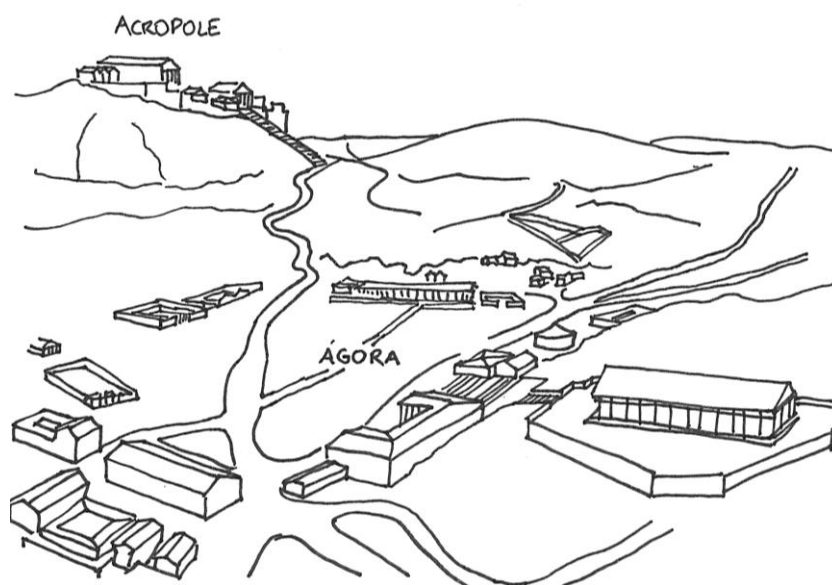
A análise social é respetiva a conceitos que vão ser divulgados e devidamente esclarecidos no decorrer da investigação, estando estes sumariamente relacionados com o conforto, imagem e sociabilização do espaço que se trata. Esta análise será creditada, através de registos fotográficos, mapas mentais e entrevistas, dirigidas aos utilizadores, residentes próximos e a indivíduos de passagem, que reconheçam o espaço em questão. Em suma, toda a informação recolhida é fruto do local.

Por fim a exposição da análise Swot, com a identificação das potencialidades e fraquezas do objeto de estudo. Facultando assim elementos fidedignos e concretos que concluem quais os elementos responsáveis da ausência de apropriação do indivíduo a este espaço. A presente investigação, visa demonstrar todo o processo metodológico aplicado, podendo ser referencial para a análise futura de espaços públicos desvitalizados, sendo uma premissa forte de constatação de pontos a serem intervencionados, de modo a revitaliza-los com sucesso. Todas as imagens, esquemas e desenhos que não têm referências são de autoria própria.

1 O ESPAÇO PÚBLICO

1.1 Breve contexto histórico

O conceito de que as cidades incluem um espaço público referente há coletividade de um espaço privado, cuja posse e gestão contestam aos interesses de um ou mais indivíduos, conceito este que surge totalmente no urbanismo grego no século VI a.C., na Antiguidade Clássica. Já neste período se manifesta a inquietação pelo espaço público, sendo este primordial para os gregos. A Ágora em Atenas próxima da Acrópole, era o espaço contido na polis, que exibia o espírito público, ambicionado pelo povo e onde se praticava a cidadania. [Img.1] Era na Ágora que as pessoas da mesma comunidade interagiam, esta praça pública era definida, como um espaço construído, fixo e permanente, e de propósito político: determinavam questões importantes para a vida dos cidadãos e da sociedade como um todo, sendo também lugar de trocas de sociabilidade. Esta era circundada por edifícios públicos e próxima de edifícios religiosos e profanos. (Lima, 2005, p. 1)



Img1: A Ágora, o coração da cidade de Atenas. Esboço do autor desta dissertação.

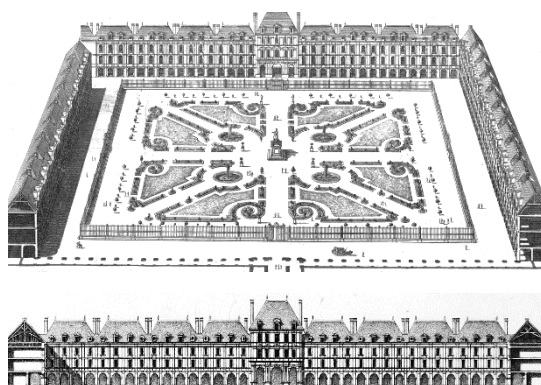
Com o decorrer do tempo, este espaço público foi se metamorfoseando e assumindo diferentes modelos de praça. (Gresset, 1993, p. 24) Podemos investigar em mais de dois mil e quinhentos anos de história urbana que regista a importância das ruas como espaço público e das praças como lugar de conveniência. Cidades medievais europeias italianas como Veneza, Florença e Siena, as suas praças davam lugar a jogos, torneios e progressos teatrais da Commedia Dell 'Arte. As ruas que convergiam para as praças assumem-se como ruas de sector terciário, de maior afluência e permanência de pessoas, albergando não só comércio

como também habitação. Estas ruas e praças originam espaços de uso coletivo: o espaço público.

Na época renascentista, a configuração dos conjuntos clássicos de espaço público componham-se em geral no interior do edificado, sendo que as fachadas eram instituídas em função das praças. Desde o período do renascimento, no século XVI, estas foram projetadas nas principais cidades europeias, tendo como exemplo: a Praça Vendôme [Img. 2], a Praça de Vosges [Img. 3] e a Praça Concorde em Paris, a Piazza Navona em Itália [Img. 4], a Plaza Mayor em Madrid [Img. 5], ou abertas como: o Capidoglio em Itália [Img. 6], e a Praça do Comércio, também chamado Terreiro do Paço em Lisboa [Img. 7]. As praças italianas de foro mais comercial, as reais francesas diferenciadas por conterem sempre uma estátua equestre ao centro, sendo que na sua totalidade foram idealizadas e projetadas com finalidade de se assemelharem a conjuntos urbanos, espaços de uso intenso, onde transitavam várias classes sociais. (Lima, 2005, p. 2)



Img. 2: Perspetiva da Praça Vendôme de Adam Péréle em 1695, Paris, França Fonte: (Wikimedia.Project, 2012)



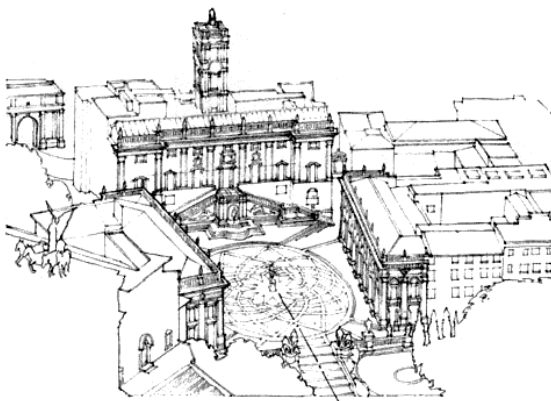
Img. 3: Perspetiva e Secção da Praça Vosges, plano de Androuet du Cerceau, Jacques, 1612, Paris, França Fonte: (Architecture+Maps, 2015)



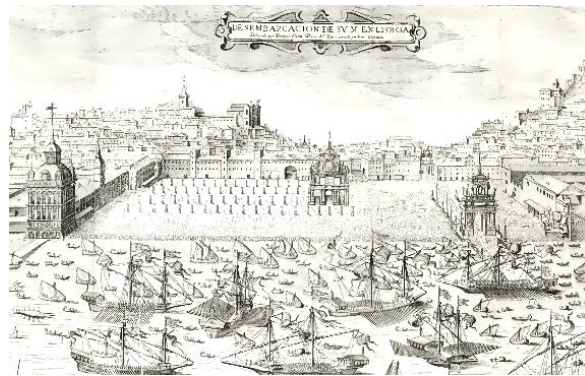
Img. 4: Perspetiva da Praça Navona, Autor: Giambattista Piranesi, 1748, Itália, Roma Fonte: (Wikimedia.Project, 2012)



Img. 5: Perspetiva da Praça Maior, esboço do autor, Madrid, Espanha Fonte: (Goitia, 2010, p. 110)



Img. 6: Perspetiva da Piazza del Campidoglio, Michelangelo, 1544, Roma
Fonte: (Ching, 2002, p. 148)



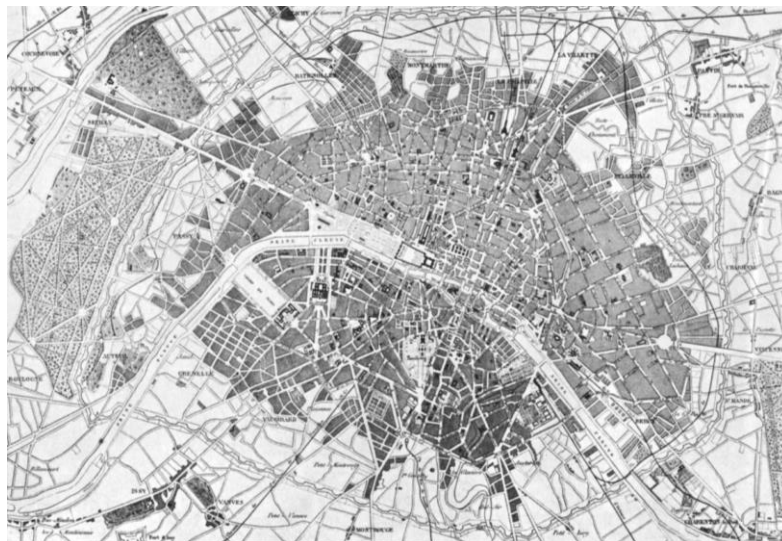
Img. 7: Terreiro do Paço, desenho de Domingos Vieira Sarrão em 1662, Lisboa
Fonte: (OpenEdition, 2015)

Ocorre uma grande mudança no século XIX, com a vinda de um grande número de indivíduos para as grandes cidades na procura de uma vida melhor, o aumento excessivo de população, vem acompanhado de uma carência de novas condições estruturais e sanitárias, que requerem alterações de infraestruturas, nomeadamente equipamentos e locais de trabalho de uso coletivo. A metrópole exibe agora um modelo das contradições do modo de produção capitalista, a sua forma de habitat é inadequada para a saúde física e mental dos indivíduos, não contendo uma participação direta coletiva. Como refere Lima (2005, p. 2) a “cidade capitalista foi loteada segundo um valor de troca e não mais de um valor de uso”. Estas contradições da cidade estão igualmente implícitas na qualidade dos espaços públicos, oferecendo boas condições às populações residentes nas áreas nobres, em contrapartida na periferia estes espaços de qualidade são escassos.

A sobrelotação das cidades, a falta de saneamento básico, que apresenta um panorama de epidemias fulminantes, e a apropriação desordenada do território são os efeitos causados pelo período da Revolução Industrial a partir do século XIX. Na segunda metade do século XIX em resposta e para evitar o desastre destes efeitos, surgem operações em diferentes cidades, manifestando as iniciais tentativas de planejar o território segundo o novo conceito de disciplina do Urbanismo. (Miura, 2012)

Dois grandes exemplos destas operações são: a intervenção de Geoges-Eugène Haussmann na cidade de Paris, França em 1853, e a de Ildefons Cerdà na cidade de Barcelona, Espanha em 1859, que tratam o desenho das áreas públicas como prioritárias na composição da paisagem urbana. As intervenções de Haussmann na cidade de Paris em 1853 sucedem em um terço do tecido urbano com a ideia de expansão, o objetivo da reforma urbana idealizada por Haussmann para além de resolver questões sanitaristas, é o de desobstruir o tecido para facilitar manobras militares, justificado pelo fato de Napoleão III ter sido assinado quando se deslocava até à sede da ópera, sendo que estreitas ruas de Paris não facilitaram o

deslocamento rápido e eficaz do exército. Tendo este duplo objetivo as operações ocorriam sobre um processo de desapropriação de grande parte de imóveis, a serem demolidos, e construídos segundo conceito do traçado higienista. Pretendia enobrecer o ambiente urbano: abertura de ruas largas, boa exposição solar e circulação de ar, melhorar circulações, permitindo o acesso rápido a toda a cidade como visão estratégica, instituindo uma imagem geral de modernidade, eliminando bairros degradados, arborizando ruas e dotando-as de sistemas de iluminação. (Miura, 2012)



Img.8: Planta da cidade de Paris, 1853 anterior às operações de Haussmann. Fonte: (Benévelo, 2009, p. 91)



Img.9: Esquema das operações de Haussmann em Paris linhas grossas: novas ruas; tracejado quadriculado: novos bairros; tracejado horizontal: dois grandes parques periféricos. Fonte: (Benévelo, 2009, p. 97)

O núcleo medieval, com um traçado orgânico com as ruas estreitas, é agora seccionado em vários sentidos, com grandes eixos e circundada por um anel viário, sobrepondo ao corpo da velha cidade uma nova malha racional, formando um sistema coeso de comunicação entre todas as partes [Img. 10].

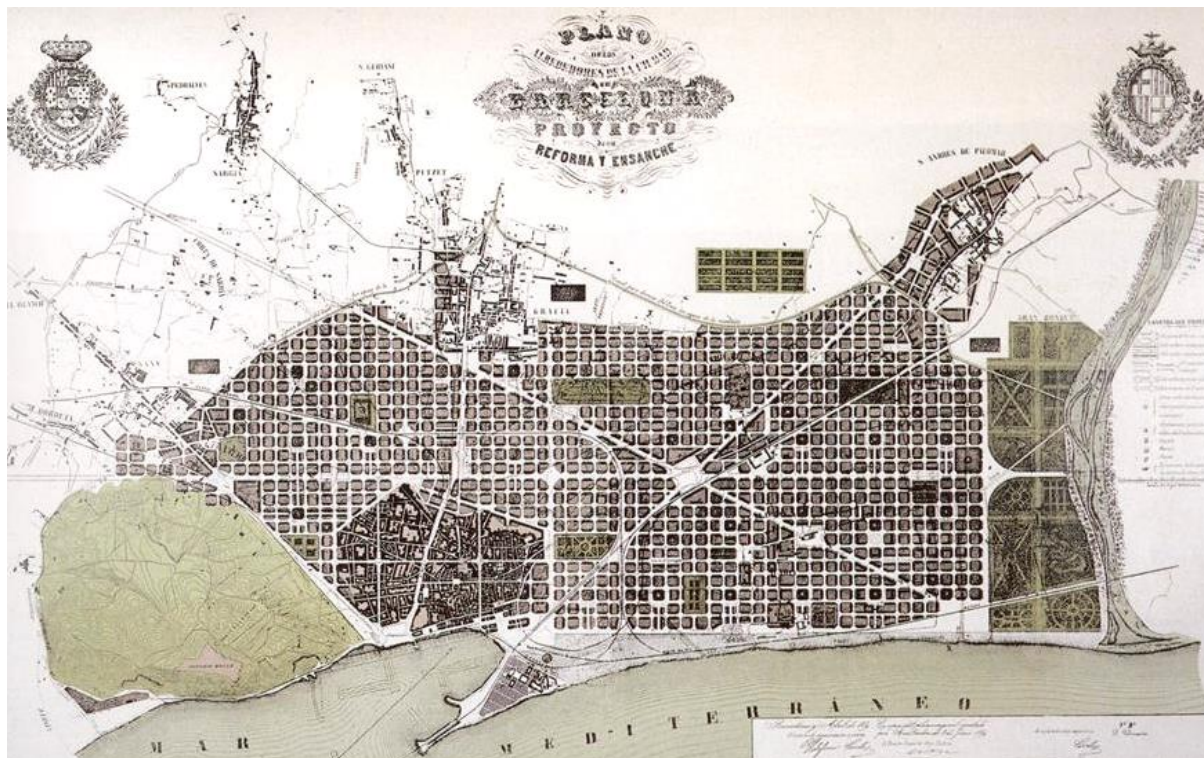
Os traços das avenidas estão orientados com intuito de criar remates visuais com diferentes edifícios, pontos importantes de convergência onde tomam lugar normalmente monumentos da cidade [Img. 10], criando desta forma perspectivas profundas, contrariamente a imagem da antiga cidade tradicional. Nesta intervenção são também criadas praças, jardins públicos, vários *boulevards* e introduzido um novo elemento urbano, o *carrefour*. São definidas regras de ocupação e padronização de fachada, a tipologia urbana passa a apresentar singularidade arquitetónica, passagens e galerias albergam comércio, e onde o quarteirão assume um papel multifuncional contendo lojas, cafés, entre outros.



Img.10: Foto aérea da Praça de l'Étoile, Paris. Fruto da intervenção de Haussmann, onde se pode observar os eixos das avenidas que convergem no Arco do Triunfo.
Fonte: (Miura, 2012)

A cidade de Barcelona encontra-se incluída nos projetos de transfiguração da cidade medieval adequando-se as exigências industriais. Igualmente com problemas de sobrelotação pois tornara-se num importante polo industrial têxtil, a carência de condições de habitabilidade e epidemias resultantes, geram consciência face ao problema urbanístico que induz há necessidade da demolição da muralha medieval para expandir a cidade. É solicitado

um concurso na segunda metade do século XIX, onde Ildefons Cerdà apresenta a sua proposta. (Miura, 2012) Em 1959 as muralhas medievais são demolidas e o plano de Cerdà é implementado [Img. 11].

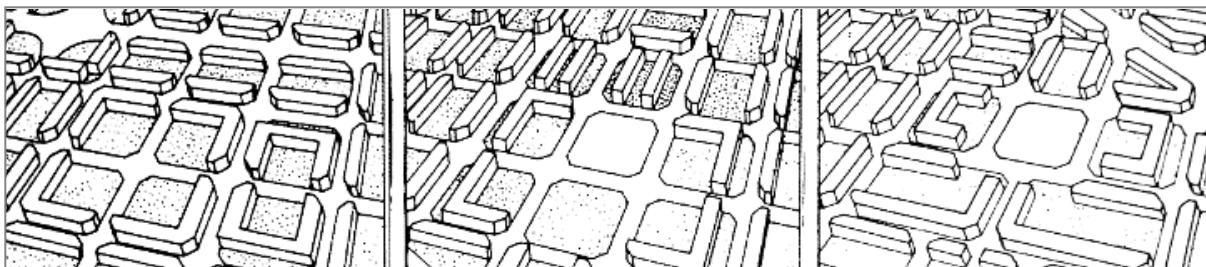


Img11: Plano de Cerdà, 1864. Descrição: A parte em preto corresponde ao núcleo da cidade antiga medieval, a parte a cinza, a reticula de ruas cruzadas por avenidas na diagonal corresponde à expansão proposta por Cerdà. (Miura, 2012)

Ildefons Cerdà executa previamente um estudo topográfico, ao considerado território para expansão, idealizando para este espaço um esquema de urbanização arborizada, tendo em conta o clima local, influenciando a este tipo de estudo nos planos urbanísticos seguintes. Para Cerdà os conceitos primordiais na forma de pensar urbanismo, e projetar cidade são: homogeneidade, coerência espacial, circulação limpa e convívio social, manifestando especial atenção ao habitante da cidade. (Brasil, 2009)

A proposta visa multiplicar a cidade em seis vezes, criando uma diagonal que corta o tecido do núcleo medieval e se prolonga ligando aos novos bairros projetados [Img.11]. Tendo o autor desta proposta como ideologia um território homogéneo, não concentra edificado público e administrativo, opta por distribuí-los, valorizando por igual todos os sectores e bairros. Sobre uma grelha ortogonal, define uma estrutura rígida que se desenvolve a partir de módulos quadrangulares (os quarteirões), com varias formas de ocupação (Img.12). Estrutura áreas exclusivas para parques, premiando toda a proposta com praças e espaços

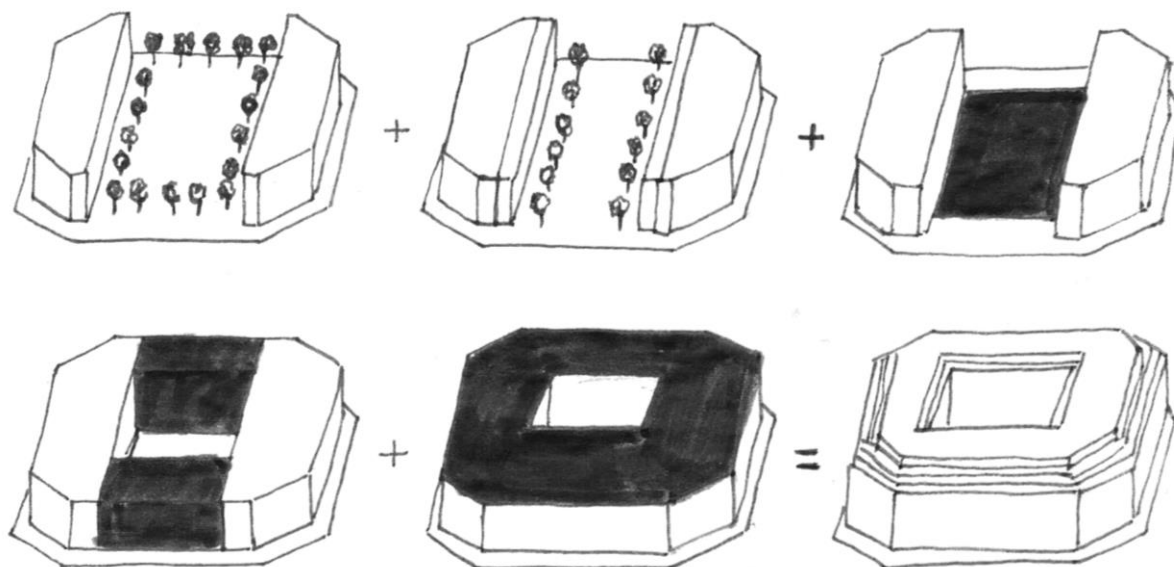
públicos. Toda a circulação é pensada com o intuito de facilitar o contacto e a relação entre indivíduos e o bairro. A ocupação territorial é definida segundo a habitação e deveria ocupar dois terços da área de cada lote, sendo que o restante é destinado a ser ocupado por jardim.



Img.12: Plano de Cerdà para Barcelona em 1864. Gravura da época (esquema exemplo das formas dos quarteirões) de Ildefons Cerdà. Fonte: (Miura, 2012)

Originalmente os quarteirões estavam idealizados a serem ocupados por apenas dois ou três dos seus lados, assumindo configurações diferentes mas fidedignos a uma geometria, deixando uma significativa área livre interna de carácter semipúblico.

De todas estas intenções por Ildefons Cerdà, apenas permaneceu o traçado viário, o elemento mais marcado, visível e reconhecido da sua obra. Os quarteirões inicialmente projetados para uma área ocupacional de sessenta e sete mil metros quadrados, foram massivamente ocupados no decorrer de cento e cinquenta anos, atualmente ocupando 295m² da sua área total [Img. 13].



Img.13: Plano de Cerdà, 1864. Esquema das formas dos quarteirões para a cidade de Barcelona, baseado na gravura originalmente feita por o urbanista Ildefons Cerdà. Esboço do autor desta dissertação.

No século XX, Federico Holanda (1944), arquiteto e urbanista, estuda e investiga os modos de apropriação efetiva do espaço, fazendo o registo de número de indivíduos, quando e quão frequentemente estes se encontram num determinado espaço em função dos vários aspetos da estrutura social. Constatou-se que as classes sociais populares usufruem dos espaços livres de uso coletivo com maior intensidade em relação as classes sociais media alta, que se abrigam em espaços mais fechados e de foro mais privado. Holanda faz a distinção entre dois tipos de espaço existentes agora na cidade: aquele que é representado pela rua tradicional, definida pelas unidades habitacionais; e os condomínios fechados ou privados (Holanda, 1985, p. 125) Isto traduz-se em que nos conjuntos habitacionais, com a leitura de torres altas ou lâminas deixam espaços livres que não constituem reais espaços públicos, uma vez que apenas servem os proprietários ou residentes locais. (Lima, 2005, p. 3)

O espaço público como forma residual na cidade moderna

Atualmente é persistente no meio académico constatar que as catástrofes sociais ocorridas desde o pós-guerra devem ser atribuídas ao domínio absoluto da standardização e aos princípios do Movimento Moderno. (Lima, 2005, p. 3). Segundo Evelyn Lima, a autora do artigo: *A reconquista dos espaços públicos: um processo urbano e social*, a edificação dos bairros de baixa renda independentes, gerou a redivisão dos conjuntos, ocupados por grandes barreiras de unidades residenciais: as torres, resultando entre eles espaços vazios e insociáveis. Lima, reforça o seu discurso abordando a ideia de Maximililien Fuchs face ao

interesse que pode ter as periferias da cidade, este urbanista e investigador divulga que o mais relevante nestes bairros é a cidade dentro da cidade. O que é facto, e generalizando, é que nas periferias, ou zonas nobres da urbe subsiste uma carência de espaços de uso coletivo e onde o lazer é improvisado. Em paralelo surge uma vida intensa e complexa; apinhada de comércio; cafés entre outros, onde efetivamente as pessoas se relacionam.

Verifica-se que em vários países as zonas periféricas são dormitórios, mas que no fim-de-semana indicam uma população que usufrui dos espaços de uso coletivo existentes. Para haver uma integração da cidade como um todo, é necessário que se desenvolva um trabalho social e urbanístico nas periferias. Lima neste seu artigo (2005, p. 4) refere que “Ao contrario dos tecidos urbanos onde a sectorização e discriminação de usos ditada pelos códigos de obras criou espaços especializados, os críticos do Movimento Moderno destacam com precisão a questão da multifuncionalidade e a importância das funções económicas, sociais, de trabalho, de moradia, cultura e de lazer, para conferir uso continuo nos espaços públicos”.

Lima frisa também que as leis ou códigos do urbanismo que atualmente regem a maior parte das cidades, consequentes dos conceitos prescritos pelo Movimento Moderno, dedicam-se somente a gerar mecanismos para solucionar problemas de densidade e da ocupação territorial, sendo esses instrumentos jurídicos mudos no que diz respeito a: forma da cidade e espaço público. São inexistentes nesses códigos de utilização ou ocupação do território sugestões explícitas aos espaços públicos. Está implícito sim, na interpretação da observação dos cheios e vazios de plantas de estudos morfológicos das cidades, que no negativo: vazio /não edificado, que os espaços públicos são residuais, e que por sua vez, o considerado residual é constrangido a não ter forma. (Lima, 2005, p. 5)

1.2 Os espaços públicos em Portugal

A grande família de espaços urbanos públicos, cuja designação pode genericamente incluir: as praças; os terreiros, os largos, e os adros possuem um papel essencial na caracterização dos traçados urbanos portugueses. A multiplicidade das praças, a sua origem e composição; a sua forma; função; e relação com o restante traçado, paralelamente também aos processos de crescimento e estruturação, integram referências para a perceção morfológica da urbe portuguesa nas distintas conjunturas históricas. São estas praças que exprimem os elementos de subsistência e mutação desta morfologia urbana. (Teixeira, 1999, p. 9)

As praças em território português podem ser estudadas ou analisadas por diversas perspetivas, mas uma das características que prevalece nesta tradição urbana é a diversidade de praças incluídas no mesmo núcleo urbano. De diferentes funções de mercado: espaços de origem junto em terreiros, à margem das malhas urbanas, funções militares: praças de armas seiscentistas, funções políticas e administrativas ou religiosas como exemplo os adros de igrejas. Esta multiplicidade inerente à função é constatada em diferentes períodos da história e formalizada em traçados seiscentistas, onde se observa dois tipos de praça predominantes: a primeira de poder político, a segunda de poder religioso.

A composição e forma da praça, esta diretamente relacionada ao processo que lhe deu origem. Existem aquelas que nascem através da intrínseca relação dos traçados vernáculos: os considerados aparentemente não planeados, de ordem física do território onde se implantam, e outras que emergem de ações de planeamento com inspiração em planos eruditos. O primeiro tipo são as praças geradas por a intersecção de caminhos morfológicamente ricos, apresentando-se com varias formas consoante a sua topografia e pontudas por norma por edifícios religiosos, sendo através deles que se desenvolve toda a malha envolvente. O segundo tipo são as praças que surgem da ação de planeamento, isto é, a sua forma varia conforme a época de construção e adotam habitualmente uma forma ortogonal. Por normal o crescimento das urbes portuguesas, emergem segundo malhas que se vão adicionando sucessivamente e que geram momentos potenciadores de outras futuras praças. Este desfecho de culminar de malhas urbanas em situações distintas resultavam em espaços residuais, que posteriormente se estruturariam como praças urbanas. (Teixeira, 1999, p. 11)

Naquele que constituiu o período medieval em Portugal, não existiam praças estruturadas formalmente nos núcleos urbanos no que diz respeito a organização territorial geométrica

traçada em planta ou até mesmo ordenação arquitetónica. As praças ou espaços que cumpriam esse tipo de funções eram a intersecção de caminhos, espaços que na sua forma eram desestruturados, de leitura residual de localização na periferia da malha urbana. Analisando mesmo aquelas que eram entendidas como cidades medievais planeadas constata-se a mesma situação. (Teixeira, 1999, p. 12)

Já no século XVI, iniciam a construção nas cidades portuguesas de praças formalmente estruturadas, contendo características de regularidade ainda que com pouco rigor geométrico. Esta construção pode ser verificada em núcleos consolidados, advindos de dois tipos de processo: o primeiro, praças resultantes da regularização de espaços existentes, através da sua crescente estruturação motivada por edifícios principais ou funções que ali se circunscrevessem, como exemplo: a praça da República em Viana do Castelo e a praça do Município, em Nisa, onde ambas são estruturadas a partir de terreiros medievais. O segundo, as praças formuladas de raiz, advindas da demolição de parte da malha existente, correspondendo a ações de renovação ou desejo de modernização, estando implícita a construção de novos espaços com características morfológicas regulares (exemplo: a praça quinhentista de Beja). Este segundo processo de composição de praças figurasse associado à construção/reconstrução de edifício institucional, civil ou religioso. Ainda neste mesmo século surge o primeiro registo de praças regulares de lógica geométrica, construídas de raiz e com localização em novas malhas urbanas e planeadas, como exemplo: a praça da Sé; cidade de Angra. (Teixeira, 1999, p. 13)

No século XVIII o modelo de praça dominante é a da praça regular de forma quadrada ou retangular de posição central na malha urbana, advinda do processo progressivo de racionalidade e regularidade dos traçados urbanos, assumindo um papel importante e estruturante para qualquer outro traçado posterior, como exemplo: a Vila Real de Santo António. No século XVIII, havendo uma conceção geral da cidade que lidera ao seu planeamento e construção, são criadas praças sob alçada de um traçado absolutamente regular como o próprio edifício envolvente, que a define, é uniforme e com o mesmo princípio. Segundo Teixeira (1999, p. 15), a experiência de traçados ortogonais urbanos e praças regulares que fora desenvolvida no decorrer do século XVIII nas colónias, manifesta-se totalmente nos traçados pombalinos da cidade de Lisboa na segunda metade do século. A reformulação da praça do Rossio [Img. 15] e do Terreiro do Paço [Img. 16] tomam-se como os dois grandes exemplos de praças em que o procedimento formal, tanto do ponto de vista urbano como arquitetónico, as funções que nelas se exercem e a sua articulação com a restante estrutura urbana, ainda enraízam nesta tradição da cultura urbana portuguesa.



Img.14: Mapa de Lisboa em 1755 por Eng.º Carlos Mardel e do capitão Eugénio dos Santos Fonte: (Figueira, 2014)



Img.15: Praça do Rossio em Lisboa séc. XIX Fonte: (Figueira, 2014)



Img.16: Terreiro do Paço, séc. XVIII por Gaspar Frois Machado Fonte: (Figueira, 2014)

A construção de novas praças urbanas em Portugal no século XIX é moderada, são permutadas muitas das vezes por jardins, ou por rotundas que beneficia a circulação viária. A praça que era estruturada formalmente tanto a nível de traçado em planta como no ordenamento de fachadas que as circundavam, espaço de convergência de funções aristocráticas da urbe e elemento estruturante da malha urbana converte-se em um elemento escasso na sua composição. Com refere Teixeira (1999, p. 15) os “novos conceitos urbanísticos do movimento moderno iriam excluir definitivamente a praça do seu vocabulário.” Não obstante, a praça resiste, não só em velhos espaços da cidade, como no nosso imaginário. Simultaneamente com a expansão das cidades existe a fragmentação do espaço, nutrindo uma necessidade de recriar formas urbanas que viabilizem a nossa identificação para com elas. Segundo esta perspetiva, é possível que a praça possa vir a readquirir o seu papel de elemento crucial dos espaços de vida em coletividade.

Luís Cunha o autor que remata e conclui a obra *A Praça na Cidade Portuguesa*, em reflexão sobre a cidade contemporânea, argumenta que apesar do declínio que as praças durante as últimas décadas têm vindo a sofrer, são espaços de grande importância para a vida das cidades atuais, legitimando que a resposta não reside apenas na sua manutenção, mas sim na criação de novos espaços de características tradicionais portuguesas. (Teixeira, 1999, p. 16)

Esta obra trata também da constatação da semelhança entre formas urbanas de leitura irregular, concluindo que essas semelhanças eram identificadas em aglomerados urbanos

com a mesma topografia. Depreendendo que a génese, formação e desenvolvimento da estrutura urbana e elementos que a compõem, cumprem regras próprias de formação coesas ao seu suporte físico. Cada particularidade do território faculta várias condições de uso, de simplicidade de percurso, de local fértil, de proteção de ventos e sol, entre muitos outros que preestabelecem a apropriação do território pelo indivíduo.

O espaço público se outrora surgia na cidade como uma necessidade: dando lugar às feiras, sendo um espaço de reunião, troca, compra e convívio, atualmente é uma opção. Dissipa-se com o decorrer dos tempos, a adesão aos espaços públicos, por diversas razões: conceptuais, organizacionais, legibilidade, segurança, como também à introdução da forma de vida individualista. O espaço para as pessoas, de prática de atividades culturais, lazer, conforto e sociabilização, recorre em alguns dos casos a uma conceção de sentido mais estético e, por consequência, menos funcional, sendo ingrata para com as necessidades do indivíduo, emergindo em espaços de insucesso.

Tendo os espaços públicos grande relevância nas cidades é fundamental que sejam convenientemente planificados, como requalificados, e sendo estes espaços de uso coletivo deveram ser mantidos e valorizados por todos. É necessária a aplicação de uma metodologia de observação prévia, tanto na conceção de novos espaços públicos, como na reestruturação de pré existentes, metodologia esta focada na recolha e levantamento rigoroso de elementos que o próprio espaço fornece, constatando assim as suas potencialidades e fragilidades, sendo que o cruzamento de todos os elementos analisados, direcionarão para possíveis soluções eficazes, germinando espaços públicos de sucesso.

Interessou neste primeiro capítulo, perceber a transformação que os espaços públicos suportaram no decorrer dos tempos. Numa primeira fase expondo o panorama global, passando de seguida para os espaços públicos em Portugal: sua génese e formação, com o intuito de direcionar e enquadrar em uma fase posterior, o caso de estudo.

Tratando-se de uma breve contextualização, houve necessidade de nomear os considerados quatro grandes momentos na história, como os de charneira na alteração da composição dos espaços públicos, consciente dos saltos cronológicos dados.

Revela-se importante entender, estudar e analisar essa transformação no decorrer dos séculos, porque essa é proveniente de soluções adotadas e aplicadas. Analisa-las é estar a complementar o nosso saber face a resoluções que já foram testadas e onde o resultado tem lugar no grande laboratório que são as cidades. Retiremos do estudo dos grandes exemplos, estratégias como registo, dos maus exemplos uma lição, e de ambos a prática.

2 PERSPETIVAS TEÓRICAS

Este capítulo reservado às perspetivas teóricas, onde a investigação se consolida, é a base que permite a construção de todo um pensamento articulado e contínuo. A sua designação deve-se à metodologia adotada inicialmente, havendo um leque de autores de interesse, selecionados previamente, surge a necessidade de organiza-los de forma hierárquica e coerente, estes repartem-se entre dois capítulos: 2. Teóricos, 3. Teórico-práticos. Os identificados como autores exclusivamente teóricos, sem qualquer tipo de aplicações práticas inerentes à sua exposição, terão lugar no presente capítulo. Os autores que para além da apresentação de componente teórica, complementam as suas exposições com práticas experimentais, terão lugar no terceiro capítulo que por sua vez já se direciona para o quarto, destinado ao caso de estudo: aplicação prática da metodologia.

Dado que a temática desta investigação, se inclina sobre o espaço público e a sua apropriação por parte do indivíduo, sendo o indivíduo a parte de um todo, e o todo traduzido numa sociedade organizada, é fundamental que haja um entendimento mais indagado desta questão entre arquitetura (onde é incluído o espaço público) e a sociedade (indivíduo). Neste âmbito é selecionada a obra de Michel Freitag: *Arquitetura e Sociedade*, que numa perspetiva global é exposta, em resposta a esta questão.

2.1 Michel Freitag: uma perspetiva global

O Ensaio de Michel Freitag (1935-2009), autor formado em Direito e doutorado em Sociologia, ambiciona alcançar o paradoxo em que a arquitetura moderna se depara, um sentimento mútuo entre a arquitetura e a realidade, em que a arquitetura parece deslembrar a realidade, e a realidade parece olvidar a arquitetura.

É pertinente questionarmos o significado de habitar, porque o espaço habitado, experimentado e entendido como a prática humana e social, depende de uma interação direta com o mundo, com o futuro e até consigo próprio. A interpretação deste fenómeno sociológico só é conclusivo, quando conseguirmos incluir a história da arquitetura, naquela que é a história particular do mundo contemporâneo. O entendimento desta emergência do novo aglomerado urbano revela toda a linguagem, que articula um sistema metamórfico sem precedentes, fazendo com que de hoje em diante não se restrinja a arquitetura de uma reflexão geral da cidade.

Esta obra introduz-se com uma descrição muito própria e clara da realidade humanizada por Freitag (2004, p. 9) “uma aldeia, uma só, mas implantada no meio de alguns terraços

cultivados no flanco de uma colina, humaniza a paisagem até ao fundo do horizonte, a pobre solidão que as suas pedras abrigam projetam sobre o mundo em seu redor a presença de um sentido secreto e de uma ordem desejável”, que demonstram já o indício de uma ordem desejada, terminando em “outras arquiteturas do nosso mundo: edificadas com luzes, sons, movimentos, móveis efémeras nas suas formas, invasoras nos seus fluxos.”. Arquiteturas estas que não se conseguem deter num só momento em si mesmas, que colocam em causa esta sua nova presença. A própria natureza da arquitetura, a sua identidade histórica e social tornou-se alega Freitag: problemática. As peças arquitetónicas exibem-se agora como esculturas determinadas a serem fotografadas, mais do que experimentadas, sendo que toma o lugar de excelência nas revistas de arte e não na cidade. Segundo Michel, o espaço transformou-se para a arquitetura, em uma espécie de museu esparso. (Freitag, 2004, p. 11)

A carência de conformidade entre a realidade urbanizada e a arquitetura moderna, em que esta se reconhece como ela própria, no atingir de uma identidade estética, formal e com significação histórica, em que a realidade lhe nega qualquer referência às valias da “arte arquitetural” (Freitag, 2004, p. 12), coloca-a em uma posição paradoxal, que por sua vez atraiçoa um estado de crise.

Qual o significado desta crise face as transmutações de estrutura que estão em vias de acabar na atual sociedade, questiona o autor. Primeiramente, aponta para uma indispensável reflexão da medular natureza da arquitetura, ou a sua extensão antropológica e filosófica, segundo uma ordem global da prática social e humana e igualmente questionar em período de crise a linguagem, do labor, da ciência, da técnica, da arte enquanto instante fulcral de “ser-estar-no-mundo humano” (Freitag, 2004, p. 12). Num segundo momento, captar sucintamente a origem deste paradoxo, dos laços modernos entre o indivíduo e a sociedade, equiparando os diferentes inícios ou origens, através dos quais estes laços se constituíram, notando como eram nas sociedades tradicionais, desde a comuna burguesa, a aristocracia do Renascimento, o estado absolutista monárquico e o capitalismo e por fim os progressos modernos, identificados como pós-modernos. (Freitag, 2004, p. 12)

Nesta última história da sociedade moderna, representada como longo processo de revolução, uma nova condição de sujeição do indivíduo a uma sociedade, em modo de se converter num sistema que inclui e gere tudo, em termos operacionais, que se encontra a história da arquitetura de hoje em diante, isso simultaneamente com a ideia que arquitetura faz de si mesma e das tarefas que lhe são atribuídas. A existência desta história atual, só faz sentido tendo as várias camadas anteriores, as das sociedades tradicionais, onde a arquitetura antes do surgir da arte, era apenas a “mãe de todas as artes, a serva de todos os

senhores divinos” (Freitag, 2004, p. 13), ela não existia era somente a forma materializada da sociedade.

A transição do século XIX para o XX, testemunha talvez a rutura mais marcante que a história da arquitetura, desde o seu nascimento nas cidades dos Impérios e Cidades-Estado da Antiguidade, e quando se tornou consciente de si mesma, nas cidades comunais no fim da Idade Média e durante o Renascimento. Esta rutura manifesta-se diretamente ao fato de se introduzir o novo conceito de urbanização, ou seja de uma sociedade urbanizada, que nada tem que ver com o das cidades tradicionais da Antiguidade Clássica. Nesta, “cada cidade possuía uma identidade, não apenas simbólica, mas concreta, que partilhava com os seus habitantes como uma maneira de ser.” (Freitag, 2004, p. 53).

Atualmente, o novo fenómeno de urbanização passa por deixar este conceito de cidade antiga e pela compreensão do aglomerado atual. A nova urbanização tende a excluir toda a orientação de um espaço controlado, toda a centralidade, sendo agora muitas das vezes disperso, de difícil leitura como uma unidade pertencente à mesma família.

É facto que o crescimento das metrópoles modernas, com os variados modos de vida, com os mais diversos sujeitos que nela habitam, com as necessidades que a ela se impõem, será deveras complicado obter uma exclusiva identidade de essência singular. O problema real que se coloca é, proteger aquilo que a cidade é hoje, e continuar a criar, fazer o pacto com aquilo que é, desvendando o seu sentido. O desafio intelectual é captar e definir o sentido do sentido, mesmo que esta não seja reduzida a mostrar a beleza e a harmonia que agregam juntamente com o que é, tomarmos lugar, simbólica e materialmente por meio dos nossos atos e obras, segundo Freitag (2004, p. 65) “Mostrar, fazer ver, tomar a nosso cuidado o que é, inscrevendo-nos no mundo”, é o dever teórico da ação e a prática do pensamento. A arte e a arquitetura pode tornar-se em um pensamento, uma vez que ambos já são consciência, investigação, reflexão e pedagogia. O risco não esta na perda do sentido, mas sim em nos termos dado a capacidade de fazer e desfazer sem acartarmos responsabilidade de fazer sentido, de fazer nó. A imposição desta responsabilidade, dada pelo aumento da nossa aptidão técnica do nosso executar, alça-se através da estética, no manifesto da forma e do seu acordo, através das quais são compreendidas, somos seres existentes que comunicam entre si e no mesmo mundo, um mundo assimilado de modo inteligível, na sua farta pluralidade e na sua diversidade definida por regularidades universais.

A estética referida para o autor é objetiva, mundana, comum, “ já não é a de uma arte separada.” (Freitag, 2004, p. 66) . A arte de fabricar e marcar o nosso espaço no mundo, como próprio e servindo de norma à técnica e utilidade estética que se exprime de forma

harmonizada, os princípios de que queremos submeter os nossos laços com o mundo e a nós próprios como sociedade. Se a sociedade, se mostra de modo sensível a sua transcendência face as singularidades da vida social na arquitetura, é clara que a sua existência esteja diretamente colocada em questão na sociedade contemporânea, isto porque esta transcendência tende a fundir-se nela cada vez mais com conjunto de sobreposição das operações da sua atividade pragmática.

O Renascimento e a Grécia Antiga, não estão distantes de nós assim, que não nos permita inspirarmo-nos delas no que diz respeito ao ver e apreender, o mundo que nos circunda, reconhecendo agora que o valor ontológico da estética é, apreender da sua obtenção normativa e cognitiva, e concluir que um dos problemas desta viragem das sociedades atuais esta na separação que nela se operou entre estas dimensões e o agir existencial, que se misturam com o modo de ser no mundo. (Freitag, 2004, p. 74)

A história da arquitetura da Antiguidade, refletia as normas da sociedade, talvez hoje se trate de vermos e segundo Freitag (2004, p. 75) a maneira como “arquitetramos o mundo”, as normas que permitem ajuizar as nossas maneiras de viver individual e coletivamente, e a partir dos quais poderíamos cometer-nos a um processo de “abdução objetiva” das normas que nos regem. Freitag (2004, p. 75) alega que “o facto de ajuizarmos da invasão da fealdade não significa que sucumbamos, com fatalismo, a perda de sentido! Pode significar que tomaremos consciência da nossa responsabilidade perante a beleza e aprenderemos a ver o que a beleza nos diz sobre o valor do nosso fazer.”

Em breve conclusão, autor desta obra questiona se arquitetura não passa apenas de uma questão que se levanta pela alma romântica e nostálgica, alegando de seguida que a realidade atual parece ter escapado à arquitetura e por sua vez esta não vai de encontro à realidade. Esta última ideia é partilhada também pela autora Jane Jacobs, da obra que irá ser exposta de seguida.

Em continuidade Michel Freitag expõe que a arquitetura da história e reflexiva faz apenas sentido sobre um pano de fundo, originário de sociedades tradicionais e arcaicas. Sociedades estas em que a arquitetura se antecede ao aparecimento da arte, sendo considerada por Freitag como a mãe de todas as artes. O autor sugere, que o problema da arquitetura esta relacionado essencialmente à forma como a sociedade origina o mundo: como mundo humano, e como se identifica neste como o seu próprio mundo.

O objeto primitivo da arquitetura traduz-se na construção do espaço civilizado e de apropriação do individuo. (Freitag, 2004, p. 16) Apresentar, indicar e fazer ver, tomando à

nossa responsabilidade, o que significa registarmo-nos no mundo, segundo o autor é o dever teórico da ação e tarefa prática do pensamento.

Para Michel Freitag, o problema que se trata alcança qualquer indução de resignação, resume-se a salvaguardar o que existe, continuando a produzir e a criar (garantindo ligação entre tudo o que existe) o espaço e a razão do seu próprio sentido. Produzir da estética, absorvida como harmonia e proporção do conjunto, a norma do justo, e sujeitar a averiguação do justo e do injusto à confirmação desta harmonia. (Freitag, 2004, p. 65)

Em síntese, segundo o autor a arquitetura deve hoje, abrir porta à arquitetura do amanhã, estando apta a sugerir espaços coletivos concretos, capazes de amover espaços abstratos dos mass media. Deverá ser uma porta aberta à sociabilidade e ao apreço da sociedade por si própria, voltando a refletir-se como forma materializada de uma sociedade organizada.

2.2 Jane Jacobs: introdução de novos princípios de planeamento urbano

A obra *The Death and Life of Great American Cities*, da autoria de Jane Jacobs (1916-2006), jornalista, escritora e ativista, constitui uma grande crítica ao planeamento do século XX. Jane nesta sua obra escreve sobre os fundamentos da cidade na prática, alegando ser a única forma de se saber e entender os princípios do planeamento, que diligências de reurbanização conseguem promover a vitalidade das metrópoles, assim como também constatar os princípios e praticas que por outro lado a inviabilizam. (Jacobs, 2000, p. 2)

A autora prontifica-se a compreender o funcionamento do organismo complexo que é a cidade, isto depois de ter constatado que a origem do problema do urbanismo era a divergência entre as intervenções modernas e a realidade urbana. A ideia que pretende passar é que primeiro devera vir a observação e só depois a definição de princípios que orientem o desenho urbano.

A sua obra dividida em quatro partes, sendo que as três primeiras correspondem à descrição dos fenómenos urbanos e o quarto exposição de propostas. O primeiro capítulo: a natureza peculiar das cidades dá lugar à descrição da estrutura social das urbes, e onde a autora conclui que a rua é um dos componentes fundamentais para que haja um bom funcionamento da cidade. É a rua que possibilita a educação da comunidade, tornando-se num meio eficiente de garantir segurança.

Incluído no primeiro capítulo Jane escreve sobre o uso das calçadas: segurança, onde aqui é dito que as ruas contendo infraestruturas capazes de receber estranhos e simultaneamente serem seguras, nomeando como exemplo as ruas de bairros prósperos, deveram conter três características principais: a separação implícita entre espaço de uso coletivo e o privado, contrariamente ao que acontece nos subúrbios ou em conjuntos habitacionais. A segunda característica é que necessitam de olhos atentos para a rua, daqueles que nela residem ou que a frequentam assiduamente, a rua preparada convenientemente para receber desconhecidos e certificar a sua segurança é a que inclui o edificado que a delimita e olhos cuidadosos dos domiciliados voltada para ela. Por fim a última característica é que a calçada devera ter utilizadores a transitar constantemente, elevando assim o número de olhos sobre as mesmas e induzindo um número satisfatório de indivíduos dentro dos edifícios a observá-la. (Jacobs, 2000, pp. 35-36)

Os usos das calçadas como forma de contacto, o ponto fundamental para a sua vida social é precisamente o facto de serem espaço coletivo. A rua tem a capacidade de reunir pessoas que não se conhecem socialmente, sendo de referir que se o contacto de pessoas fosse

limitado apenas a sua convivência em espaço privado a cidade seria inútil. (Jacobs, 2000, p. 59) A confiança criada na rua apenas se adquire com tempo e através de imensos pequenos contactos nas calçadas, e a soma de todos eles, sejam eles vulgares ou não, nos fornecem a entendimento de identidade coletiva das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos. Segundo Jacobs (2000, p. 60) “a inexistência de confiança é um desastre para a rua. Seu cultivo pode ser institucionalizado. E, acima de tudo, ela implica não comprometimento pessoal.”.

Com relação ao uso dos parques de bairro, Jane Jacobs afirma que a ideia de que os parques são uma recompensa atribuída aos habitantes carentes da cidade, devera ser virada ao contrário, idealizando que os parques é que estão carentes de recompensa de apropriação e vida. Esta sim, é a ideia que vai de encontro à realidade, pois a apropriação dos usuários do parque é o que os transformam em lugares de sucesso, caso contrário estão condenados a fracasso. (Jacobs, 2000, p. 97)

Uma das primeiras condições para ter a percepção de que a cidade e os parques tem influência mutua entre si, é por fim a divergência entre usos reais e as fantasias de usos. E para compreender o desempenho que efetivamente o parque tem sobre a urbe, é preciso banir a falsa certeza de que estes são os elementos responsáveis de instituir o valor de bens imoveis, operado como âncoras da sociedade. (Jacobs, 2000, p. 100)

O traçado do projeto do parque fazem a diferença, se o intuito, que é comum a todos os casos, é gerar atratividade em vários horários, interesse e propósitos, então o seu projeto tem de promover essa generalização de frequência. Por norma costumam incluir quatro elementos nestes projetos que a autora nomeia como complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial. (Jacobs, 2000, p. 112) A complexidade diz estar associado à diversidade de motivos que os indivíduos têm para visitar os parques inseridos nos bairros, mas o que é fato é que as pessoas o frequentam por vários motivos em horários distintos. Esta complexidade devera ser sim estar associada à complexidade visual, a transições de níveis criando espaços distintos, agrupando árvores, alcançando áreas diversificadas que abrem perspectivas variadas. (Jacobs, 2000, p. 113)

Como refere Jacobs (2000, p. 114) ,os “ pequenos parques e bons geralmente tem um lugar reconhecido por todos como sendo o centro- no mínimo, um cruzamento principal e ponto de parada, num local de destaque”. Nesta citação, a autora ao alegar que os parques urbanos de qualidade, por norma, são espaços reconhecidos pelos utilizadores como centrais originários de atravessamentos e pontos de convergência e de paragem, é um facto a ser considerado na criação de futuros espaços.

O sol é um elemento que a autora nomeia na sua obra como sendo um dos que devem fazer parte do cenário do espaço coletivo de sucesso, referindo que as sombras também devem ser elementos existentes para que seja uma hipótese no verão. Frisa que os edifícios que envolvem estes espaços públicos são importantes na conceção do seu projeto, pois são os que lhe conferem configuração, forma, fazendo com que este seja destacado como constituinte importante do panorama urbano, sendo um aspeto positivo e nunca um espaço supérfluo de sobra. (Jacobs, 2000, p. 115)

No que diz respeito ao usos bairros, aqueles que revelaram ser funcionais na sua autogestão são os que permitem a leitura da cidade como um todo incluindo ruas distritos etc., então a conceção do seu planeamento físico para que este seja eficiente devera ter os seguintes objetivos: deveram fomentar ruas atrativas e vivas; engendrar o tecido dessas ruas segundo uma malha continua por todos conjuntos urbanos capazes de conter o poder necessário de construir uma periferia em potencial; os parques, edificado, praças e outros integrem esse tecido, e através dele intensificar a complexidade de usos do mesmo; por último evidenciar a identidade funcional de áreas consideradas extensas com intuito de operar como conjunto. (Jacobs, 2000, p. 141)

Quais os dispositivos geradores de diversidade é o tema que trata a segunda parte desta obra. Jacobs nomeia quatro condições necessárias que dão origem à diversidade urbana: o conjunto urbano deverá atender a mais do que uma função, garantindo a presença das pessoas que saem das suas habitações em horários distintos e estando em lugares por motivos diferentes, sendo capazes de utilizar grande parte das infraestruturas. Como segunda condição: os quarteirões devem ser curtos, isto é, as esquinas devem ser frequentes, terceira condição: o conjunto deve incluir combinação de edifícios com idade e estados de conservação como também edifícios antigos que gerem rendimento económico variado. Por último a quarta condição é devera haver alta densidade de indivíduos independentemente dos seus desejos, concentração de pessoas em que o propósito seja lá residir. (Jacobs, 2000, p. 165)

É fato que os automóveis ganharam extrema força na vida das pessoas com o ideal das anti cidades com o surgir de periferias que aumenta a distância do deslocamento dos indivíduos. Segundo as palavras de Jane Jacobs (2000, p. 389), a erosão das cidades traduz-se como se fossem garfadas: “ primeiro em pequenas porções, depois uma grande garfada. Por causa do congestionamento de veículos, alarga-se uma rua aqui, outra é retificada ali, uma avenida larga é transformada em via de mão única, instalam-se sistemas de sincronização de semáforos para o trânsito fluir rápido, duplicam-se pontes quando a sua capacidade se esgota, abre-se uma via expressa acolá e por fim uma malha de vias expressa. Cada vez

mais solo vira estacionamento, para acomodar um número sempre crescente de automóveis quando eles não estão sendo usados.”. Resumindo, quanto mais espaço for cedido aos automóveis, mais estes carecidos de espaço estarão, permanecendo neste ciclo vicioso.

Jane Jacobs expõe neste subcapítulo que os problemas de mobilidade não devem ser atribuídos exclusivamente aos automóveis, mas sim no foco exclusivo nele aplicado pelas cidades, como também da excessiva utilização. O automóvel poderá fazer parte do cenário das cidades, mas com o uso reduzido e controlado. Para a autora (2000, p. 404), “a questão não é a redução dos carros da cidade, mas a redução de automóveis pelas cidades”. Para planejar uma área livre de carros, por exemplo, deverão ser consideradas as necessidades de resolver a forma como o comércio irá receber veículos para abastecimento.

O seguinte subcapítulo com respeito à ordem visual: limites e potencialidades, em que aqui trata sobre as ações que geram um desenho urbano de urbe eficiente, Jacobs alega ser na complexidade e vitalidade de usos que se gera estrutura e forma adequadas de uma cidade. Frisando e rematando também que, para que esta estrutura seja funcional é essencial haver intensidade e diversidade. (Jacobs, 2000, p. 420)

Relativamente aos projetos de revitalização estes não são nada mais nada menos que retificações de erros passados, principalmente aquelas que tocam os conjuntos habitacionais. A verdade é que muitos conjuntos ergueram-se sem preocupação de como iriam se iriam integrar, funcionar e estabelecer relação com a cidade. Em resposta, a autora nomeia três sugestões que auxiliaram nesses processos de intervenção, 1º: reorganização e reintegração do espaço em questão à cidade, 2º: promover segurança no interior do edificado, 3º: abolir o limite de renda máxima dos moradores (Jacobs, 2000, pp. 455-460).

Para fecho da sua obra Jacobs termina com o tema: o tipo de problema que é a cidade, e nesta parte a autora especula sobre metodologias ideais para analisá-las, acabado por chegar à conclusão de que os modos de reflexão mais importantes são: primeiramente refletir sobre os processos, em seguida a persuasão de raciocínios que vão desde o particular ao genérico e por fim encontrar sinais “ não-médios que envolvam uma quantidade bem pequena de coisas, as quais revelem como funciona uma quantidade maior e média.” (Jacobs, 2000, p. 490).

Sintetizando, Jacobs entendia a cidade como um organismo em constante mutação, não receava as suas dimensões nem a modernização e as suas consequências. Defendia sim, que essa modernidade apenas deveria estar integrada adequadamente na cidade, implementando e respeitando a diversidade.

Concluindo esta obra expressa uma forma de pensar e fazer cidade, e que o planeamento deve ser capaz de se auto criticar, estando em constante análise a adequação dos seus modelos com relação à realidade. Segundo a autora a vitalidade das cidades depende da diversidade de usos, permeabilidade de vizinhanças, de pessoas, da recuperação dos bairros de habitação, com rendas de baixo custo, de um ambiente económico estável e da ordem visual clara. Todos estes objetivos são os pilares de apoio da força económica, da vitalidade social e do magnetismo urbano. Para que estes sejam alcançáveis, é necessário adotar novas estratégias, pois o planeamento encontra-se estagnado.

Os espaços coletivos podem proporcionar intensa vida urbana, contendo bons acessos, vitalidade, oportunidade e diversidade de usos. Devera criar sensações, onde haja controlo, atração, adequação e autenticidade da vida pública com auto confiança urbana. Combinações singulares deveram ser os principais objetos de observação dos urbanistas pois as cidades ativas, em sua diversidade incluem em si mesmas a semente para a sua regeneração. (Jacobs, 2000, p. 499)

2.3 Rosália Guerreiro: um conceito de percepção do espaço

Segundo o artigo da professora Maria Rosália Guerreiro, intitulado: *Interstícios urbanos e o conceito de espaços exterior positivo*, o conceito de interstício revelou ser um ensejo de investigações interdisciplinares. O interesse desta temática para a autora, emergia da área do urbanismo, observando a cidade como um objeto de arquitetura. Este termo de origem na biologia manifestava-se apropriado para estudos de espaços urbanos formalmente orgânicos, de aparência irregular e que tiveram um desenvolvimento gradual. Da perspetiva urbana é interessante ter como objeto de estudo o espaço de fundo delimitado pelo edificado, sendo que este aspeto persuade a qualidade estrutural do espaço na cidade e consequentemente na sua apropriação por parte do indivíduo.

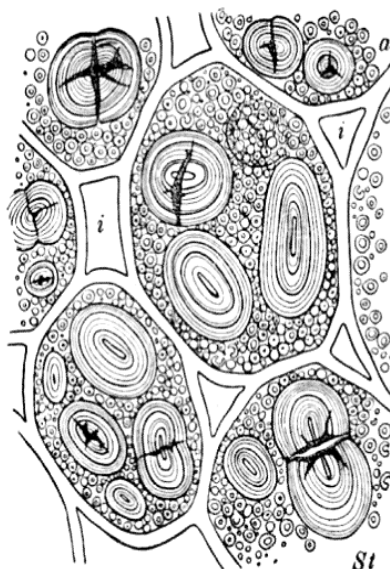
A autora defende que esta forma de organização coerente ainda que irregular, de geometria euclidiana, ferramenta importante para a arquitetura, perde ênfase sendo tomada pelo conhecimento em outras ciências como a biologia ou física. (Guerreiro, 2008, p. 13) A ordem em arquitetura em aproximação com a da natureza prossegue com a mutação do paradigma racional para uma perspetiva sistémica do mundo, originando um convénio entre a arte e a ciência. Interessou à autora, expor a qualidade estrutural dos espaços orgânicos versus outros modelos de cidade, nomeando como essa qualidade intervém no uso dos mesmos por parte dos indivíduos. Sendo o protótipo de espaço que seduz os planeadores, pela sua forte componente ecológica, esta abordagem visa esboçar uma contestação operacional relativamente ao modo como podem ser examinados e projetados estes espaços, divulgando qual o seu sentido prático na atualidade.

Uma analogia com o espaço versus o conceito de interstício

Segundo a autora, na biologia o termo interstício corresponde ao orifício ou espaço que existe na estrutura de um órgão. É o espaço entre as células, moléculas, órgãos. Por analogia, em arquitetura utilizamos este conceito para definir o espaço sem edificação, que resulta da implantação do construído. Correspondem em linguagem arquitetónica, aos vazios, sendo que os cheios são o edificado, ou seja o que entendemos como o negativo e positivo.

Rosália Guerreiro neste seu artigo, explica que a analogia surge do confronto entre as cidades consideradas formalmente orgânicas ou irregulares, sendo que a sua composição se parece à de um organismo vivo, podendo esta analogia ser feita também aos vários modelos de cidade em geral. Portanto, assim como nos tecidos dos órgãos, compostos por células que articuladas entre si germinam os tais orifícios interstícios, de variadas formas, na cidade

orgânica o edificado origina espaço do mesmo género. As [Img. 18 e 19] que se seguem representa esta comparação, onde se pode observar na [Img. 18] à esquerda, as células que compõem a semente da ervilheira, e onde se constata os espaços intersticiais a cor branca, [Img. 19] à direita a composição de uma cidade orgânica em Martina França, Itália, com o edificado representado a cor preta (cheio) e os espaços intersticiais: representado a cor branca (vazio).



Img.18: Composição de células que constituem a semente de ervilheira. Fonte: (Guerreiro, 2008, p. 14)



Img.19: Cidade orgânica: Martina França, Itália. Fonte: (Guerreiro, 2008, p. 14)

A caracterização dada ao espaço positivo e negativo na arquitetura, termina por ter uma sujeição de forma (o construído) e de fundo (o vazio), denunciando aqui a maior importância dada ao edificado, como elemento de desenho urbano, e contrariamente menor importância ao espaço vazio (intersticial), o espaço que resulta da agregação do edificado, o espaço público coletivo que atribuímos mais valor na cidade.

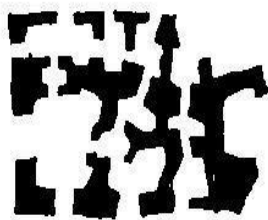
Rosália Guerreiro (2008, p. 14) refere que “além dos fatores que habitualmente enunciados para explicar o estado caótico das nossas cidades, especulação imobiliária, pobreza, acessibilidade, etc. Verificamos que existem também uma crise de perceção do espaço intersticial enquanto forma, ou seja, enquanto objeto de planeamento e de desenho.”

Para esta autora, existe uma tendência, em agrupar variáveis urbanas em dois grupos inversos, com o intuito de compreender a estrutura física das cidades, sendo que o primeiro é o edificado, e o segundo o não edificado. Não obstante este espaço vazio: não edificado, tem uma forma, e a sua qualidade e dimensão são gerados diretamente através da

composição dos seus limites, a autora reforça esta sua ideia citando Ching, que alega que a forma arquitetónica provém do encontro entre a massa e o espaço. (Guerreiro, 2008, p. 15)

No seguimento deste contexto, o arquiteto Austríaco, Christopher Alexander (1963) na sua obra *A Pattern Language*, expõe a sua ideia face a leitura e perceção do espaço exterior, considerado anteriormente como espaço resultante do edificado. Segundo o autor existe dois tipos de espaço exterior, o negativo e o positivo, isto é, o negativo é resultado da implantação do edificado de tal forma que original espaços de sobra, os residuais, contrariamente o espaço exterior positivo é entendido como aquele que de forma coerente, equilibrada e planificada com a mesma importância que o construído, geminando espaços de leitura não residual.

Estes dois tipos compõem-se através de planos geométricos distintos, como podemos apurar nas [Img. 20 e 21] que se seguem, a [Img. 20] corresponde aquela que identificamos como espaço exterior negativo, cujo edificado surge como figura e o exterior apenas como pano de fundo, não existindo reverso. A [Img. 21] é o designado espaço exterior positivo, pois o edificado surge como figura e o espaço exterior também, identificamos isto como figura-fundo [Img. 22].



Img.20 e 21: Espaço exterior negativo; Espaço exterior positivo.
Fonte: (Guerreiro, 2008, p. 15)



Img.22: Reverso figura-fundo Duas caras ou uma jarra.
Fonte: (Guerreiro, 2008, p. 15)

Podemos constatar na figura apresentada anteriormente a estas últimas três, correspondente à cidade considerada orgânica: Martina França em Itália, onde este conceito de espaço exterior positivo esta implícita nesta estrutura natural de cidade irregular, assim como as geometrias encontradas na natureza não são residuais, todos os elementos integrantes têm uma função específica.

O que se pode concluir destas cidades orgânicas é que podem ser modelo solução para a reconstrução/construção de novos ambientes urbanos, apesar de ser difícil a comprovação da eficácia deste modelo, como aquele em que os indivíduos se apropriam mais facilmente do espaço exterior positivo, do que nos negativos onde a apropriação é difícil ou até

impossibilitada. Enquanto elemento arquitetónico, o conceito de espaço exterior positivo é essencial para o estudo das cidades. É uma forte possibilidade que essa forma de espaço substancial em si mesmo, seja uma assistência para a constituição de uma unidade urbana coesa com competência de autorregulação. Como afirma o autor Christopher Alexander, em outra das suas obras, *The Nature of Order*, em reforço a esta ideia como Guerreiro (2008, p. 15) refere no seu artigo: “ a natureza positiva do espaço é indispensável para a preservação da unidade do sistema.”

Expostos estes conceitos Rosália Guerreiro, questiona pertinentemente como se consegue então projetar e construir este tipo de espaços, e qual o seu sentido na cidade e sociedade atual? Como poderemos transformar os espaços negativos característicos da urbe contemporânea em espaços positivos? (Guerreiro, 2008, p. 18)

De modo breve e operativo, a autora encontra as respostas nos estudos elaborados e desenvolvidos por Christopher Alexander, o autor que anteriormente identificara o conceito de espaço exterior positivo, passando a expor de seguida o método e certos aspetos deste seu trabalho. Observemos a duas imagens que se seguem [Img.23 e 24].



Img. 23: CIDADE DE BREKELEY, CALIFORNIA

CARACTERIZAÇÃO:MODELO DE CIDADE DE FRACA QUALIDADE DE VIDA URBANA

Equiparado ao Modelo Máquina

LEGENDA:

CINZA ESCURO: rede viária: grande percentagem de terreno.

BRANCO: passeio reduzidos e descontínuos.

CINZA CLARO: Jardins privados.

PRETO: Edificado.

Fonte: (Alexander, 2005, p. 288)



Img. 24: PROJECTO POR ALEXANDER INSPIRADO NO MODELO ORGANICO E DO CONCEITO ESPAÇO EXTERIOR

CARACTERIZAÇÃO: MODELO DE CIDADE DE ALTA QUALIDADE DE VIDA URBANA

Equiparado ao Modelo Organismo

LEGENDA:

CINZA-ESCURO: rede viária: menor% descontinua, a favor do peão.

BRANCO: Espaço público: maior continuidade e quantidade.

CINZA-CLARO: espaço verde: redistribuído coerentemente.

PRETO: Edificado: o mesmo nº de fogos que a anterior.

Fonte: (Alexander, The Nature of Order, 2005, p. 288)

As cores utilizadas por Christopher Alexander nestes estudos, representam as diferentes layers da ocupação do terreno, considera o preto para o edificado, a branco os passeios pedonais, a cinzento-escuro a circulação viária, a cinza claro espaços público e verde, que incluem também o espaço verde privado. Na [Img. 23] podemos ver o esquema da planta da cidade de Berkeley, modelo típico das cidades Americanas, que podemos comparar ao modelo máquina, mostra-nos uma área de quarteirões bloqueados. Versões deste modelo, podem ser encontradas em África, Austrália, Rússia e China, bem como poderia modelo de certas periferias de Lisboa.

Este ultimo modelo [Img. 24] é considerado pelo autor, um padrão de cidade de baixa qualidade de vida, onde o que está identificado a cinzento-escuro: com maior percentagem de terreno, é atribuída a rede viária, os passeios pedonais descontínuos: a branco, com percentagem reduzida, os jardins privados: que rodeiam o edificado, representada a cinza claro são mal aproveitados. Neste esquema, o terreno é em grande parte inútil tornando-se ingrato para os propósitos humanos. As estradas ocupam agressivamente o espaço fazendo com que os carros dominem a área pública. Os passeios que viabilizam oportunidades para o prazer humano, são estreitos e comprimidos pela rede viária. Os jardins são confinados e feitos restritamente.

Em contraste e com uma configuração completamente diferente, temos a [Img. 24], um plano idealizado e concebido por Christopher para a mesma área, utilizando as mesmas layers para a sua identificação, com a mesma densidade, o mesmo número de fogos, e o mesmo número de veículos em circulação. Contudo neste caso o autor tem como objetivo dinamizar, revitalizar o espaço, dando-lhe vida e tornando-o assim mais orgânico, transformando o espaço negativo em espaço positivo criando assim um sistema de reverso figura-fundo anteriormente referenciado [Img. 22]. (Guerreiro, 2008, p. 18) Proporciona assim uma fácil

apropriação do espaço, os passeios são largos, permitindo articulação entre os diversos espaços e permeabilidade entre os quarteirões. O que existe é único em cada espaço local.

As casas são distribuídas de forma espontânea sobre o território. As áreas verdes de forma extensa trabalham em parceria, mesmo quando estão em áreas privadas. Um dos pontos fortes é que confinam boas áreas para pedestres, sendo que as ruas e caminhos formam um centro coerente que presenteia ao bairro uma qualidade comum e com uma estrutura hierarquizada. Neste segundo caso não havendo quarteirões extensos e clausurados, com ausência de permeabilidade entre espaços, que dificultam assim as circulações dos pedestres, é a que o autor considera o modelo de cidade com alta qualidade de vida.

Com distinção ao primeiro modelo da cidade de Berkeley exposto, Alexander na *layer* a preto correspondente ao edificado, inclui para além da habitação, comércio e serviços porque para ele o carácter primordial de um bairro depende do modo que estes elementos se articulam na sua composição. Esta leitura através das *layers* dos diferentes elementos faculta-nos a visão do todo e das partes, que por sua vez são todos, isto no caso do segundo modelo [Img24]. Este padrão espacial de influência no modelo orgânico/biológico, onde a qualidade dos espaços interstícios advém do carácter positivo dos espaços exteriores. Segundo Guerreiro (2008, p. 19) a “validade deste modelo na atualidade e eventualmente no futuro residirá na sua intemporalidade.”

Para concluir, os interstícios urbanos podem então ser identificados por dois tipos: espaços residuais e sem forma, os negativos; ou espaços com forma, os positivos. Toda a fração do espaço contem um sentido e função específica, assim como na natureza e a sua estrutura. Esta distinção reflete-se na forma como é feita a apropriação do espaço por parte do indivíduo, sendo que é mais intensa em espaços positivos e dificultado em espaços negativos.

Constata-se que interstícios urbanos estão associados ao modelo de cidade organismo, o identificado por Alexander como aquela que possui alta qualidade de vida. Esta qualidade é assemelhada novamente aqui aos tecidos dos seres vivos, fracassando em grandes extensões urbanas atuais que apresentam espaços exteriores residuais. Foi aqui mostrado operacionalmente como transformar estes espaços residuais em espaços positivos, com a proposta idealizada por Alexander de cidade orgânica, sendo implícito que terá de ser mudado o paradigma de fazer cidade, tendo sim como objeto de estudo os espaços públicos e não o edificado. Como remata Guerreiro (2008, p. 19), a malha urbana “que assim se vai cerzindo, pontualmente, localmente, cirurgicamente, torna-se mais orgânica e autorreguladora e portanto com mais vida.”

3 PERSPETIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS

O presente capítulo é destinado às perspetivas teórico-práticas, destina-se aqueles que foram identificados previamente como os autores que nas suas obras continham a vertente teórica e prática. Expostos respeitando sempre a esta lógica do global para o específico. *Life Between Buildings* de Jan Gehl trata-se de um obra de conteúdo direcionado para o espaço público e a sua relação com indivíduo, onde o autor redige sobre a importância da eficaz conceção de espaços coletivos urbanos, sob alçada dos desejos dos indivíduos como princípios orientadores. Esta é uma abordagem direta que fornece inspiração para os especialistas que ambicionam elevar a habitabilidade das cidades.

3.1 Jan Gehl: a vida no espaço público e o feedback do indivíduo

Jan Gehl (1936) é um arquiteto e urbanista dinamarquês, cujo trajeto profissional é construído com suporte no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana, através da reorientação do planeamento urbano beneficiando pedestres e ciclistas. Numa entrevista dada à AU: Arquitetura e Urbanismo, cujo tema em debate era sobre Cidades e escala humana, Gehl revela que este seu interesse de uma arquitetura para pessoas, deve-se muito em parte pela sua união de factos com a psicóloga Ingrid Gehl em 1961, segundo o arquiteto, em algumas das conversas conjugais, Ingrid questionava-o frequentemente, “porque vocês, arquitetos, não estão interessados em pessoas? Vocês estão muito interessados em formas, mas vocês não sabem nada sobre as pessoas.” (Gehl, 2011), Jan confirma nesta mesma entrevista que Ingrid teria razão, e que começaram a estudar desde então, essa ligação entre a arquitetura, psicologia e sociologia.

Em 1987, Jan Gehl faz o lançamento do seu livro *Life Between Buildings*, uma obra onde o autor argumenta pela importância da diversidade de atividades na dinâmica citadina, onde estrutura um pensamento urbano que oferece vida às ruas superando a segregação modernista. É implícita, a escolha deste autor dado o tema da investigação em decurso.

O autor faz a abertura do tema que trata, com a descrição de uma cena de rua, numa rua comum, num dia banal, onde os pedestres andam pelos passeios, onde as crianças brincam frente às portas, pessoas sentadas em bancos, os carteiros fazem as suas rondas diárias, e até mesmo um mecânico que faz a reparação rápida de um carro. Como introduz Gehl (2011, p. 9), “This mix of outdoor activities is influenced by a number of conditions. Physical environment is one of the factors: a factor that influences the activities to a varying degree and in many different ways.” Todas as atividades exteriores, ou atividades ao ar livre, identificadas

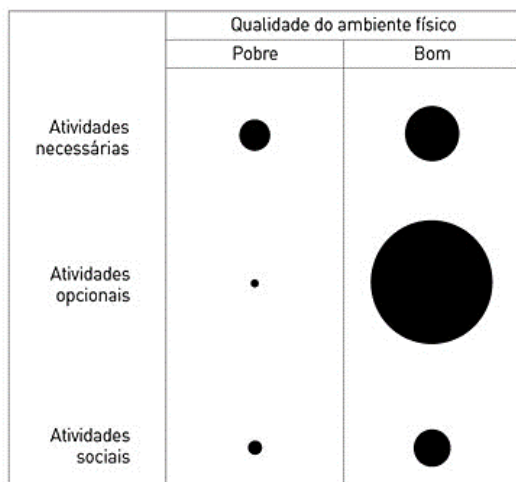
na descrição feita inicialmente, são diretamente persuadidas por uma série de fatores. As atividades ao ar livre e o ambiente físico que as influenciam são o foco, tratado nesta obra.

Jan Gehl faz a divisão dos tipos de atividades exteriores em três categorias, sendo que a primeira, corresponde às atividades necessárias; a segunda às atividades opcionais; e a terceira e últimas as atividades sociais. As atividades necessárias são entendidas como as compulsivas, isto é, ir para a escola, esperar por uma pessoa num determinado espaço, em suma todas as atividades de maior participação nas tarefas quotidianas, como o andar, o movimento, a dinâmica diária. Refere também, que esta primeira categoria é aquela que acontece sob todas as condições, e em que os participantes não têm escolha, são atividades do dia-a-dia. (Gehl, 2011 , p. 9)

As atividades opcionais são aquelas que contrariamente à primeira, requerem algumas condições exteriores favoráveis, acontecem quando há um desejo manifestado pelos participantes em fazer algo, em que o tempo e o espaço seja convidativo a, como por exemplo, dar um passeio, respirar ar puro, sentar e apanhar sol. (Gehl, 2011 , p. 9)

Consegue ser bastante perceptível a importância da relação entre condições físicas e atividades ao ar livre. Quando os ambientes exteriores são fracos, ou de baixa qualidade, apenas as atividades necessárias ocorrem, quando os ambientes exteriores são fortes, ou de alta qualidade tanto as necessárias como as opcionais sucedem, resultando assim, em espaços de maior afluência. Segundo Gehl (2011 , p. 11), “These activities are especially dependent on exterior physical conditions.”

A terceira, e última categoria é a correspondente às atividades sociais, são estas as resultantes das duas anteriores categorias, isto é, são entendidas como fenómeno social. Estas são todas as atividades que dependem da presença umas das outras no espaço público, que tomam como exemplo: crianças a brincar, conversa entre indivíduos, em suma são atividades comuns de vários tipos com várias finalidades, incluindo os contatos passivos entre indivíduos: como o sentar, e ver outras pessoas a passar, ou simplesmente ouvi-las a conversar. (Gehl, 2011 , p. 12)



Img. 26: Quadro da relação entre a qualidade do espaço exterior com relação a ambientes exteriores: pobres e bons. Fonte: (Gehl, 2011 , p. 11)

Este quadro [Img. 26] é relativo à qualidade do ambiente físico, em que as variáveis são as atividades necessárias, opcionais e sociais, com relação aos ambientes exteriores: pobres e bons. A mancha preta corresponde ao número de pessoas que aderem ou permanecem num determinado espaço. Fazendo uma leitura do esquema, é possível apurar que as atividades necessárias nos ambientes exteriores pobres e bons, a mancha é aproximadamente igual, havendo uma pequena diferença entre o fraco: menor mancha para o bom.

Nas atividades opcionais, regista-se uma grande dissemelhança de mancha, nos ambientes físicos pobres é quase inexistente, e contrariamente nos ambientes físicos bons, a mancha é de grande intensidade. As atividades sociais: as resultantes têm notoriamente uma mancha mais densa, no bom ambiente físico, sendo apenas significativa a mancha no ambiente físico pobre. Gehl (2011 , p. 11) alega que “In a good environment, a completely different, broad spectrum of human activities is possible.”

Sinteticamente, quando existe qualidade das áreas externas, atividades opcionais sucedem com frequência proporcionalmente crescente, quando a quantidade de atividades opcionais aumenta, a quantidade de atividades sociais também aumenta consideravelmente. Ainda com relação as atividades sociais, estas podem ser detidas em vários sítios, tais como, espaços exteriores privados: varandas, espaços de trabalho, espaços entre prédios, entre outros. Mas neste contexto, apenas as atividades sociais que ocorrem em espaços públicos acessíveis, foram estudadas. São nomeadas atividades sociais resultantes das necessárias e opcionais, pois só são possíveis quando efetivamente os indivíduos se cruzam, estabelecendo algum tipo de contacto. Deste modo são caracterizadas também como ocorrências espontâneas, consequência direta de um movimento de pessoas no mesmo espaço. Como refere Gehl (2011 , p. 12), “This implies that social activities are given better condition in public spaces.”

O carácter das atividades sociais dependem também do contexto onde estas ocorrem. Nas ruas residenciais, perto de escolas ou de locais de trabalho, onde um limitado número de pessoas com interesses em comum, nos espaços públicos estas atividades são compreendidas entre o conversar, debater, jogar a dois algo que seja de interesse mutuo (isto se se conhecem), ou apenas permanecendo a olhar umas para as outras.

Nas ruas das cidades ou dos centros urbanos, estas atividades são geralmente mais superficiais, ficando-se pelo contato passivo: do ver passar, ouvir outras pessoas. Em uma

interpretação mais livre, atividades sociais tomam o seu lugar, quando duas pessoas estão juntas no mesmo espaço. Ouvir, ver e conhecer, é por si só um contacto, uma atividade social. Meramente estar presente, é uma forma de atividade, a presença de dois indivíduos é a suficiente para garantir a atividade social. Esta conexão, é importante no que diz respeito ao planeamento físico. (Gehl, 2011 , p. 13)

Ainda que o ambiente físico, não tenha uma influência direta na qualidade do espaço, no seu conteúdo e na intensidade dos contatos sociais, os responsáveis pelo seu planeamento, podem afetar o contacto: de ver; ouvir; falar e de reunião, ambos podem afetar a qualidade, como também, tornar-se no pano de fundo e um ponto de origem para outras formas de contacto. Este é o background para a investigação desta obra, conhecer possibilidades e oportunidades de ver e ouvir outras pessoas. Outras das razões para a compreensão destas atividades, é a presença de outras pessoas; atividades; eventos e estimulação são qualidades dos espaços públicos completos.

Se retrocedermos até à descrição inicial, de uma cena de rua, é essa a que define as três categorias de atividades exteriores, podemos ver como as atividades necessárias, opcionais e sociais, ocorrem em um padrão entrelaçado. “People walk, sit and talk.” (Gehl, 2011 , p. 14). O funcional, recreativo e atividades sociais, abrangem todas as combinações possíveis, isto é, a observação das atividades exteriores, não começa como uma única e limitada categoria.

A vida entre os prédios, não é exclusivamente correspondente ao tráfego pedestre, recreacional ou às atividades sociais, mas sim, um conjunto de atividades que combinam para tornar os espaços comuns e residenciais com sentido e mais atrativos. Ambas necessárias, atividades funcionais, opcionais e recreativas foram examinadas ao longo dos anos em diferentes contextos. Sendo que as atividades sociais e a sua trama, formando um tecido comum terão recebido consideravelmente, menos atenção. Esta matéria será o background para as seguintes observações das atividades sociais nos espaços públicos.

Com relação à vida entre os prédios e a necessidade de contato, esta existência representa primeiramente um contato de fraca intensidade comparativamente a outras formas de contato, contudo, este tem um grande ênfase tanto no contato independente como também é um pré-requisito de outras formas de contato e até formas mais complexas de interação.

Se as atividades entre prédios é escassa, a forma de contato mais fraca desaparece, e as várias formas de transição entre o estar sozinho e acompanhado também. A existências destas atividade confere a oportunidade de estar com os outros, de modo relaxado e não obrigatório, de modo livre e espontâneo. Estar com outras pessoas implica experiências positivas contrariamente ao estar sozinho. Em oposição ao estar observar a experiência de

outras pessoas na televisão: via vídeo ou filme, no espaço público, o indivíduo está presente, participando ainda de maneira modesta na ação, é parte da mesma. (Gehl, 2011 , p. 17)

O contato de fraca intensidade pode dar origem a outras formas de contacto, o espontâneo, o não planeado. Este pode ser constatado, observando por exemplo, como as crianças, sem se conhecerem, iniciam uma brincadeira. Isto é, o primeiro requisito para o contacto, é simplesmente, estar no mesmo espaço. Havendo um contato de certo grau de intensidade, este é sempre suscetível de aumento. Se a vida entre os prédios oferecerem condições favoráveis, conjuntamente com um planeamento sensível das cidades e das suas áreas habitacionais, é tão mais relevante e interessante de ver a longo prazo, do que o betão colorido e suas formas extravagantes, frisa Gehl, e que existem tentativas de tornar os edifícios interessantes e ricos usando efeitos de arquitetura dramática que poderiam ser poupadas. (Gehl, 2011 , pp. 19- 22)

Em relação as atividades como elemento atrativo, através de uma serie de observações, sobre as razões pelas quais as pessoas recorrem ao espaço público, é conclusivo que o que atrai pessoas são outras pessoas. (Gehl, 2011 , p. 25). Relativamente à preferência dos utilizadores, na escolha do sítio para se sentar, é observado que elegem os sítios com uma vista privilegiada e agradável, seja para uma paisagem atrativa, como também com vista para onde há algo a acontecer, ou seja, movimento, atividade, pessoas.

Uma investigação no Tivoli Garden, em Copenhaga apura que os lugares para se sentar mais concorridos, são aqueles com implantação ao longo do jardim, que lhes proporciona vista para áreas com atividades particulares, enquanto os mais afastados, em áreas sossegadas, tem efetivamente menos aderência. Outra investigação, agora no centro de Copenhaga, é constatado que os sítios para se sentar mais recorrentes, são aqueles com vista para os trajetos de maior tráfego pedestre. (Gehl, 2011 , p. 27)

Um outro estudo, ao cuidado da escola de Arquitetura Royal Danish Academy of Fine Arts, feito sobre rua principal no centro de Copenhaga, Stroget, constata que a maior atração de rua é ver, ouvir e conhecer outras pessoas, estudo este baseado na investigação: onde param os pedestres e porquê. Verifica-se também que as paragens de menor número são frente a bancos, escritórios, ou exposições monótonas de rua, por outro lado regista-se maior paragem junto a quiosques, lojas de rua, exposições de foro interativo, que proporcionam uma relação direta entre indivíduos e com o ambiente social em redor.

Em suma existe um maior interesse por variadas atividades humanas no espaço exterior. Os consideráveis foram observados: nos eventos de vida quotidiana, novamente o registo de crianças a brincar; pessoas a passear, artistas de rua em performance e até em zonas de

comércio em expansão aquando em processo de obra, as pessoas param e observam os trabalhadores em movimento, e não edifício como objeto de interesse, isto ocorre normalmente nas horas de almoço e fim do dia. Onde se conclui que indivíduos e atividades humanas são o objeto de maior atenção, interesse e atração. (Gehl, 2011 , p. 29)

As atividades e qualidades dos espaços públicos exteriores influenciam o planeamento físico, isto é, tanto como é possível de haver paletes de cores numa cidade, criar melhores e piores eventos exteriores; criar cidades com ou sem vida, por decisões de planeamento é possível criar padrões de atividades que persuadem de modo a gerar melhores ou piores condições exteriores, mais ou menos vida nas cidades. O espectro das possibilidades pode ser descrito por dois extremos. Sendo que o primeiro extremo traduz-se em cidades com edifícios de multi-história, com metro e infraestruturas para parques de estacionamento, tráfico extenso de automóveis e longas distancias entre edifícios e funções. (Gehl, 2011 , p. 31)

Este tipo de cidade pode ser revista em varias cidades norte americanas com também em cidades modernas europeias. Cidades como estas, identificam-se com excesso de construção, em que os áreas públicas pobres, onde os carros predominam o espaço deixando o pedestre sem condições. Fazendo com que haja preferência por parte do individuo residente nestas cidades, pela permanencia em casa, nas varandas ou em outros espaços privados exteriores. O segundo extremo traduz-se em cidades que têm os edifícios e funções mais próximos uns dos outros, que contem boas áreas exteriores de permanência, são normalmente cidades de escala mais pequena, que por consequência se torna mais vivida, mais agradável, dinâmica, convidativa, e onde os espaços dentro dos edifícios são complementados com os espaços exteriores, originando assim espaços públicos de qualidade.

Evolução e qualidade dos espaços os exteriores

As atividades sociais que dependem do espaço e das suas condições físicas são as que ocorrem ou não consoante as condições exteriores. A evolução e qualidade das atividades exteriores pode ser observada e constatada, nas ruas sem tráfego nas zonas urbanas existentes. Esta evolução da qualidade das condições físicas, foi resultante do número impressionante da quantidade de pedestres, quantificada através de uma média de tempo de permanência em espaços exteriores. Um espetro de atividades exteriores, com as variáveis tais como: número de pedestres na rua, o tempo médio de permanência no espaço, e atividades a decorrer.

O estudo que as atividades ocorrentes no centro de Copenhaga, registada na primavera/verão em 1986, demonstrou que o número de pedestres nas ruas e nas praças triplicou de 1968-1986. Paralelamente a este melhoramento das condições físicas, o triplo das pessoas em pé e sentadas foi constatado. Um outro estudo em 1995, ainda demonstrou um aumento superior nas atividades a decorrer em espaços públicos. Em condições em que as cidades vizinhas oferecem variadas condições para atividades há uma grande diferença identificada. (Gehl, 2011 , p. 34) Cidades Italianas com ruas exclusivamente para os pedestres e com praças sem carros, a vida no exterior da cidade é mais intensa comparativamente às visitas de carro às cidades vizinhas.

Em 1978, um estudo sobre atividades nas ruas de Sydney, Melbourne, Adelaide e Austrália, feito por estudantes de arquitetura da University of Melbourne e da Royal Melbourne Institute of Technology, encontraram uma conceção direta entre a qualidade da rua e a qualidade das atividades exteriores. Em adição experimental de aumentar as bancadas a 100% em ruas de Melbourne, resultou em um acréscimo de 88% de atividades sentadas. (Gehl, 2011 , p. 34) Gehl referencia William Whyte, autor que se segue, nesta sua exposição que vai de encontro ao seu parecer, quando descreve a conexão próxima entre a qualidade dos espaços da cidade e a qualidade de atividades na cidade, e confirma que simples alteração física pode melhorar o uso de espaços da cidade. Resultados comparáveis foram encontrados em Nova Iorque e nos Estados Unidos, em áreas residenciais, esquemas de redução de tráfego, limpeza de jardins, o *layout* dos parques e o desenvolvimento de espaços exteriores têm sido recorrentes. (Gehl, 2011 , p. 34)

Deteriorização da qualidade dos espaços

A deteriorização da qualidade dos espaços pode ser revista no famoso estudo das três avenidas vizinhas na cidade de São Francisco. Contextualizando, em 1969 os carros

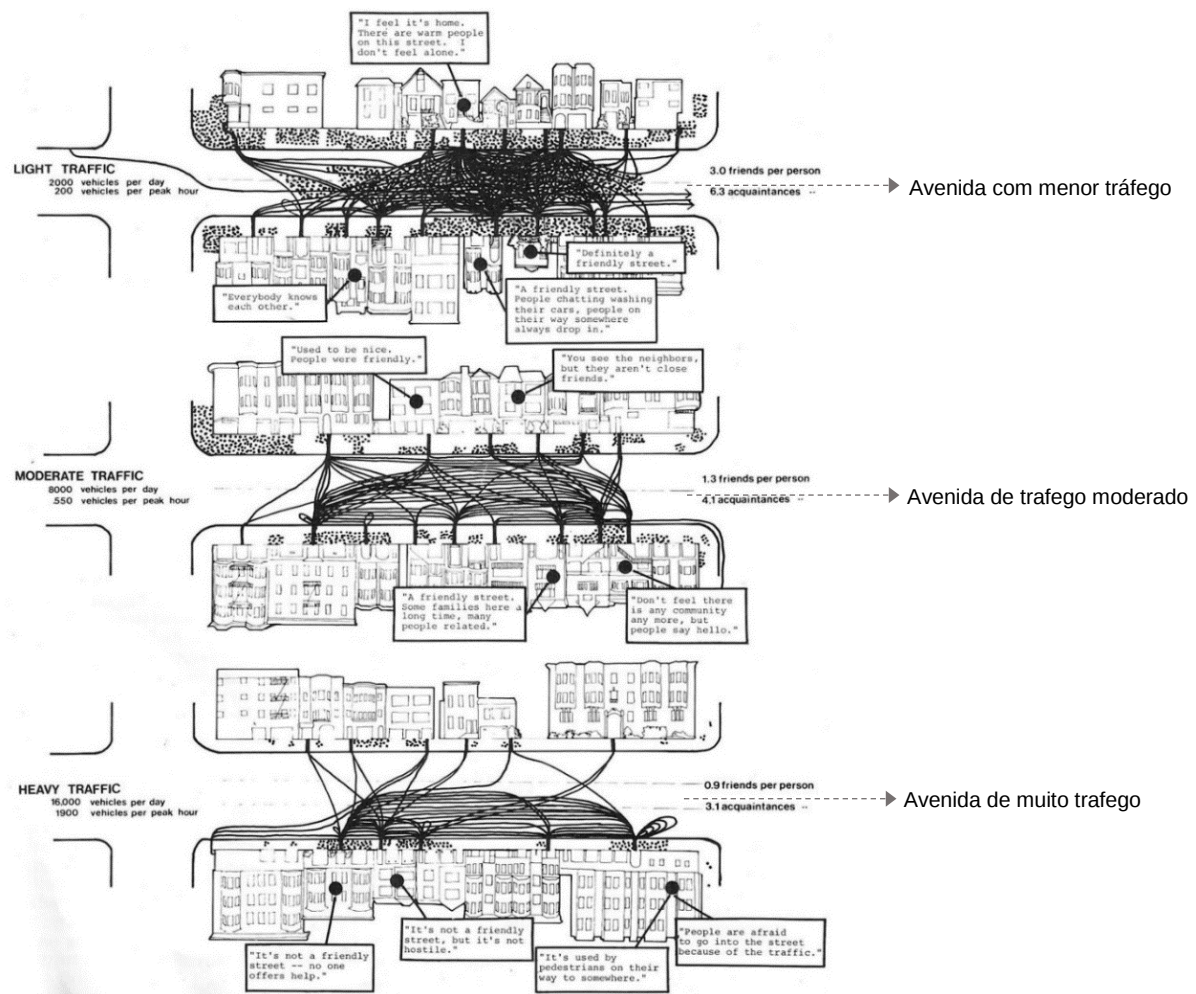
predominavam nas ruas da cidade de São Francisco, igualmente em algumas cidades do restante mundo. Nesta específica cidade Californiana, 60% das vias mais concorridas: 10.000 veículos por dia situavam-se em zonas residências. Ao revés de estudar como minimizar o impacto sobre as pessoas, os especialistas estavam obcecadas em encontrar maneiras de incrementar a capacidade de movimento do tráfico.

Havendo esta preocupação sobre o efeito que esta predominância de veículos estava tendo sobre a vida dos cidadãos, Donald Appleyard e Mark Lintel, urbanistas da Universidade da Califórnia, decidiram estudar o efeito de esta invasão de automóveis, no tecido social dos bairros em 1970-71. (Hust, 2014) Como ponto de partida escolheram estudar três avenidas na cidade de São Francisco.

A primeira avenida tinha um fluxo de tráfico elevado, ou seja mais de 15.000 veículos diários, chegando a ter 900 carros em hora de ponta. A segunda contava com um nível de tráfico moderado, com uma média de 8.700 por dia, e a terceira apenas registava um volume ligeiro, apenas com uma média de 200 carros diários. (Gehl, 2011 , p. 35)

Os urbanistas entrevistaram doze pessoas, de diferentes faixas etárias em cada uma dessas avenidas, sendo-lhes solicitado, que traçassem os lugares onde tinham amigos ou conhecidos resultado implícito [Img. 27]. Os resultados apresentam uma diferenciação grande entre a avenida mais tranquila para a que contem mais trafico.

A densidade de interação que foi constatada era muito mais alta na primeira, e cada entrevistado dizia ter uma média de três amigos e seis conhecidos. A avenida monopolizada por o tráfico e de mais velocidade, os habitantes apenas tinham um amigo e três conhecidos. A densidade da interação e o tecido social dessa avenida era muito mais fraca. (Gehl, 2011 , p. 35)



Img.27: Registo da frequência de atividades exteriores (ponto a preto) e contacto entre amigos (linhas pretas) nas três paralelas Avenidas de São Francisco. (Esquema de Appleyard and Lintel: *The Environmental Quality of City Street*). Fonte: (Gehl, 2011 , p. 35)

Concluindo, Gehl faz a distinção entre atividades necessárias; funcionais; opcionais: recreativas e sociais em espaços públicos. As atividades necessárias ocorrem independentemente da qualidade do ambiente físico sendo que as atividades opcionais dependem de forma significativa do que o espaço proporciona, e de como os indivíduos se comportam em relação a isso. Em espaços de qualidade a atividade opcional ocorre e a necessária mantém-se. A atividade social é fruto da qualidade e do comprimento dos outros tipos de atividades, dado que se sucede espontaneamente quando as pessoas se encontram em um lugar particular. Estas incluem interação inocente entre crianças, cumprimentos e conversas, atividades comunitárias de vários tipos, e simplesmente ver e ouvir outras pessoas. Espaços coletivos nas cidades e áreas residenciais tornam-se significativos e atraentes, quando todas as atividades, de todos os tipos, sucedem em combinação e se nutrem mutuamente.

A vida entre prédios tornou-se o foco principal para os estudos e trabalho de Jan Gehl. Ao começar com a vida pública e as áreas em que ela ocorre, o design dos edifícios transforma-se em um meio para um fim, e não um fim em si mesmo. O autor enfatiza que a vida entre os prédios é uma escala da arquitetura que merece um tratamento mais cuidado, pois é onde a interação social e percepção, recreação urbana, experiência sensorial da vida da cidade, toma lugar. A vida entre prédios compreende todo o espectro das atividades humanas no espaço público, que Gehl estudou minuciosamente. Para o autor estas são áreas vitais a serem entendidas e estudadas, como também alega ser o começo do planeamento.

O elemento mais atrativo num espaço de uso coletivo é a presença de outras pessoas, assim sendo o que atrai os indivíduos são outros indivíduos. Vários estudos expostos anteriormente constataam que os lugares de eleição para se sentar são os que proporcionam vista agradável, implantados ao longo do jardim ou com vista para atividades particulares. Contrariamente os lugares mais periféricos registam menos aderência.

Em Stroget conclui-se que os indivíduos e atividades humanas, são o objeto de maior atenção e atração. Em Sydney verificou-se conexão direta entre atividades de rua e qualidade dos espaços exteriores, constatando que o aumento a 100% das bancadas, resultou num acréscimo de 88% das atividades sentadas. O último estudo, em três avenidas vizinhas em São Francisco, sobre o efeito da invasão automóvel no tecido social, concluiu-se que a interação social entre vizinhos é diretamente afetada na Avenida de maior fluxo viário.

Gehl faz referência ao autor que apresentarei em seguida, William Whyte, nesta sua exposição, em reforço a sua ideia quando descreve a ligação adjacente entre a qualidade dos espaços coletivos da cidade e a qualidade de atividades na cidade, onde fundamenta o quão frequentemente a simples alteração física pode progredir no uso de espaços públicos da cidade.

Cronologicamente, William Whyte e os seus estudos foram apresentados anteriormente aos de Jan Gehl, contudo a exposição dos mesmos na presente investigação foi alterada, pelo facto de William ser um mentor em observação de espaços públicos, fazendo lançamento direto para o caso de estudo: a observação de um espaço público no bairro de Alvalade.

3.2 William Whyte: observação de espaços públicos

William Hollingsworth Whyte (1917-1999), um urbanista americano reconhecido pela sua análise e estudo do comportamento dos indivíduos em ambientes urbanos, através de câmaras *timelaps* localizadas em pontos estratégicos a fim de registar fluxos, interações, contactos entre outros. Logrou descrever a substância da vivência pública urbana de modo direto e objetivo assim como era a sua observação.

Entre os vários livros lançados, destaca-se para a temática em estudo o interesse pela obra *The Social Life in The Small Urban Spaces*, originalmente lançada em 1980, produto das constatações da sua investigação do espaço público e sua apropriação humana.

Em 1970, Whyte forma um grupo de investigação progressista, com intuito de observar a dinâmica em espaços urbanos, atribuindo-lhe a designação de Project Street Life. O estudo move -se pela inquietação de William Whyte face à razão pela qual alguns espaços públicos serem funcionais para o indivíduo e outros não. Regia-se pela ideia de que qualquer que fosse a lição prática, esta seria um produto de observação em primeira mão. (Whyte, 2001, p. 10) Para ele era muito mais intrigante as interações humanas geradas no tecido urbano vivo, todo esse movimento articulado era um dispositivo dinamizador, do que propriamente paisagem arquitetónica de caracterizas estáticas.

Até à data, esta observação antropológica teria sido feita apenas em locais distantes, a culturas indígenas, haveria uma grande preocupação em estudar fenómenos de aglomeração, mas efetivamente estas observações não eram feitas nos locais onde esta aglomeração sucedia. Em 1961 a cidade de Nova Iorque, em progressão recebe incentivos a fim de estimular empreiteiros a incluir praças nos seus projetos, proporcionando assim espaços de escape para os seus usuários. Passado uns anos o desfecho foi que a maioria do edificado destinado a escritórios construídos incluíam praças ou espaços públicos adossados, havendo uma estimativa de oito hectares de espaço coletivo na sua totalidade. (Whyte, 2001, p. 14) Havendo um conhecimento prévio do desequilíbrio no que diz respeito a utilização destes espaços, registando apenas alguns um uso intenso e muitos outros sozinhos. William e o seu grupo começa a examinar na cidade de Nova Iorque. Estes estudos incluíram 16 praças, 3 pequenos parques, e outras áreas de lazer mais informais nas extremidades da cidade.



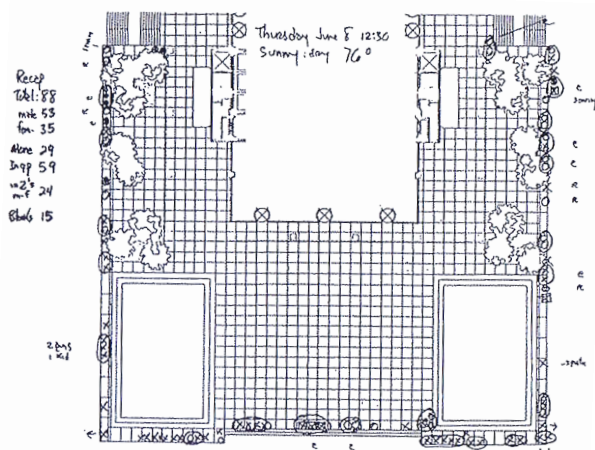
Img.29: William Whyte: capa do seu filme "The Social Life of small urban Spaces, 1980. Fonte: (Urban Geographies, 2014)



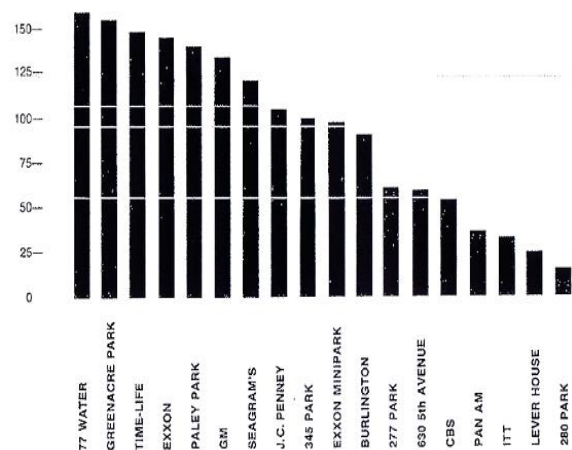
Img.30: Seagram Square, bem-sucedido. Camaras *timelaps* de William Whyte. Fonte: (Urban Geographies, 2014)

A investigação inicia-se procurando entender o que desejam os indivíduos das praças, de que modo as usam, qual a frequência de utilização, de onde se deslocam até lá chegar, e que opinam da mesma. Espaços coletivos de qualidade, são geradores de estímulos para os indivíduos, induzindo a novos usos, ocasionando outros percursos, paragens na sua rotina diária. Constatou-se que os usuários assíduos são colaboradores de escritórios localizados em envolvente próxima e que as praças que registaram vida intensa e grande fluxo são as que se convertem em pontos de sociabilidade. William Whyte alega assim como Jan Gehl, grande aderência de pessoas gera mais aderência, o que atrai as pessoas são as outras pessoas. (Gehl, 2011, p. 25) Praças com estas características têm a capacidade de atrair até mesmo aqueles que se deslocam sós, pois este espaço ativo é aquele que induz à permanência, contrariamente aos espaços coletivos de fraca utilização. (Whyte, 2001, p. 17)

Averiguou-se numa das observações, cujo a variável era o género, que as praças com mais aderência são mais utilizadas por o sexo feminino. Rebatendo esta informação Whyte conclui que os espaços coletivos com uma vida intensa são frequentados em maior percentagem, por indivíduos do sexo feminino. Outra das variáveis observadas foi os modos de apropriação regista-se que indivíduos do sexo masculino apropriam-se do espaço em primeira mão, verificando que o sexo feminino tende a escolher e preferir área recatadas e mais afastadas.



Img.31: Planta- indivíduos sentados O Mulheres X Homens
XO Pessoas sozinhas ou acompanhadas. Fonte: (Whyte, 2001, p. 23)



Img.32: Gráfico de utilização das praças analisadas. Contagem de nº de pessoas sentadas entre as 12h30 e 13h30 com Bom tempo. Fonte: (Whyte, 2001, p. 23)

Em termos operacionais, são registados as utilizações recorrendo a plantas do espaço em estudo, onde são assinalados os usuários, neste caso específico, segundo o género. As variáveis como podemos ver [Img. 31], com a seguinte simbologia X: correspondendo a indivíduos do sexo masculino, O: indivíduos do sexo feminino e XO: correspondendo a indivíduos sozinhos ou acompanhados. Este registo vem acompanhado de data da observação, hora e temperatura.

Nas suas investigações, sobre estes espaços de uso coletivo, o autor deteta que há uma oscilação de utilização variada consoante a praça, verificando que o uso na parte da manhã é escasso, que há uma aderência muito elevada registada a partir das 12 horas. Traduzido em 80% do total de horas de utilização compreendidas entre 12 horas e as 14 horas. É fato constatado, que a aderência a estes espaços vai decaindo com o decorrer e até ao término do dia, chegando a não registar, em alguns casos, utilizadores a partir das 18 horas. Verifica também que até mesmo nas horas de mais aderência o número de indivíduos no espaço pode sofrer oscilações significativas consoante as estações do ano e condições climáticas.

A utilização diária e permanente é patente a todas as praças examinadas, justificado pela sua implantação junto a fluxos pedonais predominantes como também considerados pontos de encontro entre pedestres. (Whyte, 2001, pp. 24,25) Os estudos implicaram também a contagem do nº de utilizadores sentados nas tais horas de mais aderência, o gráfico acima exposto [Img.32], é o fruto deste registo onde se pode averiguar visivelmente resultados muito distintos. É colocada aqui a discussão de qual seriam então os fatores que contribuem para a adesão por parte dos utilizadores, e qual a justificação para as mais fortes, com registo superior de aderência estão diretamente associadas aquelas nomeadas como praças de imagem agradável. Especula-se ter a ver com a forma arquitetónica dos edifícios, que por sua vez induzem à configuração das praças que lhes são adossadas, comprometendo-se com a

sua utilização. A questão da imagem esta adjacente ao pré- requisito para escolha do lugar. (Whyte, 2001, pp. 26,27)

As praças que dispõem de mais espaço para se sentar, registaram ter uma maior utilização. A sua conceção adequada terá consequentemente influência na apropriação. Assentos móveis conferem aos usuários a escolha da zona onde querem estar e sentar, presenteando assim ao espaço a aderência de diversos tipos de apropriação seja individual, grupo pequenos ou grandes. O grupo de Whyte prossegue nas suas observações investiga variadas ocorrências e fatores, analisa qual percentagem ideal de implantação de espaço para sentar, e nomeando logo depois no capítulo seguinte os fatores e elementos que as qualificam, tais como: a presença do sol e luz, vento, árvores, água e comida. (Whyte, 2001, p. 38)

No capítulo 3 desta obra, William aborda estas quatro características, que considera ser essenciais para a vida em espaços coletivos, e num 4 capítulo a questão da presença de comida no espaço como elemento de atração. Sucintamente, com relação a existência do sol, embora se registre a preferência pelas pessoas, sentar-se ao sol, excecionalmente em verões de elevadas temperaturas, a inexistência de sol não deve ser considerado um fator de impedimento de uso. O que de fato parece ter relevância sendo imprescindível, é a presença da luz, artificial ou difusa refletida fora do edificado. (Whyte, 2001, pp. 40-43)

As árvores de grande porte, através da sua copa e combinada com zonas de estar, providência abrigos agradáveis onde as pessoas conseguem relaxar, conversar ou observar. A existência das árvores não só coopera para harmonia do espaço como é responsáveis pela renovação do ar, elemento de quebra de monotonia, distribuição, proteção, desempenhando um papel também importante para contribuição da qualidade destes espaços.

A água, os sons que imitem que geram ambientes díspares de harmonia, o ter acesso ou a possibilidade de contacto com a água, onde as pessoas se refrescam, onde as crianças brincam e molham os pés, é outra das características referenciadas como atraentes. Podemos legitimar observando o vasto leque de espaços públicos bem-sucedidos que contam com este elemento. (Whyte, 2001, pp. 46-49) A presença de postos de venda de comida, como quiosques ou rulotes, para que os indivíduos possam consumir, para além de ser um ponto de confluência de pessoas, o tempo de espera para serem servidos, ou até mesmo permanecer junto ao ponto para comer, acaba por tornar este elemento um dispositivo dinamizador destes espaços, podendo gerar contacto entre pessoas.

No capítulo 5 intitulado: The Street, o autor inicia o discurso mencionando que uma boa praça é aquela que começa na esquina da rua, se essa esquina for movimentada, a praça terá uma

vida intensa. Como refere Whyte (2001, pp. 54-57) “People will not just be waiting there for the light to change. Some will be fixed in conversation; others in some phase of a prolonged goodbye. If there’s a vendor at the corner, people will cluster around him, and there will be considerable two-way traffic back and forth between plaza and corner.” alegando que “The area where the street and plaza or open space meet is key to success or failure.” O ideal será que a transição rua-espço quase que se fundem, e que seja difícil diferenciar onde termina a rua e começa o espaço. O parque Paley em Nova Iorque é um dos melhores exemplos.



Img:33: Parque Paley na cidade de Nova Iorque. Fonte: (Lorenço, 2012)

O simples facto de a calçada do passeio frente parque Paley ser parte integrante do mesmo, é elemento em comum que proporciona continuidade, as paredes laterais tendo o tal manto arborizado que as cobre também se entende junto ao passeio. É neste Foyer que as pessoas combinam encontrar-se, pois é um ponto de referencia conveniente, podemos observar diversos tipos de apropriação neste mesmo espaço, seja uma conversa entre duas pessoas, grupo de amigos sentados, outros sozinhos a observar.

Relativamente aos Parques urbanos Whyte, feitas as observações constata, concluindo que estes são um mecanismo integral para estimular a nossa interação com a cidade, talvez seja esta a razão pela qual são tao duradouros. Os parques estimulam o uso por impulso, isto é, imaginemos dois indivíduos que estejam a passar junto a um parque, param, sobem os primeiros degraus, em seguida e com uma aceleração espontânea sobem os restantes, acedendo assim a este espaço. Tomaremos agora como exemplo as crianças, mais impulsivas, pela mão das progenitoras, de forma voluntária, forçam a subida induzindo-as a entrar no parque (Whyte, 2001, p. 57).

Constata-se mais um elemento aparentemente comum da experiencia urbana: as escadas. Só é possível avaliar a importância que as escadas podem ter como elemento, observando

os fluxos, tomaremos novamente como exemplo as escadas do Paley, por terem um espelho mínimo tornam o acesso fácil à zona superior, havendo um movimento quase constante e sem esforço. Isto já trata de questões de acessibilidades, a lição prática que daqui podemos tirar, é que não havendo acessos sedutores que incluam os códigos das acessibilidades de espaço público, com escadas de espelho baixo, patamares para a fadiga do percurso, diretos e simplificados, isso terá repercussões na adesão ao espaço.

Sendo que já foram apontados vários fatores para que o espaço coletivo funcione, existe ainda um último, que o autor revela no capítulo 11 da sua obra, ao qual designa por triangulação. Este é entendido como um processo de estímulo externo que providencia acoplamento entre pessoas permitindo que dois estranhos falem em si, sem se conhecerem. O processo triangulação é então, aquele que gera interação social. (Whyte, 2001, p. 94).

Associado a este processo temos sempre algo a acontecer: podemos ter um artista de rua em performance, que capta a atenção dos pedestres fazendo-os parar, criando uma concentração de indivíduos desconhecidos que comentam a atuação entre si. Temos outro exemplo prático, dado pelo autor, de que as esculturas pode gerar fortes efeitos sociais. Análises prévias e posteriores da Praça Chase na cidade de Manhattan mostrou que a instalação de “quatro árvores” de Dubuffet deteve um impacto benéfico sobre a atividades dos pedestres. Comprovou-se que os indivíduos era atraídos pela escultura, seja pela possibilidade de contacto, o poder ver de perto, tocar, ou simplesmente comenta-la. (Whyte, 2001, p. 96)

Concluindo, William Whyte dominou a arte de observar espaços públicos, tornando-se reconhecido pela sua análise e estudo dos comportamentos humanos em ambientes urbanos. William e a sua equipa estudam praças, parques e outras áreas de lazer informais procurando entender o que desejam os indivíduos destes espaços, o modo que deles se apropriam, qual a frequência de utilização, e o que opinam sobre os mesmos.

Constatou que a qualidade dos espaços de usos coletivo são geradores de estímulos, induzindo os indivíduos a novos usos. William argumenta que o que atrai pessoas são outras pessoas, conclusão das suas investigações nas praças com estas características de conter grande fluxo e permanência de pessoas.

Concluiu também que espaços de uso coletivo com uma vida intensa são frequentados com maior percentagem por mulheres, e que os homens apropriam-se de espaço em primeira mão contrariamente ao sexo feminino que tem preferência por zonas mais afastadas. Detetou maior aderência a estes espaços entre as 12 horas e as 14 horas, apontando poder haver oscilações consoante estações do ano e condições climáticas. A utilização é permanente justificada pela implantação destes espaços de uso coletivo junto a fluxos pedonais predominantes, assim como junto a pontos de encontro entre pedestres.

A imagem agradável que estes espaços possam transmitir tem uma influência em relação à sua adesão, especula-se que os edifícios e a sua arquitetura conferem a forma as praças que lhes são adossadas, comprometendo-se na sua utilização. A imagem para o autor é um pré requisito para escolha do lugar. Praças que dispõem de mais escolhas de lugar para se sentar registam maior utilização, assentos móveis conferem um leque de opções para os utilizadores, são elementos que fazem diferença na maior adesão.

O autor nomeia os elementos que qualificam estes espaços, são eles: a presença de sol, luz, vento, árvores, água e comida. Assim como também diz que a boa praça localiza-se no começo da esquina da rua, se essa esquina for um lugar de convergência de fluxos pedestres, essa praça terá vida intensa. Com relação aos parques urbanos William Whyte refere que estes são um mecanismo integral para estimulação do indivíduo com a cidade, pois estes cativam o uso por impulso. Menciona que um elemento aparentemente comum: as escadas, a quando mal planeada e pensada pode trazer repercussões na adesão ao espaço.

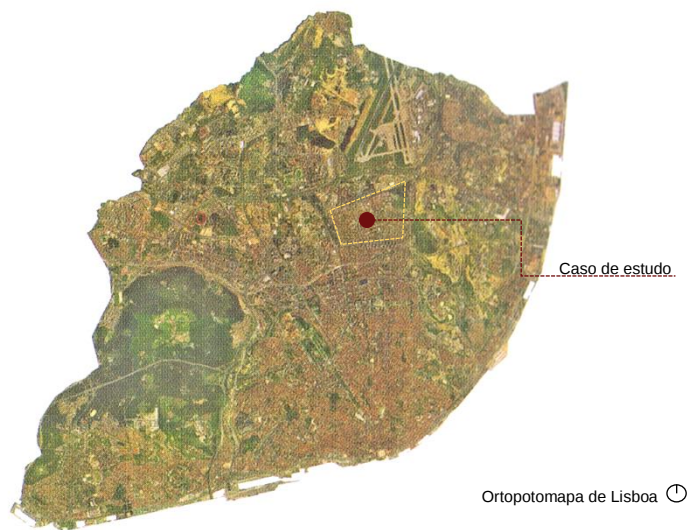
O autor aponta outro fator para que um espaço funcione: a triangulação, um processo por ele designado como um estímulo externo que providencia acoplamento de indivíduos e que proporciona interação entre estranhos, normalmente associado a algo a acontecer, uma atividade exemplo: um artista de rua em performance, uma escultura de grande altura. Este efeito de triangulação é responsável por gerar interação social, podemos então concluir que é um processo que devera ser pensado e providenciado no planeamento ou reestruturação de espaços públicos bem-sucedidos.

4 CASO DE ESTUDO: O Largo Frei Heitor Pinto

Cidade de Lisboa

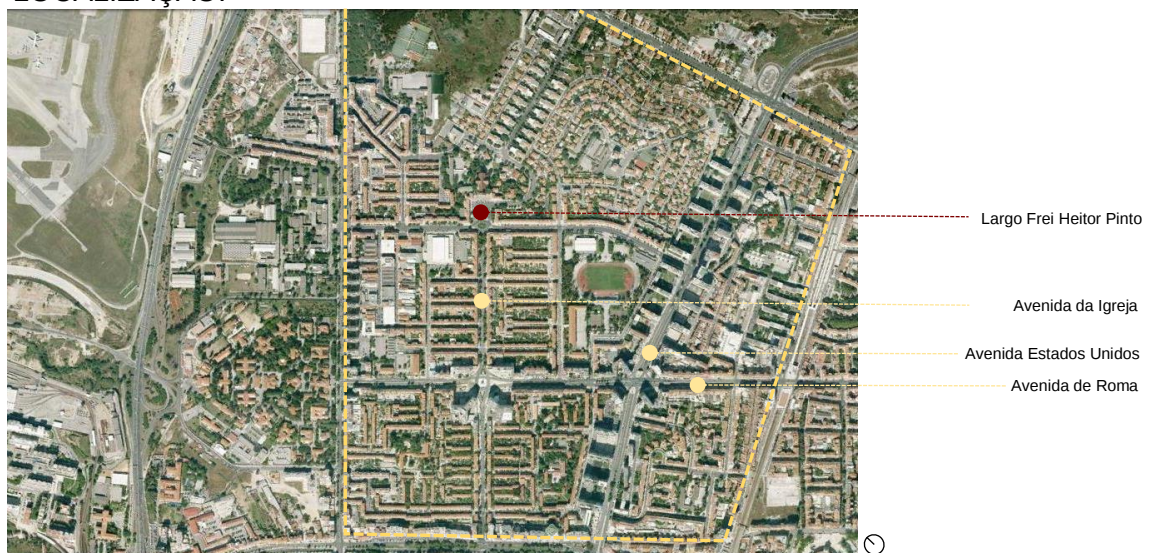
● LARGO FREI HEITOR PINTO

— Bairro de Alvalade



Ortopotomapa de Lisboa 🔍

LOCALIZAÇÃO:



Img.34: Ortopotomapa do Bairro de Alvalade, obtido em 2016. Fonte: Google Earth



Img.35: Vista 3D sobre avenida da Igreja, em frente o Largo Frei Heitor Pinto, Bairro de Alvalade, Lisboa, obtido 2016. Fonte: Google Earth

4.1 Alvalade primeiro plano integrado para Lisboa

Breve contextualização

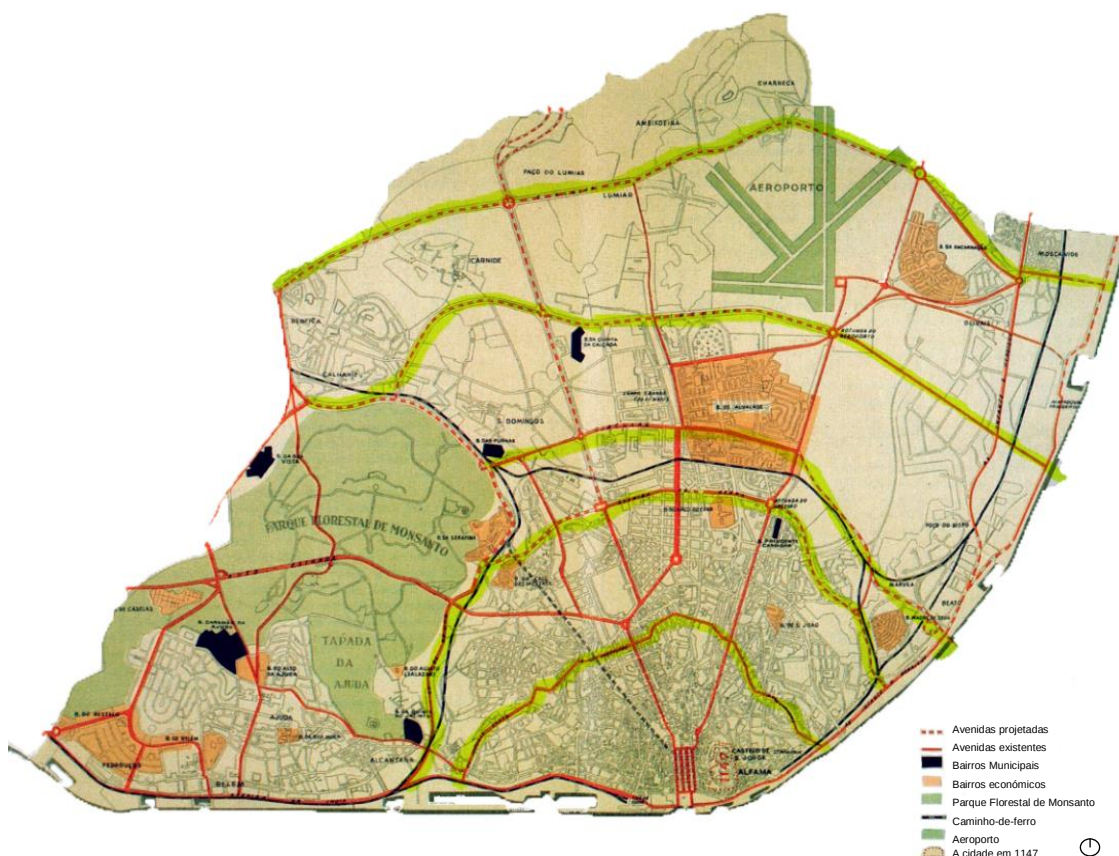
O plano de Urbanização do Bairro de Alvalade foi desenhado arquiteto João Guilherme Faria da Costa (1906-1971) em 1944. Foi considerado o primeiro urbanista português, na presente data chegara recentemente da cidade de Paris, onde se tinha formado em urbanismo, sendo admitido no quadro municipal em 1938. Este ano consistiu em um grande momento de charneira no que diz respeito ao progresso de Lisboa, com o surgimento de vários planos, sustentados legitimamente no regido regime de expropriações, que tendem a modificar a fisionomia da cidade através das suas intenções, traduzidas em um só plano, o Plano de Goer. (Barreiros, 2001, p. 64)

Para por em prática todas estas intenções, o município integra nos seus quadros novos elementos, destacando os arquitetos Francisco Keil do Amaral (1910-1975), Inácio Peres Fernandes (1911-1989), os urbanistas Guilherme Faria da Costa e Étienne de Groer, estes ficaram incumbidos de desenvolver vários projetos que iam da escala da cidade ate à do mobiliário.

Como aponta Barreiros (2001, p. 65), “A cidade pacata que se confinava aos limites das Avenidas Novas e da Praça do Chile, com uma mancha urbana limitada à área interior da via cintura: caminho-de-ferro começava a ser pensada em termos globais como capital do século XX”.

O Plano Diretor Municipal (Plano de Groer) sucintamente pretendia: Substituir eixos viários tradicionais, por vias urbanas que contam com o apoio de edifícios públicos criando saídas da cidade. A área ocidental destinada ao parque de Monsanto, com mil hectares para regime florestal, e cruzada pela autoestrada que liga ao Estádio Nacional, um projeto de Keil Amaral. A norte composição do Campo Grande e o Parque Eduardo VII, elemento de um plano geral de equipamentos, que inclui a conhecida Estufa-fria, também projeto de Keil. E por ultimo, o lado oriental, sendo mais deprimido, conta com a implantação do aeroporto, trabalhando em simultâneo com a reestruturação da saída a norte e a intenção de construção de bairros económicos.

Em suma esta operação contava com três grandes vertentes: a construção do aeroporto, a resolução da infraestrutura viária: lado norte e oriental e por fim com a construção de um extenso bairro. A imagem que se segue [Img. 36], corresponde ao Plano Diretor Municipal (1938-48) anteriormente referido, onde podemos ver as estratégias adotadas, onde inclui a maior mancha laranja o bairro de Alvalade, o primeiro plano integrado para a cidade de Lisboa.



Img.36: Etienne de Groer, Plano Diretor Municipal, 1938-48, Lisboa. Fonte: (Barreiros, 2001, p. 64)

Este foi o plano que definiu todo o desenvolvimento da cidade, defrontando o seu território na globalidade, instituindo novos limites, renovando em solo urbano as velhas extensões rurais estruturados por um desenho coerente, que traduzia na determinação de criar cidade. (Barreiros, 2001, p. 66)



Img.37 A urbanização de Lisboa. CML,1948. Fonte: (Barreiros, 2001, p. 66)

Localização do caso em estudo.

Previsto no Plano Diretor de 1938-48, o Bairro de Alvalade integra umas das áreas predominantes da urbanização de Lisboa. O Plano incluía-se limitado a norte pela Avenida Alferes Malheiro a atual Avenida do Brasil, a este pela Avenida do Aeroporto, atualmente Avenida Gago Coutinho), oeste pelo Campo grande, e finalmente a norte pelas Avenidas Novas. [Img. 37]

Determinado para albergar uma população de 45 mil habitantes e com uma área de 230 hectares, gerou-se a partir de oito células, designadas como unidades de habitação, estas por sua vez eram estruturadas a partir de uma célula central: as escolas primárias. Estriando-se como conjunto urbano integrado, a intervenção para este bairro passava por agregar edifícios coletivos de habitação social apoiados por equipamentos tais como: mercado, escolas, centros cívicos, parque desportivo entre outros, pois até então o que se previa era habitações de diversas categorias sociais. Não ultrapassando os quatro pisos, o progresso deste conjunto urbano constituía uma situação dispare no registo dos bairros sociais, caracterizados por casas unifamiliares com logradouro sendo o reflexo da velha aldeia. (Barreiros, 2001, p. 67)



Img. 38: A "urbanização do sítio de Alvalade" (foto aérea). Fonte: (Barreiros, 2001, p. 67)

Logo após-guerra iniciam-se as obras. Numa primeira fase correspondente às células 1 e 2 que eram destinadas as casas de renda económica, e que determinava combinações em conformidade com o número de pessoas do agregado familiar.

A secção ocidental da Avenida da Igreja correspondendo à célula 3, e o conjunto do Bairro de São Miguel: célula 7 afinavam um desenho competente de tipologias repetitivas com pequenos ajustes de circunscrição, que cooperaram na conservação do desenho urbano do plano. Deste ensaio originaram simpáticos espaços urbanos, ruas e praças, logrando um perfil de equilíbrio entre edificada circulação viária de passeios pedonais. (Barreiros, 2001, p. 68)



Img. 39: Rua do bairro de Alvalade nos anos 60 Fonte: (Barreiros, 2001, p. 68)

O bairro de Alvalade delineava o desenvolvimento irreversível, a nordeste da cidade. Com um desenho tradicional, o edificado seguia o limite das ruas e praças e a hierarquia viária verbalizava união entre as células. Como expõe Barreiros (2001, p. 69) “no decorrer da sua implementação viria a ser subvertido pontualmente com sugestivos traçados racionalistas, que começavam por aplicar os novos princípios do urbanismo modernos presentes na Carta de Atenas.”

Caracterização do Bairro de Alvalade atualmente

Esta caracterização contou com o auxílio da revista semanal sobre o habitat humano, a *Infohabitar* nº176, edição intitulada *Alvalade*, de Faria da Costa: *Uma cidade na cidade - O mistério de Alvalade*, por António Batista Coelho e cooperação de Teotónio Pereira. Este trabalho sobre o bairro de Alvalade foi originalmente efetivado em uma palestra que teve lugar ainda na Associação dos Arquitetos Portugueses (AAP), atualmente a Ordem dos Arquitetos, com inclusão nos Encontros AAP – Cidade com habitação. Interessou através desta fonte, expor os conceitos que estes autores aplicaram na caracterização do Bairro de Alvalade, um bairro de qualidades urbanas e habitacionais.

Acessibilidades

O bairro de Alvalade é compartimentado por ruas principais que proporcionam ligação à Cidade. Os Percursos são agradáveis, distribuídos, pouco numerosos e não muito extensos, no caso pontual de grandes extensões, estas são ritmadas por secções de percursos principais cruzados apenas aquando necessário. As Vias de acesso local com redução de faixa de rodagem, não havendo redução de largura entre edifícios. As células habitacionais contam com Escolas Primárias, com um raio de influência máximo de 500 metros. Existe uma rede de veredas pedonais através de logradouros.

As complexidades rodoviárias em extensão são ligadas por trilhos pedonais. Grande parte do edificado contém acessos alternativos. Na composição da estrutura da habitação adotou-se uma conciliação de espaços livres, em modo de poupança de energia, como também de alcançar um harmonioso ordenamento geral. (Coelho, 2007, p. 2)



Img.40: Fotografia de uma dos passeios largos de vida urbana intensa da Avenida da Igreja, em direção ao Largo Frei Heitor Pinto, 2016.

Comunicabilidade:

O bairro de Alvalade, com quatro fronteiras claramente definidas por polos de comunicabilidade/acessibilidade distintamente identificáveis.

As vias dotadas de comércio interno que proporcionam intensa vida no interior do bairro, ligadas entre si e com o exterior, qualificadas e atendendo sempre ao pedestre.

As ruas ativas e ambientalmente distinguidas, quarteirões residenciais calmos de impasses rodoviários, ligados através de veredas pedonais, como o acordo puro do caminho secreto, mas seguro, com a sua aplicação e prática comprovada.

O entorno do edificado residencial com frente e traseira, adequadamente utilizadas e para determinadas atividades. (Coelho, 2007, p. 3)

Espaciosidade:

É suficiente referir que ainda atualmente funciona depois das variadas adaptações viárias.

Hierarquizada exteriormente, desde os passeios amplos ate os estreitos dos impasses habitacionais incluindo também as largas veredas pedonais nas traseiras dos edifícios.

Mínima com relação aos espaços comuns do edificado habitacional.



Img.41: Fotografia da Avenida da Igreja, que nos permite ver este perfil de avenida, o equilíbrio que existe entre elementos.

Funcionalidade:

Contém serviços diferenciados e próximos das habitações. As áreas pedonais com um leque de atribuições funcionais são organizadas com a estrutura viária.

Existe resposta prática com relação ao controlo do tráfego automóvel com estacionamento de longa e curta duração.

As habitações com máximo de aproveitamento da área útil, alcançam comodidade interior, com características de geometria equilibrada e interdependência entre divisórias dos fogos;

As soluções dos fogos semelhantes no edificado unifamiliar: no seu total 12 idênticas, que contribui para a sua otimização funcional.

Convivialidade:

Existem Vários tipos de habitação incorporados, sendo uni e multifamiliar. O bairro é dotado de vários transportes públicos.

Os equipamentos integrados com a habitação, que asseguram uma continuidade urbana.

As vizinhanças com proximidade limitadas e configuradas implicitamente.

As ruas comerciais ativas, em desenvolvimento, que sobrevivem há quase meio século depois da sua construção. (Coelho, 2007, p. 4).

Apropriação:

Os limites do bairro são definidos e fundidos com a envolvente.

Contem uma Imagem forte e marcada, com uma estrutura urbana clara, com duas artérias (vias) principais e outras secundárias que a complementam. A continuidade urbana induz a principais percursos. Esta estrutura urbana é rematada por edifícios públicos importantes;

Existem praças e outros tipos de espaços coletivos devidamente equipados e identificados.

Os quintais do edificado inclui jardins privados com vista à via pública.

As entradas dos prédios residenciais são demarcados por elementos artísticos, normalmente com apontamentos de pintura em azulejo, contendo floreiras integradas no edificado.

Integração:

É um bairro forte do ponto de vista do conjunto urbano na cidade, de grande concentração comercial, traduzindo-se num bairro de muita atração e de transição de indivíduos.

4.2 Caracterização espacial do caso de estudo

A caracterização espacial será subdividida em duas análises, a física e a social. A análise física engloba: planta de localização; planta de usos do solo: compreendida na envolvente próxima, plantas de fluxos viários e pedonais; planta de Layers: baseada na de Christopher Alexander, levantamento do tipo de equipamento inserido no espaço: mobiliário urbano utilizado, tipo de vegetação: árvores de folha caduca ou permanente, tipos de acesso, e plantas de permanência: inerente à observação feita no local, em um determinado período, a horário definido previamente.

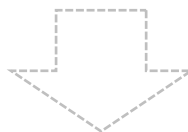
A análise social é respetiva a conceitos que vão ser divulgados e devidamente esclarecidos no decorrer da investigação, estando estes sumariamente relacionados com o conforto, imagem e sociabilização do espaço que se trata. Esta análise será creditada, através de registos fotográficos. Em suma, toda a informação recolhida é fruto do local em observação.

ANÁLISE FÍSICA:

- Planta de localização
- Planta de fluxos viários e pedonais
- Planta fluxos pedestres predominantes
- Usos do solo
- Tipo de mobiliário existente e vegetação
- Observação do espaço

ANÁLISE SOCIAL:

- Acessos
- Conforto e imagem
- Usos e atividades
- Sociabilização
- Registo fotográfico
- Contacto com utilizadores



ANÁLISE SWOT

O Largo Frei Heitor Pinto: Localização



Img.42: Orthofoto sobre o Largo Frei Heitor Pinto Fonte: Google Earth.

O Largo Frei Heitor Pinto é um largo frente Igreja São João de Brito situa-se na atual freguesia de Alvalade. Esta Igreja foi um projeto da autoria do Arquiteto Vasco Moreira Palmeiro em 1951, sendo que a sua construção inicia-se um ano depois. Prevê-se que o Largo tenha data de composto nesta mesma altura. O Largo localiza-se compreendido entre Avenida Santa Joana Princesa e a Avenida Rio de Janeiro, tendo no seu seguimento a Avenida da Igreja. [Img. 42]



Img.43: O Largo Frei Heitor Pinto 1950-60 Fonte: (Silva, 2012)

Transformação do Largo

O Largo sofreu alterações de composição formal, inicialmente entre 1950-60, este Largo frente igreja, surgia em um contexto em que o número de veículos a circular pela cidade era reduzido. Isso traduz-se numa imagem pacífica como podemos constatar [Img. 44], onde os atravessamentos eram tranquilos onde o Largo notoriamente respira, e é parte de um todo em equilíbrio.



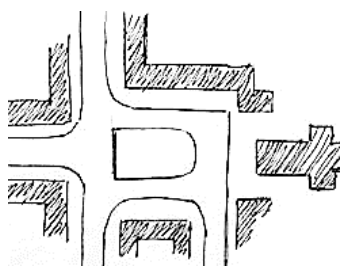
Img. 44: Fotografia do Largo Frei Heitor Pinto em 1950-60. Fonte: (Silva, 2012)

A imagem que se segue [Img. 45] já podemos constatar que o número de veículos aumenta de forma significativa na cidade, onde o Largo começa a ser moldado pelo fluxo viário, nesta altura entre 1970-90, já se insere o nó de distribuição viária, em que o carro começa a ter uma maior força sobre o domínio do espaço.

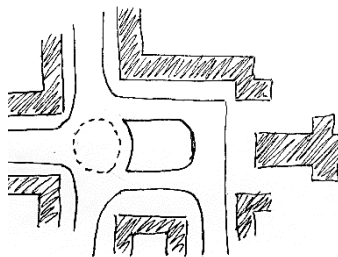


Img. 45: Fotografia tirada da Igreja São João de Brito com vista para o Largo Frei Heitor Pinto 1990-2000. Fonte: (Rua, 2016)

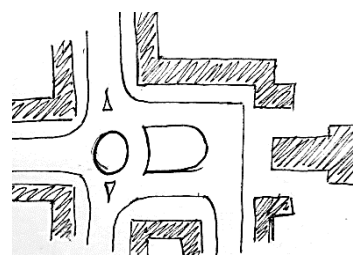
Atualmente o Largo assume essa composição formal: recortada com o tempo de modo a proporcionar uma circulação viária fluida.



1. Configuração inicial



2. Configuração posterior



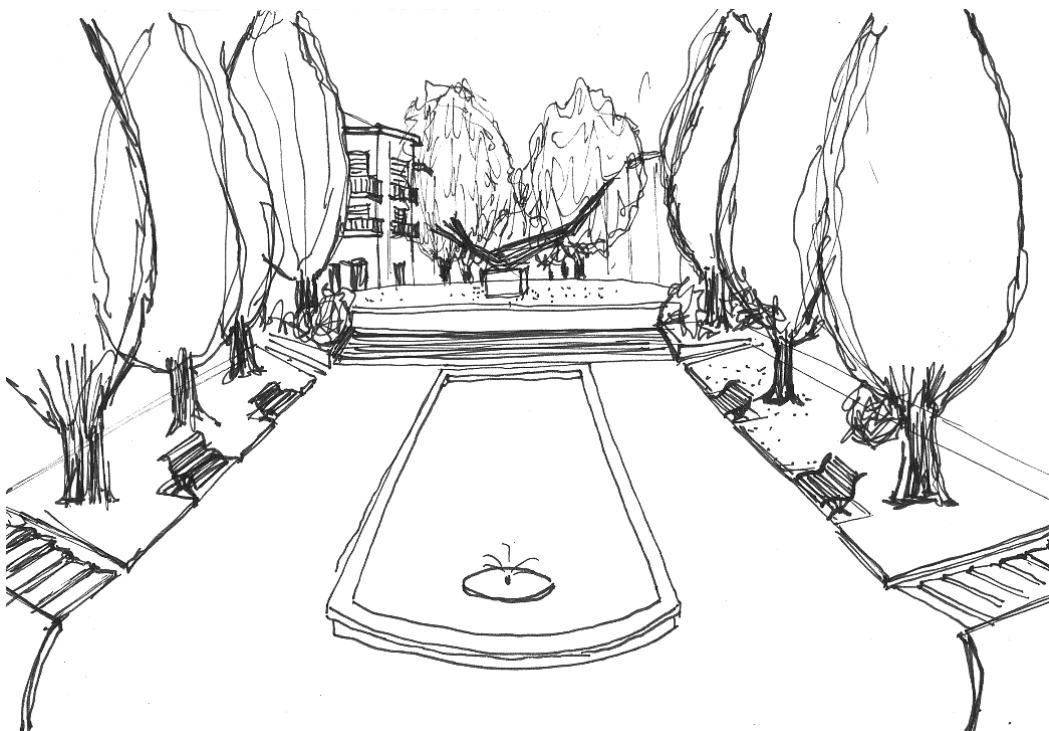
3. Configuração atual

Img. 46: esquema da composição formal do Largo Frei Heitor Pinto, 1. Configuração inicial, 2. Configuração posterior, 3. Configuração atual. Esboço do autor desta dissertação.

Reconhecimento espacial:



Img. 47: Esquício do Largo Frei Pinto, 2016. Vista do Largo desde a Avenida da Igreja para a Igreja São João de Brito.
Esboço do autor desta dissertação.



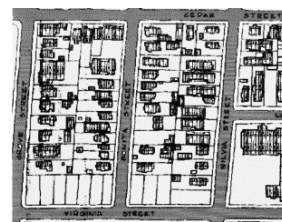
Img. 48: Esquício do Largo Frei Pinto, 2016. Vista do Largo desde a Igreja São João de Brito para a Avenida da Igreja.
Esboço do autor desta dissertação.

4.2.1 Análise física

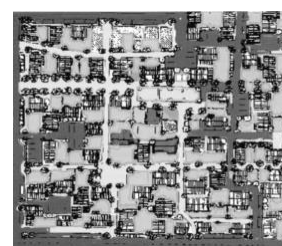
Análise da estrutura urbana: envolvente ao caso de estudo



Img.49: Planta de Layers baseada nos estudos de Christopher Alexander, aplicada no bairro que inclui o caso de estudo. Esboço do autor desta dissertação.



Img. 50 e 51:
Acima: Planta do modelo máquina
Abaixo: Planta do modelo orgânico
proposto por Christopher Alexander.
Fonte: (Alexander, The Nature of Order,
2005, p. 288)



A planta com *layers* que elaborei [Img.49], baseada nos estudos de Christopher Alexander, lembrando: [Img. 50 e 51], foi útil para entender a estrutura do bairro de Alvalade, onde se insere o caso de estudo.

Sendo o espaço público na cidade um espaço que nasce; vive e sobrevive segundo a sua envolvente, esta, por sua vez, assume um papel fundamental que irá ditar o seu bom ou mau funcionamento. Por certo, cada caso é um caso, cada lugar germina de um determinado contexto e desenvolvimento. Considero a estrutura que compõe cidade - que por sua vez compõe cada espaço, uma variante a ser analisada em caso de reestruturação de espaços coletivos disfuncionais, essa pode também ditar a sua solução.

Prosseguindo a análise, constato semelhanças entre a planta que laborei [Img.49] e a planta modelo máquina [Img.50], identidades por exemplo no traçado regular, rígido e até na presença de uma simetria. Na parte superior esquerda da planta do bairro, identificamos os quarteirões clausurados, sem permeabilidade entre eles. Em outra situação, e agora relativamente ao quanto inferior esquerdo da planta [Img.49], verifica-se existir uma intenção de abertura de quarteirão, por veredas pedonais, mas sempre mantendo rigidez no traçado das vias que são compatibilizadas com um passeio pedonal em toda a sua extensão. Em contraste, no lado à direita desta mesma planta [Img. 49] vai existindo um descontrolo, ou dinamismo na colocação do edificado, fugindo ao modelo de implantação rígida que a

esquerda se mostra, criando assim outro tipo de ocorrência mais orgânica, assemelhando-se neste caso modelo orgânico de Christopher, considerado o de alta qualidade de vida.

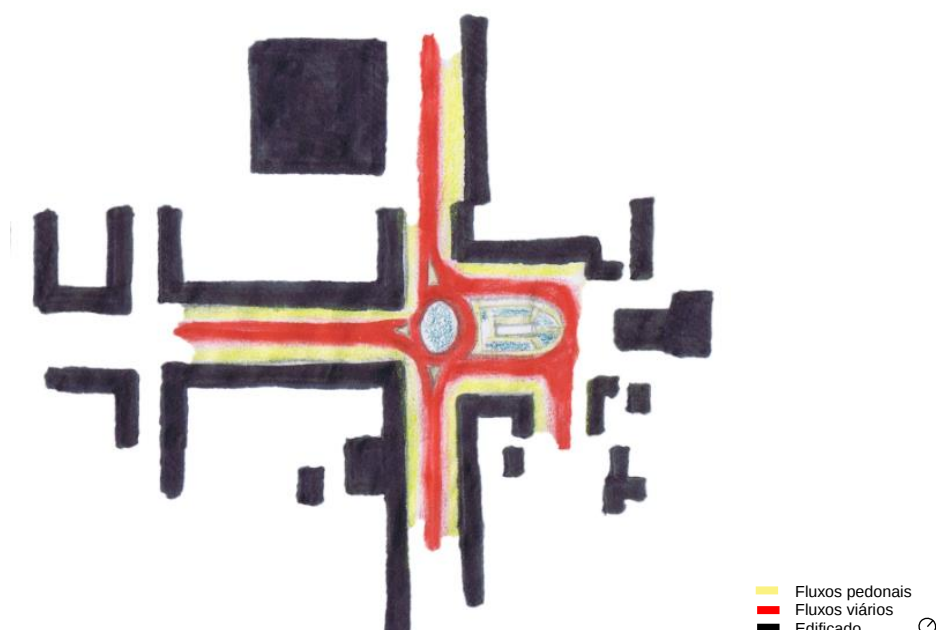


Img.52: Fotografia aérea de 1950-60 do Bairro de Alvalade, onde conseguimos ver o tardo da Igreja São João. Podemos identificar na parte superior esquerda da imagem, a configuração semelhante ao modelo máquina da cidade de Berkeley-Califórnia, e onde mais abaixo se consegue identificar semelhanças com a sua proposta do modelo orgânico de Christopher Alexander. Fonte: (Pensar Lisboa blog, 2013)

Apesar das parecenças com o modelo máquina, neste caso, elementos que os diferenciam são os passeios não estreitos, a presença de uma estrutura viária vincada predominante, mas neste caso em geral, o carro não domina toda esta estrutura nem intervém de forma negativa, com relação que existe bem presente da vida de rua, cidade, vida comunitária.

Contem passeios largos e contínuos, acompanhados no seu todo por árvores, que garantem sombra e boa exposição solar na Avenida principal, consoante a hora do dia, ou da incidência do sol em determinado anglo, possibilita aos utilizadores a opção de percorrerem ao sol ou à sombra, em um lado ou outro da rua. Todos estes fatores aliados a todos os elementos que compõem o espaço são indicadores da coerência na forma como foi pensada e executada a estrutura este bairro. Contudo avaliemos em seguida em foco a zona de estudo.

Planta de fluxos viários e pedonais da envolvente próxima



Img. 53: Esboço da planta de fluxos viários (a vermelho), e os pedonais (a amarelo) da envolvente próxima do Largo Frei Pinto, 2016. Esboço do autor desta dissertação.

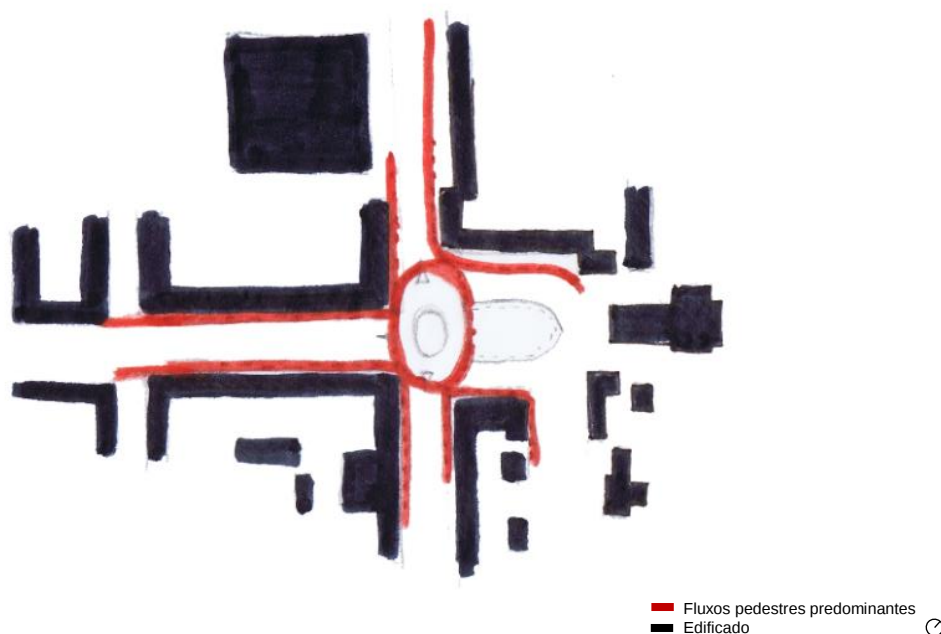
Sendo que agora em destaque vermelho e amarelo respetivamente aos fluxos viário e pedonais é notório que o carro predomina e envolve a área em estudo. Fazendo com que este espaço seja um espaço de ilha sobre domínio do automóvel. De facto toda a estrutura anteriormente descrita como conjunto urbano, funciona, neste caso em foco parece vacilar. O acesso contínuo ligado, que atrás se regista, é corrompido brutalmente, deixando este organismo sob domínio de um nó viário.

A fotografia em baixo exposta [Img.54], acaba por retratar em uma perspetiva que coloca a viatura quase à escala da Igreja São João de Brito (ao fundo), sendo este um elemento que suprime o espaço de estudo: incluído entre estes dois elementos.



Img. 54: Foto do Largo Frei Pinto, 2016. Foto tirada deste o nó de circulação e com vista frente Igreja São João de Brito.

Planta de fluxos pedestres predominantes



Img. 55: Esquício da planta de fluxos pedestres predominantes (a vermelho), da envolvente próxima do Largo Frei Pinto, 2016. Esboço do autor desta dissertação.

Em relação aos fluxos pedestres [Img.55], o que foi registado e verificado como podemos ver no esquema a cima indicado a vermelho: fluxos predominantes, um deles passando frente ao espaço de estudo, junto ao nó de circulação viário, sendo que os restantes os advindos da Avenida da Igreja, avenida de grande vivência diária.

Podemos verificar esse maior fluxo pedestre nas fotografias [Img.56 e 57] que se seguem.



Img. 56 e 57: Foto sobre o fluxo pedonal predominante do Largo Frei Pinto, 2016. Img. 56: fluxo ao fundo indicado (a vermelho). Img.57: o mesmo fluxo em registo fotográfico desde o Largo, foco para o mesmo fluxo pedestre.

Planta de usos do solo da envolvente próxima



Img. 58: Orthofoto do caso de estudo: Largo Frei Heitor Pinto, 2016. Planta de usos da envolvente próxima. Fonte: Google Earth.



LEGENDA:

- | | |
|--|--------------------------------|
| 1 Pastelaria Biarritz | 9 Café – Santa Clara |
| 2 Quiosque – O fantástico | 10 Igreja São de João de Brito |
| 3 Agência funerária- Magno | 11 Livraria MN |
| 4 Agência funerária- São João de Brito | 12 Agência Funerária |
| 5 Pastelaria – Coma e leve | 13 Espingardaria Torpaz |
| 6 Cabeleireiro | 14 Agência imobiliária ERA |
| 7 Sem utilização | 15 Santander Totta |
| 8 Restaurante Everest | 16 Largo Frei Heitor Pinto |

Os usos da envolvente próxima do Largo [Img.58] conta com alguns serviços, tendo próximo a Avenida da Igreja que complementa os que aqui não existam. A pastelaria Biarritz [Img.59],

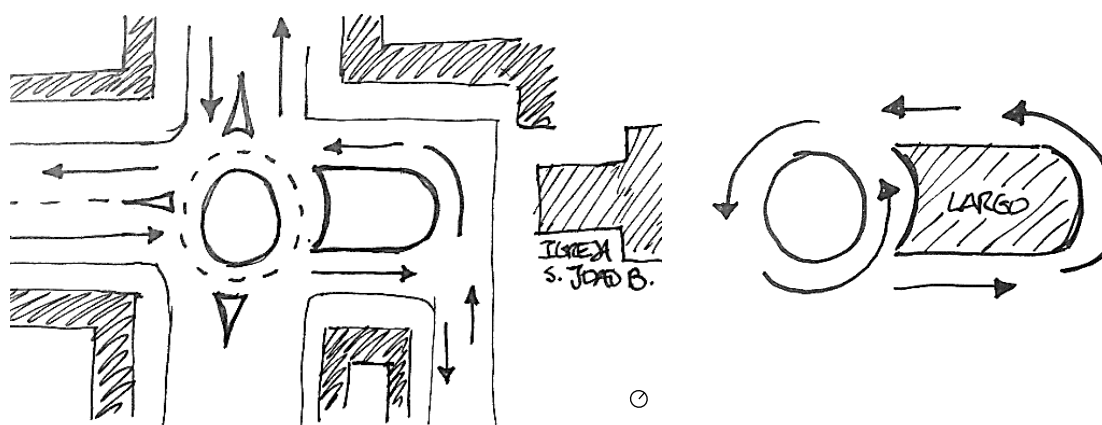
que se encontra na lateral direita ao caso de estudo, é identificado como o estabelecimento comercial de mais afluência de toda aquela área envolvente próxima do caso do estudo. É uma pastelaria familiar para alguns residentes locais, que a frequentam assiduamente. Esta pastelaria consegue reunir varias faixas etárias, sendo que conta com a presença de mais idosos a certas horas do dia [Img. 60]. Este é um ponto atrativo perto do local.



Img. 59 e 60. Img.59: Foto desde a lateral esquerda da Avenida da Igreja em direção ao Largo, 2016. Relação caso de estudo e a Pastelaria Biarritz Fonte: Google Maps

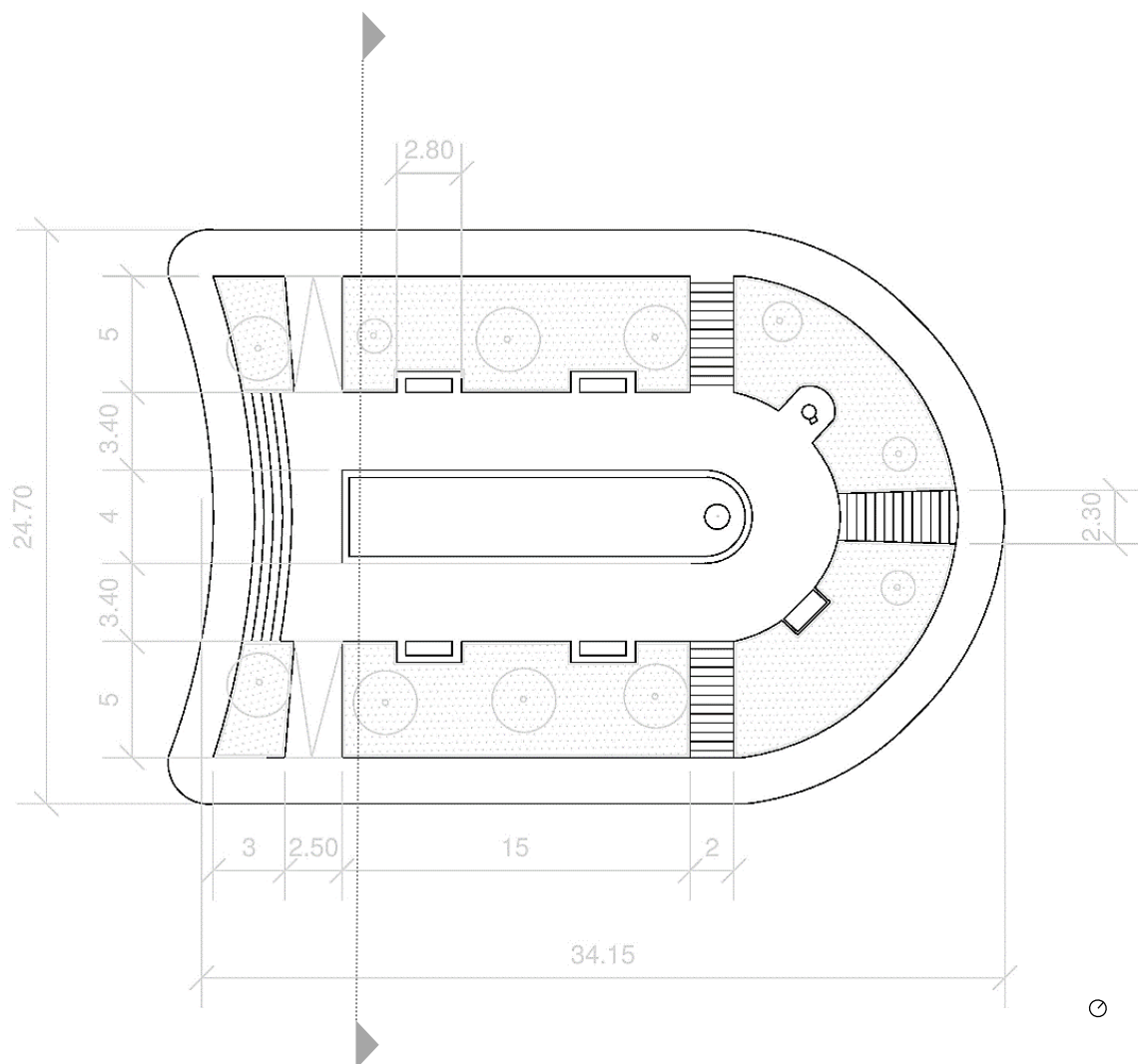
O Largo e a sua configuração formal atual

A configuração que este largo toma esta diretamente ligado com as vias que o circundam, ganhando esta forma côncava e convexa em duas das suas laterais, permitem assim uma via automóvel fluida. O esquema abaixo indicado, visa demonstrar o que referi anteriormente, a imagem à direita [Img.61] onde podemos constatar que a fluidez dos fluxos viários acabam originam a composição do Largo da imagem à esquerda [Img. 62].

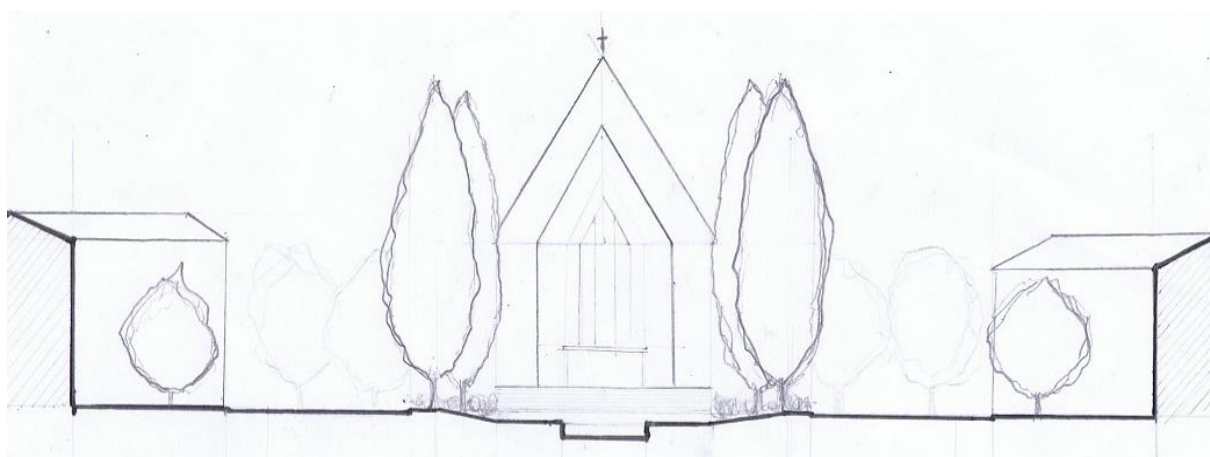


Img. 61e 62: 1. esquema com indicação dos fluxos viários da envolvente próxima do Largo Frei Heitor Pinto. 2. Esquema mais aproximado onde se constata que o Largo e a sua composição formal surge dos fluxos viários. Esboço do autor desta dissertação.

Dimensões e percentagens de ocupação



Img. 63: Planta cotada do Largo Frei Heitor Pinto. Planta elaborada pelo autor desta dissertação.



Img. 64: Desenho da secção do Largo Frei Heitor Pinto. Esboço do autor desta dissertação.

O espaço tem uma área total de aproximadamente 800m². A sua área verde total é de 205m², que se traduz em 25.5% da área total do espaço.

A área acessível verde é de aproximadamente 174m², sendo que 21.25% é possível a apropriação, e a não acessível 30m²: 3.7% da área total. A área não acessível encontra-se com acesso quebrado por uma guarda de baixa altura e com vegetação mais concentrada.

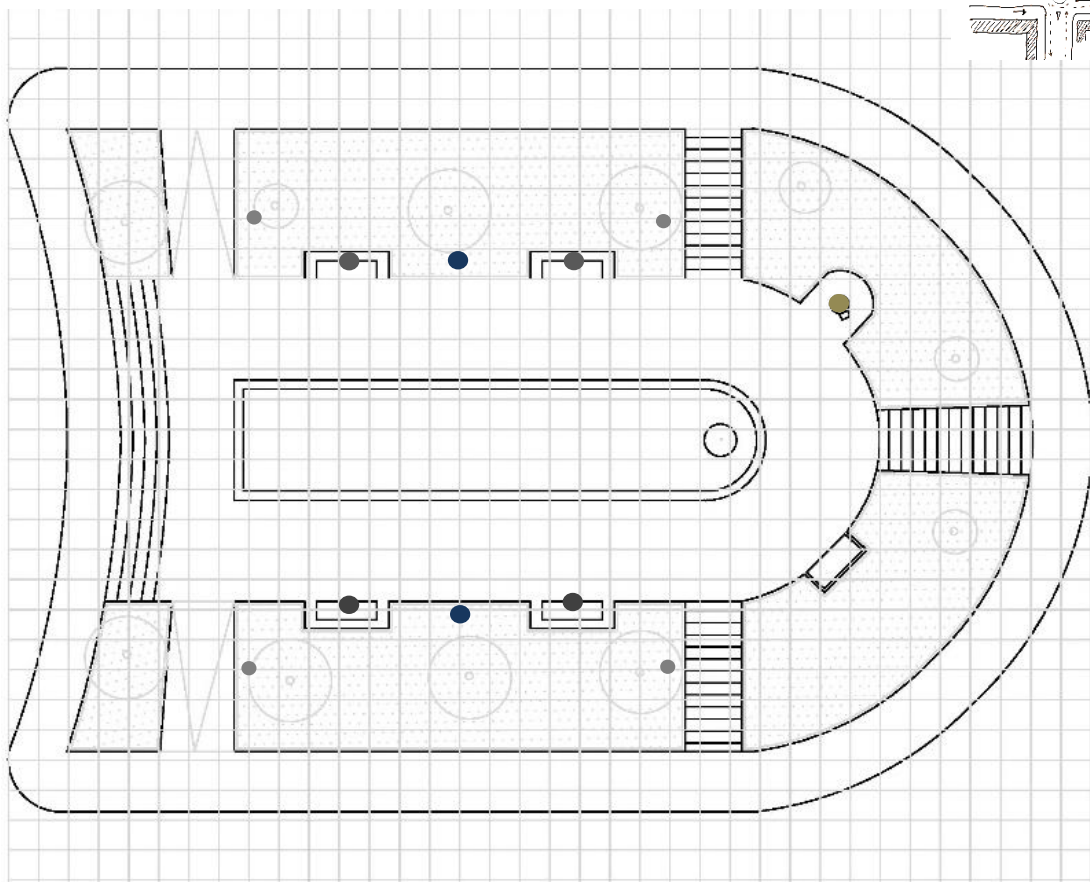
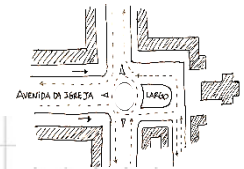
O Largo inclui um lago com uma área de ocupação de 70m², correspondente a 8.7% da área total do espaço. Inclui quatro bancos destinados a área para sentar de 8m², ou seja, 1% da área total do espaço.

A área corresponde há zona de escadas (com um espelho de 0.5cm, ou seja simbólico), que inclui a grande principal, as duas laterais e a do fundo virada para a igreja, tem uma área de 62 m²: 7.75% sob a área total. A restante área aberta livre distribuída, que inclui o passeio pedonal envolvente, duas suaves rampas laterais e espaço interior do largo, considerada pedonal é de 455m² -56.8% da área total.



Img. 65: Foto do Largo Frei Heitor Pinto vista Igreja São João de Brito, 2016.

Levantamento do tipo de mobiliário urbano existente



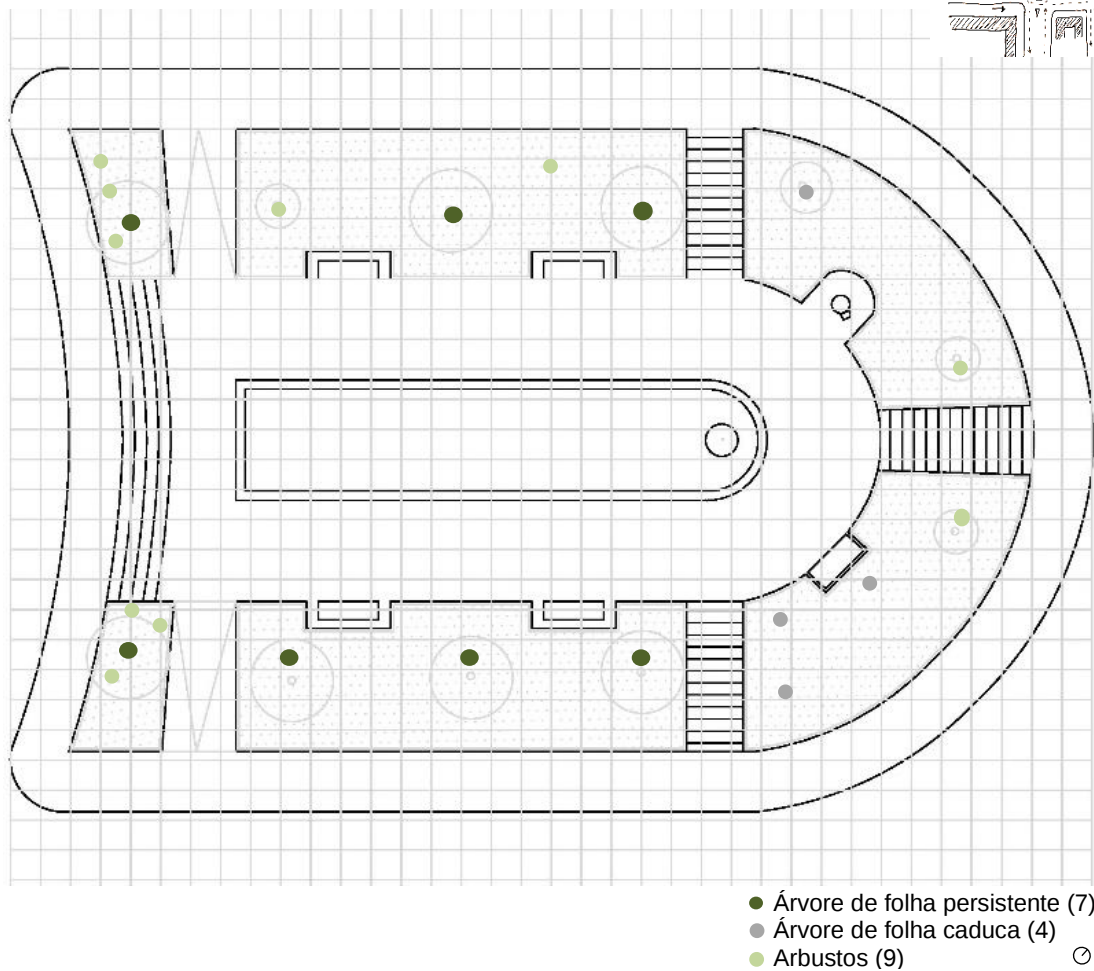
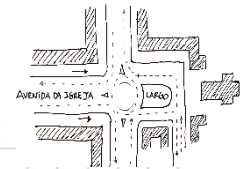
- Bancos (4)
- Poste de iluminação (4)
- Caixote do lixo (2)
- Bebedouro (1)

Img. 66: Planta do levantamento do tipo de mobiliário existente no Largo Frei Heitor Pinto. Planta elaborada pelo autor desta dissertação.



Img. 67: Registro fotográfico do mobiliário urbano existente no Largo Frei Heitor Pinto.

Tipo de vegetação e sua implantação



Img. 68: Planta do levantamento do tipo de vegetação existente no Largo Frei Heitor Pinto. Planta elaborada pelo autor desta dissertação.



Img. 69: Registo fotográfico do tipo de vegetação existente no Largo Frei Heitor Pinto.

Observação do caso de estudo

As observações foram feitas durante três meses, em três semanas de cada mês, um dia por semana, um no fim-de-semana de cada mês. O horário de observação às 9horas, às 13horas, correspondente à hora de almoço e às 17horas. Teve início no mês de Dezembro: no Inverno, em seguida no mês de Maio: Primavera, e por fim em Julho: Verão.

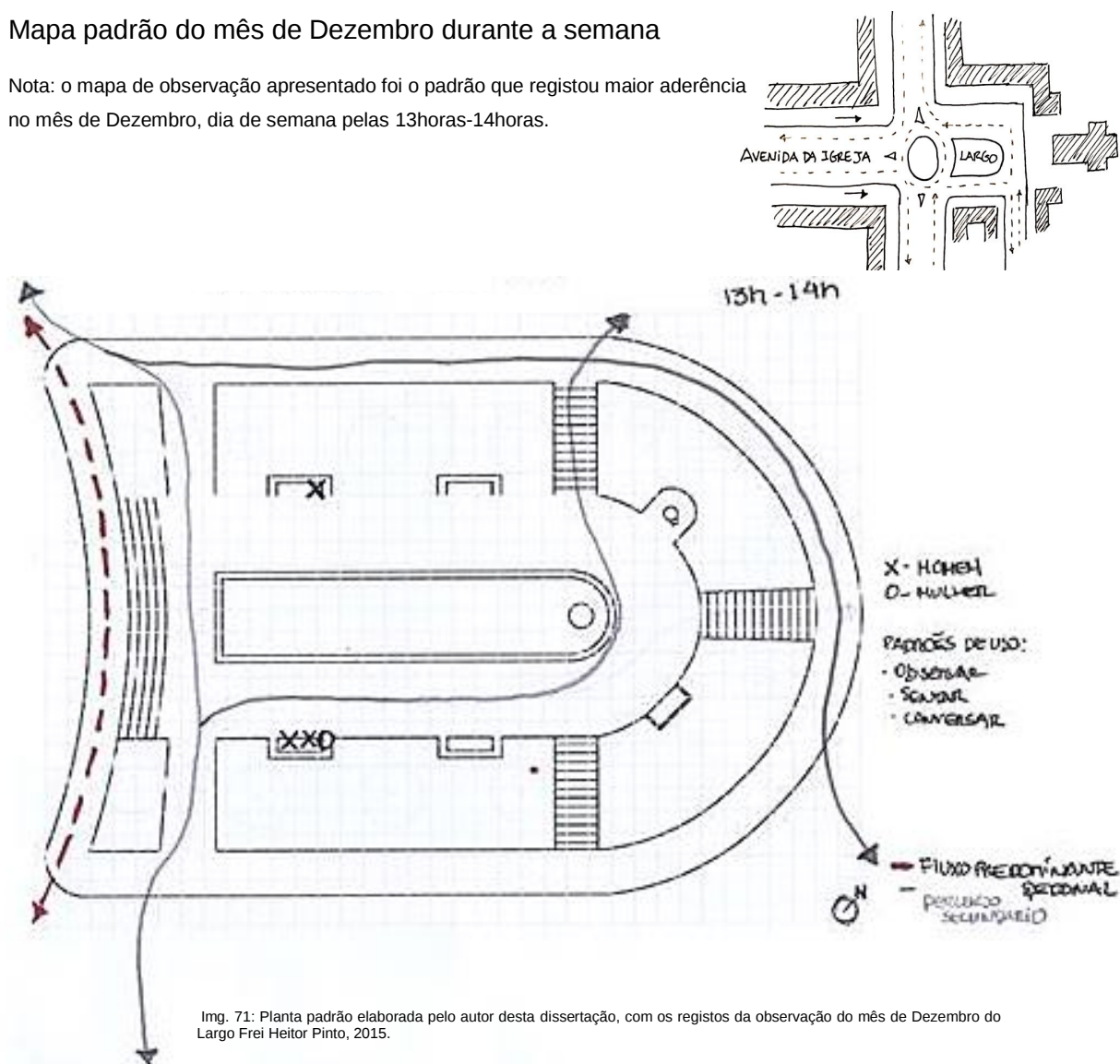
Esta observação teve por objetivo registar fluxos viários e pedonais, que já foram expostos e interpretados anteriormente. Frequência de utilização, permanências, segundo género e faixa etária, assinalando padrões de utilização. Este tipo de registo foi baseado nos mapas de William Whyte nas suas observações.



Img. 70: Foto do Largo Frei Pinto, 2016. Foto tirada deste o nó de circulação e com vista frente Igreja São João de Brito.

Mapa padrão do mês de Dezembro durante a semana

Nota: o mapa de observação apresentado foi o padrão que registou maior aderência no mês de Dezembro, dia de semana pelas 13horas-14horas.



As conclusões relativas ao mês de Dezembro foram que o Largo Frei Heitor Pinto tem mais adesão às 13horas, isto nos dias de semana e no fim-de-semana, especificamente no sábado, o domingo regista-se escassa aderência, concluindo então que é mais frequentado pela hora do almoço. No horário de observação, na parte da manhã às 10 horas, é utilizado como local de passagem, não havendo registo de indivíduos de permanência ou utilização do espaço

Regista-se, neste horário grande e persistente fluxo viário, como também muita movimentação de indivíduos a transitando a pé, sendo que o maior fluxo pedestre assinalado no espaço é aquele junto ao nó de circulação, representado a cor vermelha a tracejado, na planta acima exposta, sendo que os restantes fluxos pedonais de menor afluência estão representados a cor cinza. O comércio local que abre a essa hora recebe as pessoas no seu local de trabalho, outras ainda que de passagem, dirigem de carro para deixar os filhos às escolas, localizadas próximas do espaço de estudo.

O facto de estarmos numa estação do ano mais fria, também será uma condicionante para a pouca adesão ao espaço na parte da manhã. As árvores de folha permanente incluídas no local, não acompanham a estação em questão, causando sombreamento, em uma manhã fria típica do inverno, o que torna o espaço desagradável para permanência. Às 14 horas, em alguns dias, principalmente quando o sol está presente, regista-se algumas pessoas sentadas, mas o tempo de permanência é curto. Verifica-se que o género que mais utiliza o espaço são homens (X: 26-58)

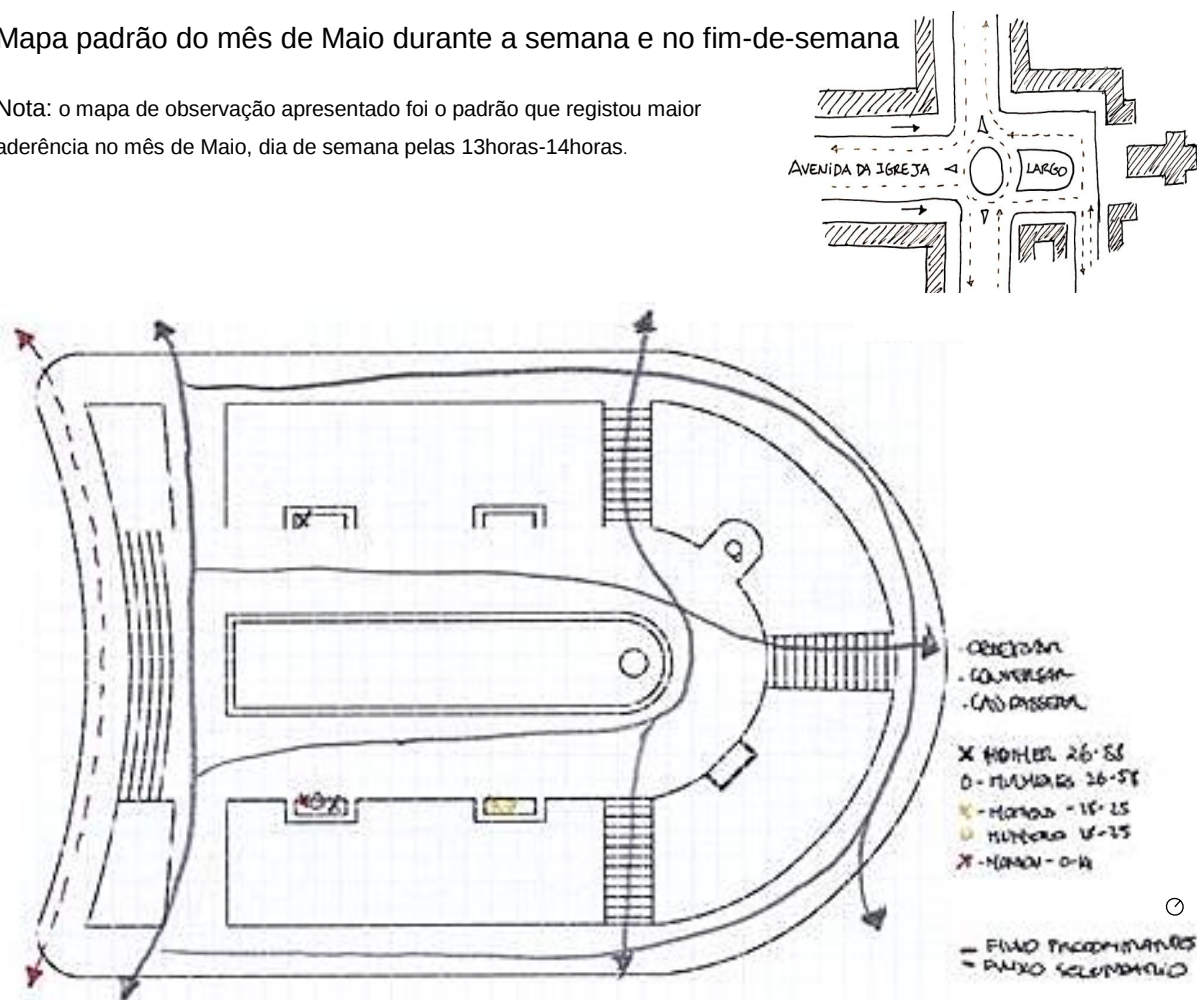
A faixa etária mais recorrente nesta altura são pessoas, sozinhas, jovens/adultos, que trabalham próximo do local e utilização o espaço escape na hora do almoço, sendo que se regista também alguns indivíduos idosos. Estes valem-se do espaço como passeio diário, dado que a população local é maioritariamente idosa, dados dos censos de 2011. Sentam-se apenas, por vezes em casal, por vezes acompanhados por alguém mais novo, ou até mesmo sozinhos: maior número de homens neste caso. Às 17 horas já começa novamente haver maior fluxo de carros e pessoas e é notória a redução de pessoas no local a partir dessa hora neste mês. Ainda assim deparei-me com grandes momentos mortos, muitas das vezes era só local de passagem e não havia nenhuma utilização.



Img. 72: Foto do Largo Frei Heitor Pinto vista Igreja São João de Brito. Dezembro de 2016

Mapa padrão do mês de Maio durante a semana e no fim-de-semana

Nota: o mapa de observação apresentado foi o padrão que registou maior aderência no mês de Maio, dia de semana pelas 13horas-14horas.



Img 73: Planta padrão elaborada pelo autor desta dissertação com os registos da observação do mês de Maio do Largo.
Frei Heitor Pinto, 2016.

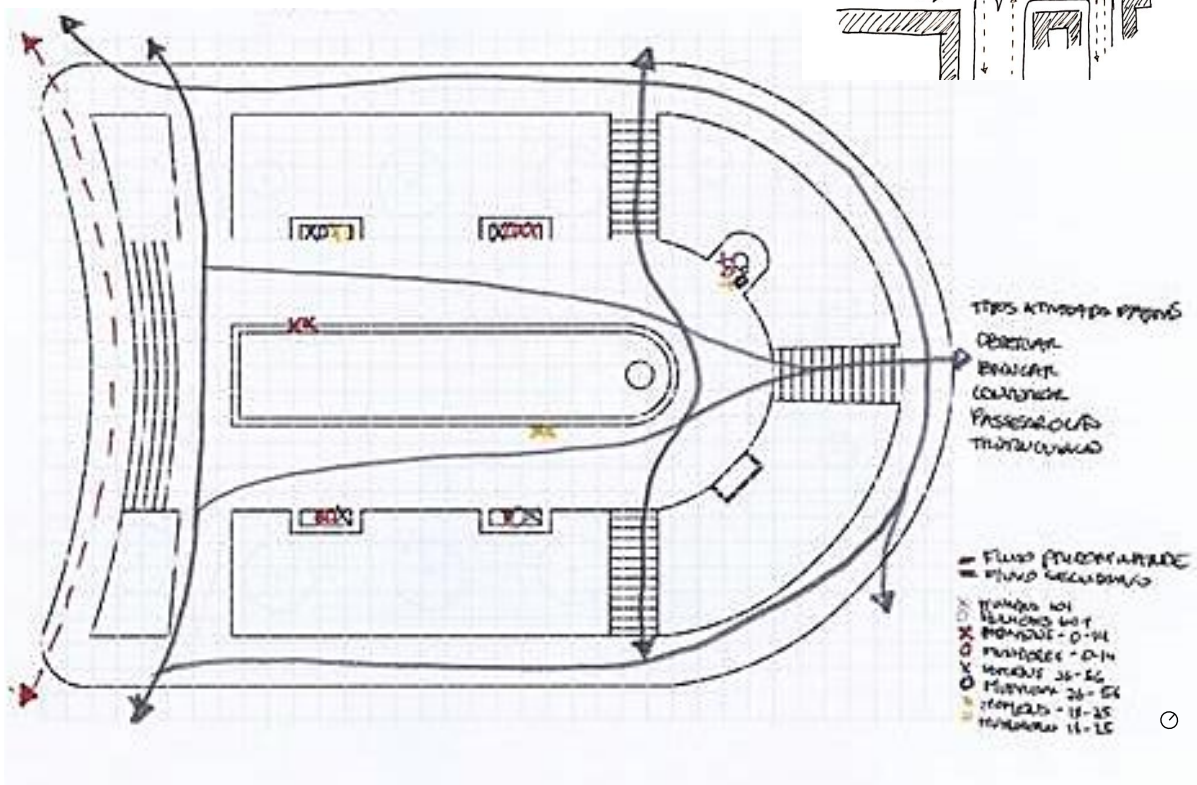
No mês de Maio, começa a registar-se alguma aderência ao local, tanto na parte da manhã como no fim de tarde. Às 14 horas, hora do almoço continua a ser a preferência dos utilizadores locais. Nesta altura do ano o sol aparece com mais frequência e a permanência das pessoas é ligeiramente mais duradoura do que no que a verificada no mês de inverno.

Comecei a registar alguma aderência por parte de jovens, em grupo de dois ou três, mas nunca mais de um grupo ao mesmo tempo, continua a predominância do uso do local por parte de homens adultos.

As atividades são essencialmente sentar, relaxar, curta permanência, alguns leem: maior número de homens neste caso, com idade compreendidas entre os 50- 60, registei já algumas pessoas a lanchar e a recorrem também ao bebedouro com regularidade. Continua a haver pontualmente tempos mortos no local.

Mapa padrão do mês de Julho durante a semana

Nota: o mapa de observação apresentado foi o padrão que registou maior aderência no mês de Julho, dia de semana pelas 17horas.

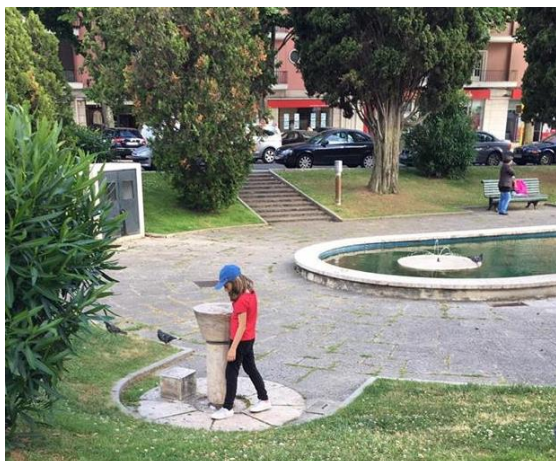


Img. 74: Planta padrão elaborada pelo autor desta dissertação com os registos da observação do mês de Julho do Largo Frei Heitor Pinto, 2016.

No mês de Julho, verifica-se de todos os meses até então observados, que a afluência de pessoas no espaço é maior. É verão, o sol é quase garantido todos os dias, algumas pessoas estão de férias, a toda a área envolvente ao espaço fica mais calma, as escolas fecham durante este período, há registo de menor fluxo de carros, e por consequência mais pessoas no sítio. Houve registo superior, com relação aos restantes meses, na parte da manhã de pessoas no espaço, constatando algumas crianças e jovens/adultos. Sendo que o horário de preferência dos utilizadores registado é ao final da tarde.

As atividades verificadas nesta altura é, grande número de pessoas a recorrer ao bebedouro, outros sentam-se a conversar já por um período mais perlongado, indivíduos que levam os cães a rua, os senhores de faixa etária idosa (normalmente dois a dois) que apenas passeiam pelo sítio, ou sentam-se num banco a conversar. Cheguei a registar crianças andar de bicicleta, contando com o olhar atento do pai, com receio que num ato espontâneo, estas fossem para a via viária. O conhecido café o Biarritz, atrai principalmente nesta altura pessoas para tomar o pequeno-almoço, algumas delas visitam o sítio depois. Durante a tarde como faz

muito calor há menos registo de permanência, que volta a aumentar as 17 horas. No fim-de-semana regista-se nos dias que observei (mais na parte da manhã) alguma adesão muito significativa. Agora por crianças em que os pais se encontram a tomar café, casais que se dirigem de propósito para se sentar a conversar, outros apenas passeiam pelo espaço, ficam de pé a conversar e seguem caminho.



Img. 72: foto sobre o Largo de uma das esquinas vista bebedouro, 2016.



Img. 73: Foto da esplanada da pastelaria Biarritz, 2016.

Devido a ausência de diversidade de usos, o espaço é de pouca permanência. Mas neste mês de verão não verifiquei momentos mortos no Largo, nas horas que tive a observar, embora algumas permaneçam pouco tempo, ainda que neste mês permaneçam mais que nos restante, está sempre a chegar novas pessoas que as substituem e assim sucessivamente.



Img. 74: Foto do Largo Frei Heitor Pinto vista para a Avenida da Igreja, foto tirada no mês de Julho no final da tarde, 2016.

4.2.2 Análise social

Esta análise social passa por fazer uma breve descrição da vida social da avenida da igreja, pois esta é a grande principal artéria de ligação ao caso de estudo. Em seguida será feita uma análise social ao espaço em foco desta investigação.

O Largo frei Heitor Pinto encontra-se localizado no fim da avenida da Igreja, um avenida movimentada, com muito comércio, de tipologia dominante de blocos de 4 pisos, sendo o rés-do chão dedicado ao comércio para uso fruto para população local e restantes pisos de habitação, faz com que esta agradável avenida, arborizada tenha uma grande vivência diária.

Nos passeios largos surgem pontualmente zonas de esplanada de aderência transitória e continua. Aqui é notável que o passeio é o lugar publico por excelência e que da lugar a uma grande diversidade de relações de rua. Proporciona a oportunidade e interatividade entre pessoas, conhecidos cumprimentam-se, param para conversar, ou até mesmo os casais que por lá passeiam de mãos dadas usufruindo das monstras de comércio que acompanham o passeio continuo.

Sendo esta avenida movimentada tanto pelos pedestres como pelos carros, existe um respeito mútuo entre o carro-peão. Sendo esta uma avenida longitudinal com dois sentidos viários dotada de estacionamento ao longo da mesma dos dois lados, facilita o olhar tanto do condutor como do pedestre que quer atravessar a rua. As passeadeiras que estão distribuídas em pontos de cruzamentos de rua, da avenida da igreja para as suas ramificações perpendiculares, ruas secundárias a esta, onde se encontram as esquinas: grandes lugares de convergência de pessoas: é onde surgem estes atravessamentos.

Esta avenida é contínua, existe diversidade de usos, desde comércio, café com esplanada, ponto de encontro, cruzamento de pessoas, lugar onde se deixa e apanha passageiros, pois até o estacionamento em segunda fila funciona, e não causa desordem no trânsito, contendo um passeio de aproximadamente 6,5 metros e uma estrada de dois sentidos de aproximadamente 14,5 metros, com a mais-valia do edificado ser de tipologias de 4 pisos ou seja, não de grande altura, faz com que esta possua uma boa exposição solar. Com as árvores colocadas ao longo do passeio, proporciona ao pedonal a possibilidade de andar ao sol ou a sombra, que é uma característica positiva de um bom espaço.



Img. 75: foto sobre o passeio lateral direito da avenida da Igreja.

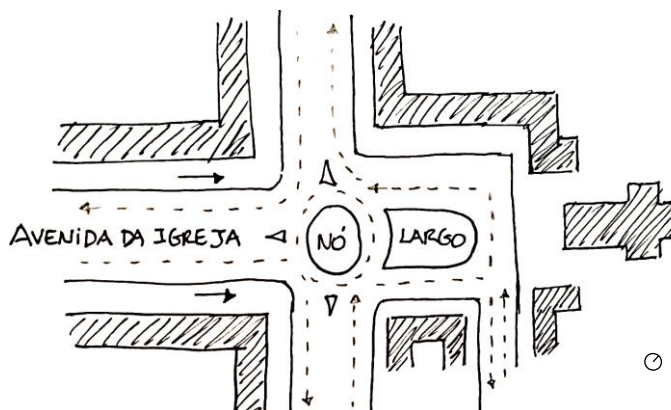


Img. 76: foto sobre o passeio lateral direito do final da Av. da Igreja, perto do Largo.



Img 76: foto panorâmica sobre o Largo Frei Heitor Pinto, 2016.

O que acontece quando esta larga e extensa avenida acima descrita, desagua naquele que deveria ser o momento auge de receção de pessoas num espaço de todos, um espaço publico de permanência?



Img. 77: esquema representativo que visa representar localização da avenida da Igreja- nó de circulação- Largo. Planta elaborada pelo autor desta dissertação.

Um nó de circulação viária, de grande fluxo. Apesar de haver um respeito mutuo entre o condutor e o pedestre, e de haver passadeiras colocada em torno deste nó, não minimiza o facto de ser difícil dos atravessamentos, principalmente para a faixa etária predominante da zona: a idosa, sendo o fluxo viário persistente durante todo o dia. O acesso até ao Largo, é dificultado apresentando algumas barreiras para o pedestre.



Img. 78: foto desde o nó de circulação viário em direção a Igreja São João de Brito.



Img.79: foto de um dos atravessamentos que se antecedem ao Largo.

Acessos

Segundo o handbook: *How to turn a place around*, a designação relativamente aos acessos de um espaço público de sucesso, é traduzido em acessos diretos, rápidos e eficazes, assim como visíveis. As pessoas devem conseguir facilmente circular, tornando-se conveniente a utilização de todos os seus espaços.

A introdução de elementos físicos podem afetar os seus acessos, tomando por exemplo: a linha continua de lojas ao longo de uma rua, é mais atrativa e geralmente mais cómoda para transitar, do que uma parede em branco e um lote vazio, bem como preterir as perceções, por exemplo: a capacidade de se conseguir ver um espaço público a partir de uma curta distância. (Madden, 2005, p. 18)

O Largo contém seis entradas, sendo a principal, uma escadaria central em extensão e de maior dimensão, e as restantes cinco, secundárias, de menor dimensão. Duas delas em rampa, facultando assim o acesso a todos, e outras três em escada, sendo todos os acessos perceptíveis e diretos.

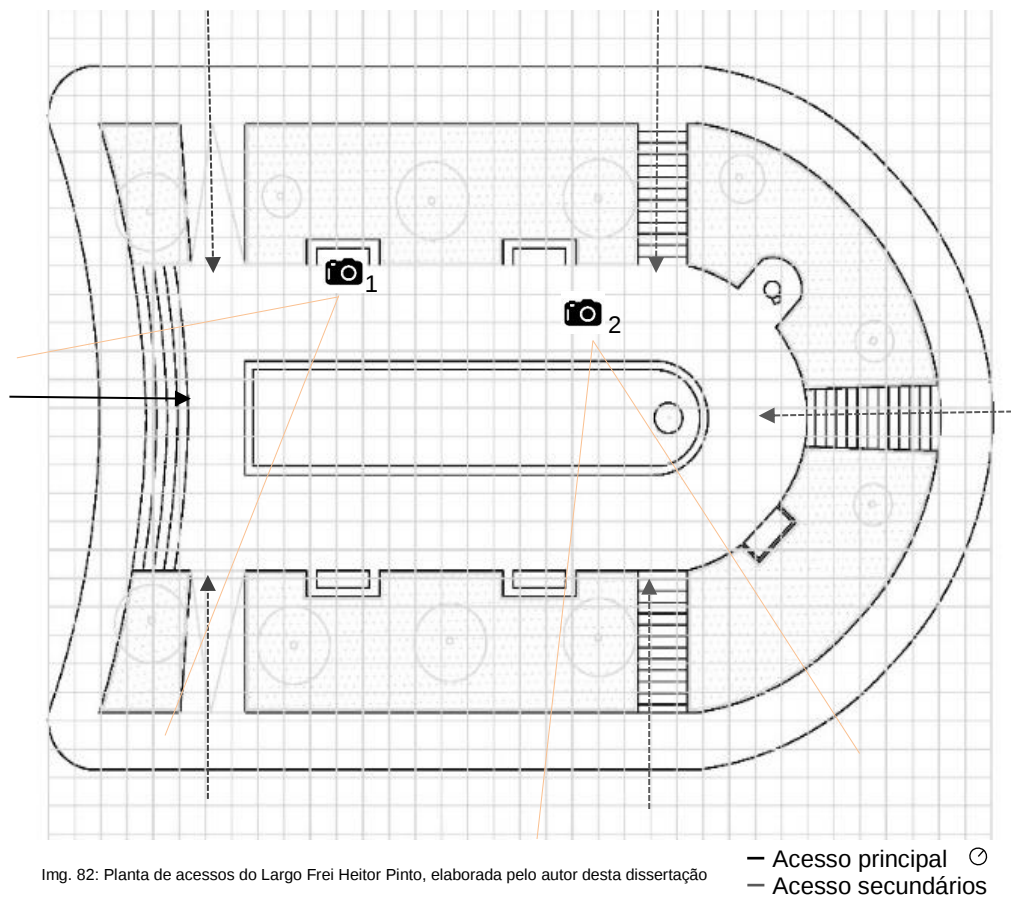


Img. 80: foto de uma das laterais do largo, no lado direito a entrada mais larga e principal, ao fundo uma das duas rampas existentes, entradas secundárias, menos largas.

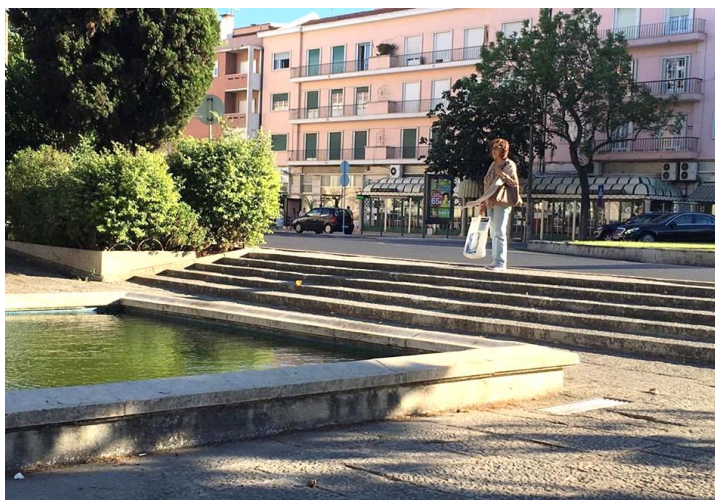


Img. 81: foto desde o lado da igreja São João de Brito vista para Av. da Igreja. Esta é a escadaria do lado oposto à entrada principal.

Acessos do Largo Frei Heitor Pinto:



Img. 82: Planta de acessos do Largo Frei Heitor Pinto, elaborada pelo autor desta dissertação



Img. 83: Fotografia da entrada principal, [img.82] indicado pelo número 1 do ângulo da câmara em planta.



Img.84. foto de uma entrada secundária [img.82] indicado pelo número 2 ângulo da câmara em planta

A percepção da segurança e limpeza simultaneamente com a equilibrada escala dos seus edifícios adjacentes, assim como o carácter do próprio espaço, é dos primeiros pré-requisitos inconscientes para as pessoas que pretendem utilizar o espaço. Questões mais palpáveis são por exemplo a existência de um lugar confortável para se sentar. A importância de dar aos

utilizadores a possibilidade de escolha do lugar para se sentar é por vezes subestimada, sendo um elemento que marca a diferença na forte adesão ao espaço. (Madden, 2005, p. 18)

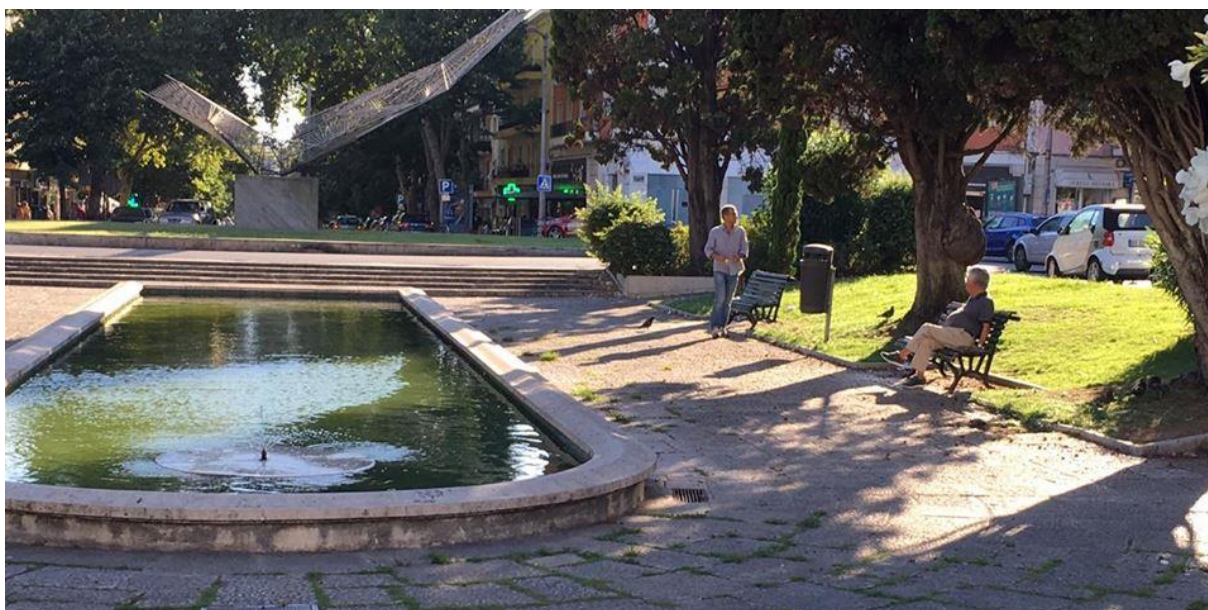


Img. 85: Foto do Largo vista Igreja São João de Brito, 2016.

Atendendo a esta breve consideração o Largo Frei Heitor Pinto, em relação ao conforto e imagem, caracteriza-se por um espaço cuidado, limpo, passivo, agradável e harmonioso. Sendo um espaço amplo de imagem atrativa e seguro, pois é possível ter a perceção de todas as partes de qualquer ponto.



Img. 86: foto de uma das laterais do Largo no sentido do lado da pastelaria Biarritz, 2016.



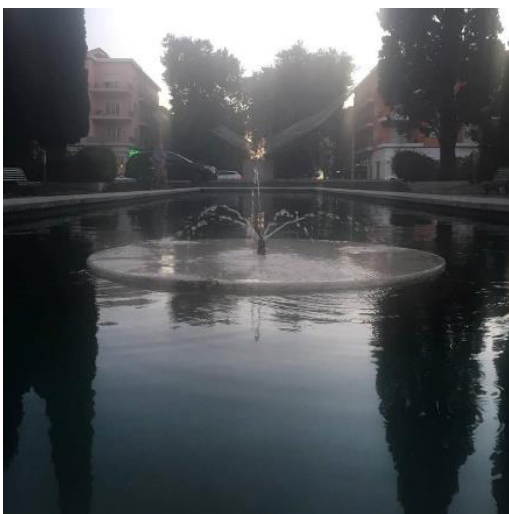
Img. 87: foto desde o Largo Frei Heitor Pinto no sentido da avenida da Igreja, junho de 2016.

Na fotografia que se segue [Img.88], demonstrando que o Largo Frei Heitor Pino situa-se a uma cota inferior da cota da estrada, ainda assim proporciona ao utilizador visibilidade ampla do que se está a passar em seu redor. Possui lugares para se sentar, ainda que sejam poucos: 4 no seu total, limitados à sua implantação. Inclui um lago central com um repuxo de água que enfatiza todo aquele espaço [Img.89].



Img. 88: foto de uma das laterais do Largo Frei Heitor Pinto, onde podemos verificar o desnível existente desde a cota de estrada, 2016.

As árvores são responsáveis pela harmonia dispostas equilibradamente, proporcionando sombras na área onde estão colocados os bancos. Exteriormente este espaço público tem uma imagem atrativa, e no seu interior proporciona conforto aos seus utilizadores ainda que as alternativas para sentar sejam reduzidas.



Img. 89: foto do lago existente no Largo Frei Heitor Pinto, 2016.



Img. 90: foto de uma das laterais do largo, onde se pode verificar o equilíbrio do posicionamento das árvores em conformidade a implantação dos bancos, 2016.

Usos e atividades

As atividades são os blocos básicos de construção de um determinado espaço. São as atividades e usos as razões que determinam se os indivíduos aderem pela primeira vez e pela qual regressam, tendo a capacidade de tornar o lugar único e especial. Quando estes espaços não proporcionam nada que fazer, ficam confinados a estarem vazios, a não terem adesão, não sendo atrativos são condenados ao fracasso. Se não há nada a acontecer, é sinónimo de que algo de errado se passa. (Madden, 2005, p. 16)

O Largo Frei Heitor Pinto em relação aos usos e atividades, o que se constatou é que é utilizado por norma por curto tempo, os utilizadores que recorrem ao espaço sozinhos, permanecem sentados apenas a observar. Aqueles que vão acompanhados permanecem sentados a conversar. As atividades registadas foram essencialmente sentar e observar, juntamente aos utilizadores que recorrem ao espaço para passear os cães. Registou-se pais que acompanham os filhos a andar de bicicleta, mas o que é fato, é que o espaço não reúne as condições necessárias, para que estas andem livremente sem a especial atenção dos pais, pois o carro predominando a sua envolvente, é uma constante preocupação.

O lago é um elemento atrativo para as crianças que gostam de se debruçar sobre o muro que o contorna, para um contato ter um contato próximo com a água. Contudo as mais pequenas só o conseguem fazer com a presença de um adulto, pois a sua profundidade e dimensão pode tornar-se perigosa uma vez que a sua guarda é de baixa altura. O bebedouro também é um elemento de atracção e frequentemente utilizado, constatando maior número de utilizadores no verão. O largo não proporciona nem sugere outro tipo de atividades e usos, à exceção das anteriormente referidas.

Sociabilização

Entende-se por sociabilização o ato socializar, ou seja, tornar social, o reunir de indivíduos, traduzindo-se em um processo de integração dos indivíduos em grupo. Quando os indivíduos vêm amigos, cumprimentam vizinhos e sentem-se confortáveis a interagir com estranhos, têm a tendência a criarem uma forte ligação ao local ou inserção na comunidade, isto ocorre em espaços que induzem a este tipo de atividades sociais, sendo o ideal gerador de atração. (Madden, 2005, p. 16)

O Largo Frei Heitor Pinto, em análise, regista poucos processos destes. Durante as observações apenas constatei que as pessoas que sozinhas até ao espaço, tendem por se sentar sozinhas num dos bancos, não havendo muita proximidade, são reduzidas as hipóteses de haver comunicação com outros indivíduos sentados. Observei que indivíduos desconhecidos não partilham o banco, uma vez estando no espaço, há a procura de um lugar para se sentar disponível, não havendo registo de que dois desconhecidos se sentassem no mesmo banco.

Este processo gera-se apenas por duas ou mais pessoas que juntas se dirigem ao espaço e ali permanecem a interagir, a conversar e a observar. Há este processo entre conhecidos.



Img. 91: foto do largo no sentido da avenida da igreja, junho de 2016.



Img. 92: foto de uma das laterais do Largo, onde foi possível captar vários tipos de utilização, andar de bicicleta, observar, conversar e passear o cão, Junho de 2016.

4.2.3 Análise Swot

	FRAQUEZAS	POTENCIALIDADES
ACESSOS	Difícil acesso até ao Largo; Existência de barreiras físicas o carro, passeadeiras, no de circulação viária adossado; Resulta em carência de acesso rápido e direto, e carros que predominam a envolvente do Largo.	Entradas diretas, visíveis a todos os pontos do espaço e de rápido acesso.
USOS	Inexistência de diversidade de usos; O espaço não proporciona momentos de interação, atividades culturais, divertimento, lazer. Poucos lugares para se sentar. Apenas dispõe de quatro bancos na sua totalidade, reduzindo a escolha por parte do utilizador.	O espaço sendo reformulado, poderá proporcionar diversidade induzindo a novos usos, atraindo mais e mais indivíduos. Mais lugares para se sentar, dando assim aos utilizadores mais opção de escolha.
CONFORTO E IMAGEM	Lago central com uma ocupação elevada do espaço em relação à dimensão do espaço dedicado há permanência e passagem. Lago que se vê mas não se toca, que inclui um repuxo de água contendo um moreto à sua volta de aproximadamente 30cm de altura, nem da para sentar, nem da para se debruçar para tocar na água, é puramente estético. Bebedouro posicionado num lugar pouco estratégico, afastado do lugar de passagem com mais fluxo pedonal, de implantação no extremo oposto.	O largo tem uma imagem agradável, limpa, cuidada, atrativa. Contem boa exposição solar. Apesar de não incluir muitos lugares para se sentar, os que existem proporcionam tanto lugares sentados a sombra, como ao sol, proporcionando assim aos utilizadores estas duas hipóteses. O lago existente apesar de ocupar muita área, proporciona ao espaço a presença da água, um elemento de qualificativo e de harmonia dos espaços.
SOCIABILIZAÇÃO	Apenas pessoas conhecidas interagem entre si. Utilizadores individuais, apenas se sentam a observar, não havendo interação com desconhecidos. Não existindo diversidade de usos, por consequência é escassa a sociabilização, sendo esta apenas entre conhecidos.	O espaço, uma vez requalificado e proporcionando diversidade de usos, processos de triangulação será potencializador de interação entre indivíduos.

Refletindo sobre algumas questões surgiram os seguintes esquemas. O primeiro esquema respetivo à caracterização da rede viária, e à caracterização do espaço público, que em um jogo de palavras conseguimos corretamente caracteriza-los opostamente.

Deste modo poderemos entender o porque destes dois elementos existentes na cidade, muitas das vezes entram em discordância reciprocamente.

Identifico como a problemática:



A rede viária é composta de forma linear, tornando-se impessoal, pois deriva de uma intenção de fazer ligações racionais e funcionais. Tem um único-prepósito, que é por sua vez que essa ligação seja efetuada de maneira direta e eficaz do ponto de vista funcional. É previsível pois o seu único prepósito, é de atender as necessidades rodoviárias, tornando-se por sua vez sistemático.

Já o espaço público, por outro lado, é considerado pessoal, quem o concebe pensa em atender a múltiplos prepósitos, variados usos, sendo de carácter imprevisível a sua conceção, mas havendo sempre intenção de correspondência relativo ao contexto onde se insere.

O esquema que se segue foi elaborado segundo aquilo que reflete ser a realidade atual, indo de acordo ao que se estudou anteriormente e se concluiu.

O usual em cidades atuais, é a preocupação de muitos planeadores: direcionada em resolver trânsitos caóticos, pondo em primeiro plano a resolução de problemas rodoviários, deixando para planos seguintes, aquilo que de facto caracteriza e é identidade das cidades: o edificado; os espaços criados para a população e a vida e apropriação dos mesmos.

O que acabei de referir, poderá ser traduzido no esquema que se segue, onde inevitavelmente se terá de mudar prioridades, implementando uma interdisciplinaridade entre elementos, com intuito de resolver, o que de fato se esta a tornar um problema nas urbes de hoje em dia.

O que é necessário mudar:



CONCLUSÃO

Na Antiguidade Clássica, século VI a.C., a Ágora para os gregos era o lugar de troca e sociabilização, sendo um espaço com a configuração dada pela implantação de edifícios públicos e religiosos, espaço este que se foi alterando, no decorrer dos tempos, assumindo outros modelos, registados em mais de dois mil e quinhentos anos de história urbana, em que ruas e praças eram lugares coletivos de conveniência.

Nas cidades medievais europeias, as praças davam lugar a jogos, torneios e teatros, surgindo nos pontos de convergência de caminhos. Outras cidades medievais erguem-se apropriação da terra pública segundo necessidades humanas e sem qualquer planeamento.

No Renascimento século XVI, o espaço público é tratado por excelência, onde as fachadas eram instituídas segundo as praças, espaços de planta quadrada central, traçado racional, normalmente encerradas lateralmente e um dos lados abertos. Foram Idealizadas para se assemelharem a conjuntos urbanos de usos intenso onde transitariam varias classes sociais. Podemos verificar praças com estas características, em maior numero, e de referência deste período, em França e Itália, cidades economicamente fortes, que disputavam entre si nessa época, com intuito de alcançar uma imagem de cidade renovada, nova, moderna.

No século XIX, a sobrelotação das cidades levam a carência de condições estruturais e sanitárias, o período da Revolução industrial, onde surge a necessidade de repensar o planeamento e surge o novo conceito de disciplina do Urbanismo. Em resposta, dois grandes exemplos foram as intervenções de Haussmann em Paris e a de Cerdà em Barcelona, que tratam o desenho das áreas públicas como prioritárias na composição da paisagem urbana.

Na primeira intervenção, segundo traçado higienista o plano consiste em abrir largas ruas, sobrepondo a cidade antiga uma nova malha racional com comunicação entre todas as partes, sendo criadas praças, jardins públicos, boulevards e o carrefour. O segundo de Cerdà, parte por demolir as muralhas e multiplicar a cidade em seis vezes mais, com ideologia de homogeneidade, coerência espacial, convívio social prestando atenção ao habitante da cidade. Estrutura áreas para parques dotando toda a proposta de praças e espaços públicos, com intuito de facilitar contato entre indivíduos e o quarteirão.

Já no século XX, se estuda o espaço público como forma residual na cidade moderna, sendo frequente no meio académico certificar que os cataclismos sociais advindos do pós-guerra são atribuídos à preponderância da standardização e aos princípios da modernidade. Segundo Lima, as edificações de baixa renda geram a redivisão de conjuntos urbanos.,

ocupados por barreiras residências, as torres, resultando entre elas espaços residuais. Periferias ou zonas nobres da urbe, generalizando, carecem de espaços de uso coletivo onde o lazer é improvisado, as periferias registam em vários países, no fim-de-semana, uma grande utilização dos espaços públicos.

A autora Lima refere ter de haver uma integração da cidade como um todo, sendo necessário desenvolver um trabalho social e urbanísticos nas periferias. Frisa também que os códigos do urbanismo atual dedicam-se a gerar mecanismos para solucionar problemas de densidade e ocupação, sendo que estes instrumentos não solucionam a forma da cidade e do espaço publico: espaços residuais constrangidos a não ter forma.

Com relação à génese e formação dos espaços públicos em Portugal, as praças, largos, terreiros e adros detêm um papel caracterizador dos traçados urbanos portugueses.

Uma das características que prevalece na tradição urbana portuguesa é a diversidade de praças incluídas no mesmo núcleo urbano de funções religiosas, militares, políticas ou administrativas. Multiplicidade esta, inerente à função é possível ser constatada em diferentes períodos da história. A composição e forma da praça está diretamente relacionada ao processo que lhe deu origem. Uma surgem através da relação intrínseca dos traçados vernáculos, não planeados, de ordem física do território onde se implantam. Outras que surgem de ações de planeamento de influência em planos eruditos, sendo que normalmente o crescimento das cidades portuguesas emergem de malhas que se vão adicionando criando momentos potenciadores de outros futuros espaços coletivos: praças, largos.

Concluindo, no período medieval as praças portuguesas não eram formalmente estruturadas. No século XVI, em Portugal começam a iniciar-se a construção de praças formalmente estruturadas, de características regulares mas de pouco rigor geométrico. Registam-se em núcleos consolidados provenientes de dois processos: os resultantes da regularização de espaços existentes, e as praças reformuladas de raiz, advindas da demolição de partes da cidade com premissas de modernização.

No século XVII, o modelo predominante é o de praça regular quadrada, ou retangular de posição central na malha urbana: processo de racionalidade e regularidade do traçado. Já no século seguinte há uma conceção geral da cidade, são criadas praças de traçado absolutamente regular, como o próprio edificado que a definido pelo mesmo princípio, exemplos destes processos: traçados pombalinos (segunda metade do século XVIII), reestruturação das praças do Rossio e Terreiro do Paço na cidade de Lisboa.

No século XIX, a construção de praças é moderada, permutadas por jardins ou rotundas de melhoramento de circulação. A praça, elemento estruturante da malha urbana torna-se um elemento escasso na sua composição. Luís Cunha na sua obra *A praça na cidade portuguesa*, argumenta que apesar do declínio que as praças têm vindo a suportar, são espaços de grande importância para a vida das cidades, legitimando que a resposta não esta apenas na sua manutenção, mas sim na conceção de novos espaços de características tradicionais portuguesas.

Michael Freitag, com a sua perspetiva global, na sua exposição *Arquitetura e Sociedade*, é da opinião assim como Jane Jacobs, que arquitetura parece ter escapado à realidade, e que a realidade parece ter sido abandonada pela arquitetura. Expõe que a arquitetura da história e reflexiva tem apenas sentido sobre um pano de fundo, advindo de sociedades arcaicas. O autor, especula que o problema da arquitetura está relacionado à forma como a sociedade origina o mundo, como mundo humanizado, sendo que o seu objeto primitivo traduz-se na construção do espaço civilizado e de apropriação do individuo.

Para Freitag, a solução está em salvaguardar o que já existe, criando o espaço e a razão do seu próprio sentido. Posto isto, para o autor a arquitetura deve hoje abrir portas à arquitetura do amanhã, capaz de sugerir espaços públicos concretos, sendo uma porta aberta à sociabilidade, e refletindo-se novamente como forma materializada de uma sociedade organizada.

Jane Jacobs, na sua obra *A morte e Vida de Grandes Cidades*, entendia a cidade como um organismo em mutação constante. A obra expressa uma forma de pensar e fazer cidade defendendo que o planeamento deve estar apto a se auto criticar, sobre alçada de análise constante e adequação dos seus modelos em adaptação à realidade. Para a autora, a vitalidade das urbes, depende da diversidade de usos permeabilidade de vizinhanças, da recuperação dos bairros de habitação, de uma económico estável e da ordem visual clara, sendo estes objetivos os alicerces da força económica, vitalidade social e magnetismo urbano, e para sejam atingíveis é necessário adotar novas estratégias.

Espaços públicos proporcionam intensa vida urbana, desde que reúnam bons acessos, vitalidade e diversidade de usos. Capazes de criar sensações, atração, adequação e autenticidade da vida pública com auto confiança urbana. A resposta esta na observação destes organismos vivos que são as cidades, pois é nelas que se encontraram as diretrizes para a sua própria regeneração.

Os interstícios urbanos são identificados por dois tipos: espaços residuais/sem forma; negativos, ou espaços com forma; os positivos. Sendo que esta distinção traduz-se na maneira que o indivíduo se apropria do espaço, registando mais apropriação em espaços positivo. Interstícios urbanos estão associados ao modelo de cidade organismo, o identificado por Alexander como aquela que possui alta qualidade de vida.

De modo operacional foi demonstrado no artigo de Rosália Guerreiro: Interstícios urbanos, como transformar estes espaços residuais em espaços positivos, expondo e explicando a proposta idealizada por Alexander de cidade orgânica, sendo subentendido que terá de ser mudado o paradigma de fazer cidade, tendo o objeto de estudo os espaços públicos e não o edificado. Em suma, a malha urbana que se vai costurando ao local cirurgicamente, revela-se mais orgânica e autorreguladora contendo assim mais vida.

Gehl, na sua obra *Life Between Buildings* faz a distinção entre atividades necessárias; funcionais; opcionais e sociais em espaços públicos. As atividades necessárias ocorrem independentemente do ambiente físico, as atividades opcionais dependem do que o espaço proporciona, e de como os indivíduos se comportam em relação a isso. Para Gehl, a vida entre os prédios é uma escala da arquitetura que merece um tratamento cuidado, pois é onde a interação social e percepção, recreação urbana, experiência sensorial da cidade, toma lugar. É e esta escala entre prédios que compreende todo o espectro das atividades humanas no espaço público, áreas vitais a serem estudadas, bem como o início do planeamento. O elemento mais atrativo num espaço público é a presença de outras pessoas. Vários estudos expostos anteriormente constatarem que os lugares de eleição para se sentar são os que proporcionam vista agradável, implantados ao longo do jardim ou com vista para atividades particulares.

Conclui que os indivíduos e atividades humanas são o objeto de maior atenção e atração. Verificou-se conexão direta entre atividades de rua e qualidade dos espaços exteriores, constatando que o aumento a 100% das bancadas, resultou num acréscimo de 88% das atividades sentadas. Um estudo feito em três avenidas vizinhas, sobre o efeito da invasão automóvel no tecido social, concluiu que a interação social entre vizinhos é afetada na avenida de maior fluxo viário. Este autor faz referência a William, em reforço a sua ideia sobre a qualidade dos espaços coletivos da cidade e a qualidade de atividades na mesma, onde determina que a simples alteração física pode progredir no uso de espaços públicos da cidade.

William Whyte o grande mentor de observação de espaços públicos, na sua obra *The social Life of Small Urban Spaces*, relata o seu trabalho e da sua equipa, onde procura entender o que desejam os indivíduos dos espaços de uso coletivo. Constata que estes espaços se forem

de qualidade são geradores de estímulos induzindo os utilizadores a novos usos, sendo da opinião que pessoas no espaço atraem mais e mais pessoas. Espaços de qualidade e de vida intensa são mais utilizados por mulheres, que elegem dentro do espaço os lugares mais afastados, sendo que e os homens apropriam-se do espaço em primeira mão.

Espaços de sucesso localizam-se junto a percursos de grande fluxo pedestre ou pontos de convergência destes mesmos fluxos. Uma imagem agradável do espaço influencia à sua adesão, sendo um pré-requisito dos utilizadores. Praças que dispõem de mais opção para se sentar registam maior utilização, sendo que se tiverem assentos amovíveis ainda mais aderência registaram.

Os elementos que qualificam um espaço público, para o autor deverão conter a presença de sol, luz, vento, árvores água e comida. Os parques urbanos para o autor, são mecanismos integrais para estimulação do individuo com a cidade, pois cativam o seu uso por impulsos e refere que as escadas, a quando mal planificadas trará repercussões na sua adesão. A triangulação é outro fator indispensável, um processo pelo autor designado como um estímulo externo que gera interação entre estranhos, associado a algo acontecer no espaço: um artista em performance. Sendo este o responsável gerar interação social, conclui-se ser um processo que todos os espaços públicos bem-sucedidos devem providenciar.

Concluí que para poder alcançar os problemas que um espaço público contém é necessário entender que esse espaço existe em um contexto, contexto este que se tem de estudar primeiramente. O espaço público insere-se na cidade, logo é necessário compreender a estrutura física da cidade para chegar até a escala do espaço publico pois tudo é um sistema de ramificações ou artérias que coexistem umas pelas outras, se uma falhar todo o sistema e afetado. É neste sentido que Christopher Alexander dá-nos a conhecer dois tipos de estrutura de cidade. Uma existente, o modelo máquina (o de baixa qualidade de vida) e outra o orgânico (de alta qualidade de vida). Dai concluí que cidades advindas de sistemas mais orgânicos funcionam melhor e criam espaços únicos.

O bom funcionamento das cidades depende da vitalidade defende Jane, defende também que estas são um complexo de interligações e funções onde os espaços públicos devem ser integrados. A vitalidade dependem da diversidade de usos permeabilidade de vizinhanças assim como Christopher defendia que o modelo orgânico, modelo de alta qualidade de vida, e que esta era composta por diversidade de ligações quarteirões permeáveis. Os espaços públicos são importantes nas cidades pois são estes os responsáveis da identidade das mesmas, beneficiando-as economicamente, ajudando o ambiente ainda proporcionando momentos para atividades culturais.

Os espaços públicos podem proporcionar uma intensa vida urbana, desde que contenha bons acessos, vitalidade, crie sensações, haja controlo, e adequação. As palavras-chaves para a qualidade e vitalidade de espaços públicos são as acessibilidades, usos e atividades, conforto e sociabilização. Os elementos fulcrais a conter neste espaço são o sol, vento, árvores e água e ainda comida. A observação dos espaços públicos mal sucedidos, é essencial para identificação das fraquezas, como na identificação das suas potencialidades: não exploradas. A solução e resposta está no próprio sítio.

Do caso de estudo

O Largo frei Heitor Pinto, localizado no bairro de Alvalade na Cidade de Lisboa, é um espaço público frente Igreja com alguma fragilidade do ponto de vista funcional. Este bairro integrado numa estrutura tipológica mais idêntica ao modelo máquina de Christopher Alexander, sendo que neste caso, regista passeios largos e confortáveis para o pedonal. A Avenida da Igreja é uma avenida de grande vivência, dotada de comércio, e com diversidade de usos. Esta avenida por sua vez vai desaguar em um nó de circulação viária de grande fluxo, que se antecede ao Largo Frei Heitor Pinto: que deveria ser o momento auge do final da avenida.

O Largo Frei Heitor Pinto é um espaço público seguro, limpo, harmonioso, possui um, bebedouro, um lago, bancos para se sentar, árvores que criam zonas abrigadas do sol, no entanto não tem grande adesão e permanência de pessoas. O que é que a observação foi útil para perceber o porque da pouca adesão? Como já foi apontado na análise Swot que elaborei, o espaço tem a predominância dos carros em torno do espaço, como se pode verificar nas plantas que elaborei plantas baseadas nos estudos feitos por Christopher Alexander, eixos viários dominam toda a estrutura, sendo um dos pontos negativo: acesso até ao largo é dificultado pelas viaturas.

O espaço contém no seu entorno uma variedade de usos do solo, verificada na planta de usos do solo elaborada e exposta. Na planta de fluxos predominantes verifica-se que o maior fluxo de pessoas passa em frente ao espaço de estudo, mas a maioria nem chega a entrar no espaço, é apenas de passagem. Existe um bebedouro mas que não está a mão ou em um lugar estratégico, por exemplo próximo do percurso de mais fluxo pedonal, encontrando-se neste caso no extremo oposto.

Um outro aspeto negativo é não haver diversidade de usos. O espaço não proporciona interação entre pessoas, atividades culturais, isto por sua vez limita a sociabilização. Existe

poucas opções de lugar para se sentar: 4 bancos na sua totalidade. Contém um lago de grande dimensão, com uma ocupação elevada do espaço em relação à dimensão do espaço dedicado há permanência e passagem, lago que se vê mas não se toca, passando a ideia de que é puramente estético.

Em relação as observações realizadas nos 3 meses diferentes, no inverno, na primavera e no verão, constatou-se maior utilização no horário entre 13/14 horas durante a semana e fim-de-semana também, sendo que pela manhã é apenas lugar de passagem. Os utilizadores que registaram mais frequência foram indivíduos do sexo masculino: x: 26-58. As atividades são normalmente sentar e observar, não havendo permanência duradora e registando períodos mortos no Largo. Em Março regista-se igualmente maior aderência no horário das 13-14 horas, por indivíduos entre 26-58, registando agora alguns idosos, dois a dois, ou sozinhos, como também a presença de algumas crianças acompanhadas por adultos. As atividades assinaladas são: sentar, relaxar, observar, levar o cão a passear ou lanchar, registando menos tempos mortos com relação ao mês analisado anteriormente.

O mês de Junho, mês de verão, sol, calor, regista maior aderência. Conta com a presença de algumas pessoas na parte da manhã, maioritariamente indivíduos idosos, igualmente aderência a hora do almoço: homens: 26-58, como nos meses anteriores, mas muita mais adesão ao final da tarde de várias faixas etárias, jovens, adultos, crianças, idosos. As atividades são sentar, observar, ler, utilização frequente do bebedouro, crianças a andar de bicicleta ou trotinete sob vigia dos pais, ou a tentar brincar com a água do lago. O presente mês foi o que menos momentos mortos registou.

Em suma, o espaço que foi observado contém grande parte dos elementos a incluir em espaços públicos de qualidade, no entanto não existe vida intensa como se pretende. Dai concluir que os elementos para além de existirem terão de ser devidamente geridos e otimizados. É fundamental haver diversidade de usos, este é um dos elementos de que o largo carece, sendo o indicador da sua fraca e não continua adesão. O espaço deve proporcionar interação para haver vida! Acredito que toda esta metodologia, que inclui a observação, aplicada no caso de estudo, é um instrumento vantajoso para utilizar na prática arquitetónica e paisagística a fins de solucionar problemas de espaços públicos disfuncionais. Esta investigação visa apenas demonstrar a metodologia, ficando pelo apuramento das razões da pouca utilização deste espaço, não apresentando nenhuma resposta projetual.

BIBLIOGRAFIA

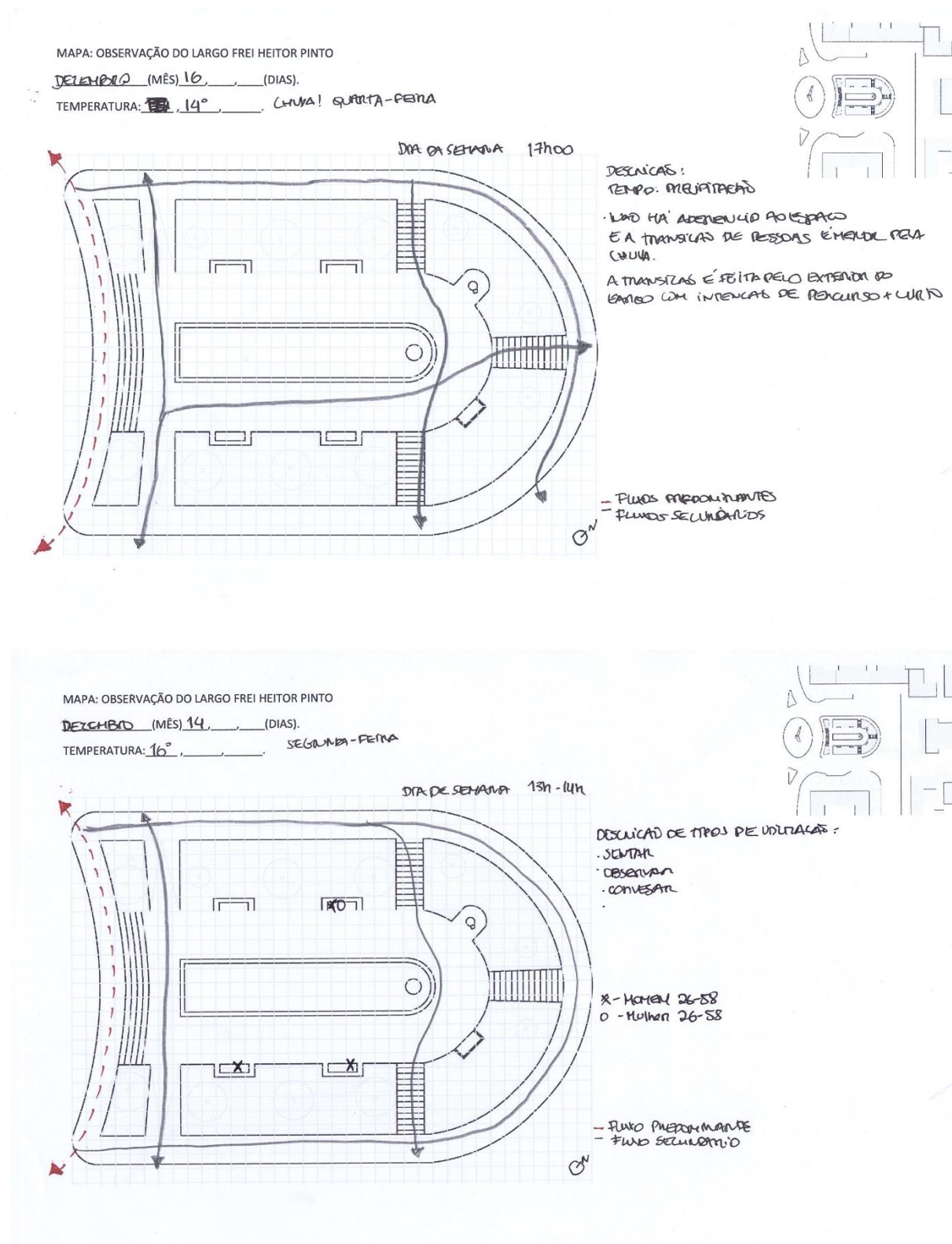
- Alexander, C. (1966). A City is not a tree. *Desgin* ,Nº206, pp. 1-17.
- Alexander, C. (1977). *A Pattern Language*. New Iorque: Oxford University Press.
- Alexander, C. (2005). *The Nature of Order*. volume 1, California: The center of Enviromental Struture.
- Architetur+Maps*. (22 de Junho de 2015). Obtido em 14 de Novembro de 2015, de Archi/Maps: <http://archimaps.tumblr.com/post/122206863292/engraving-of-the-place-des-vosges-paris>
- Barreiros, M. H. (2001). *Lisboa Conhecer Pensar Fazer Cidade*. Lisboa: CML-Urbanismo.
- Benévolo, L. (2009). *Historia da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Prespetiva.
- Brandão, P. (2011). *o sentido da cidade* . Lisboa: livros horizonte .
- Brasil, B. (29 de Maio de 2009). *História da Arquitetura e do Urbanismo*. Obtido em 06 de maio de 2016, de IDELFONSO CERDÁ, Plano de Expansão de Barcelona: <https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/05/29/idelfonso-cerda-plano-de-expansao-de-barcelona/>
- Brasil, B. (2009). Idefonso Cerdá, Plano de Expansao de Barcelona. *Arquitetando, falando de historia da arquitetura, do urbanismo e da arte*.
- Ching, F. D. (2002). *Architetural Graphics*. New York: Fourth Editons.
- Coelho, A. B. (2007). Alvalade, de Faria da Costa. Uma Cidade na Cidade - O Mistério de Alvalade. *Infohabitar* 176, 1-6.
- Ernst, P. (junho de 2008). *Écosociété*. Obtido em 02 de fevereiro de 2016, de L'impasse de la globalisation: <http://ecosociete.org/livres/l-impasse-de-la-globalisation>
- Fehrenbacher, J. (26 de 04 de 2006). *INHABITAT*. Obtido em 11 de Dezembro de 2015, de Remenbering Jane Jacobs: <http://inhabitat.com/remembering-jane-jacobs/>
- Figueira, P. (5 de Março de 2014). *Terramoto de 1755*. Obtido em 11 de Dezembro de 2015, de Portugal Memoria: <http://portugalmemoria.blogspot.o-terramoto-de-1755.html>
- Freitag, M. (2004). *Arquitetura e sociedade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gehl, J. (2011). *Life Between Buildings- Using Public Space*. Washington: Island Press (original publicado em 1970).

- Gelh, J. (Dezembro de 2011). Cidades e escala humana. (B. Antunes, Entrevistador) Revista AU (Arquitetura e Urbanismo). Obtido em 26 de janeiro de 2016, de <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/215/jan-gehl-fala-sobre-cidades-e-escala-humana-250160-1.aspx>
- Goitia, F. C. (2010). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gresset, P. (1993). De l'Agora à l'espace publique. Em *Paris Project*. Espaces Public.
- Guerreiro, M. R. (2008). Interstícios urbanos e o conceito de espaço exterior positivo. *Forum Sociológico*, 13-19.
- Guerreiro, M. R. (28 de Novembro de 2011). PATTERNS IN NATURE, EMERGENT URBANISM AND THE IMPLICATE ORDER. *Sustainability Through Biomimicry*, pp. 0-12.
- Holanda, F. (1985). Arquitetura como estruturação social. *O espaço da cidade – Contribuição à análise urbana*, (pp. 115-141). São Paulo.
- Hust, M. (janeiro de 2014). El tráfico mata la vida en las calles? *Yorokubu*.
- Jacobs, J. (2000). *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo : LMFE (original publicado em 1961 com o título The Dead and Life of Great Cities).
- Laurence, P. (10 de Maio de 2015). *Becoming Jane Jacobs*. Obtido em 12 de Janeiro de 2016, de Becoming Jane Jacobs: <http://becomingjanejacobs.com/blog/>
- Lima, E. F. (2005). A reconquista dos espaços públicos:um processo urbano e social. *Seminário de Arquitetura Latinoamericana*, (pp. 1-16). México, Oaxtepec Morelos. Obtido em 12 de Fevereiro de 2016, de <http://www.rafaellopezrangel.com/Reflexiones%20sobre%20la%20arquitectura%20y%20el%20urbanismo%20latinoamericanos/Design/archivos%20texto/T2B07.pdf>
- Lorenço, T. (12 de outubro de 2012). *Arquitetónico Beta*. Obtido em 15 de novembro de 2015, de Pocket Parks: <http://portalarquitetonico.com.br/pocket-parks/>
- Lych, K. (2011). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70 ,LDA (original publicado em 1960).
- Lynch, K. (2007). *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70 ,LDA (original publicado em 1960).
- Madden, K. (2005). *How To Turn a Place Around- a handbook for creating Successful Public Spaces*. New York: Project for Public Spaces,Inc.
- Medonça, E. M. (Agosto de 2007). Apropriações do espaço público: alguns conceitos. *Estudo e pesquisas em Psicologia*, 7, n.º 2, 296-306. Obtido em 25 de Jan. de 2016

- Miura, C. (09 de outubro de 2012). *Historia e Teoria da Arquitetura e Urbanismo e Paisagismo I*. Obtido de A Revolução Industrial e os efeitos de ocupação territorial no século XIX: <https://historq.wordpress.com/2012/10/09/aula-13-urbanismo-i-a-cidade-jardim-2/>
- Morales, P. (22 de Novembro de 2014). *DoYoCity*. Obtido em 14 de Dezembro de 2015, de Reflexion : "The Human Scale" ,JanGelh: <http://doyoucity.com/proyectos/entrada/6052>
- OpenEdition*. (25 de outubro de 2015). Obtido em 22 de janeiro de 2016, de a.museu.arte um espaço de reflexao em torno da arte e dos museus: <https://amusearte.hypotheses.org/1062>
- Pensar Lisboa blog*. (03 de Abril de 2013). Obtido em 15 de Maio de 2016, de Viver Lisboa intensamente ,Lisboa as you see it: <http://www.pensarlisboa.com/2013/04/como-era-o-nosso-bairro-de-alvalade-em.html>
- Rua, F. (04 de Abril de 2016). *Bairro de Alvalade : Grupo publico*. Obtido em 17 de Maio de 2016, de Facebook: <https://www.facebook.com/groups/179319328757198/photos/>
- Silva, A. (10 de Fevereiro de 2012). *Bairro de Alvalade :grupo privado*. Obtido em 20 de janeiro de 2016, de facebook.
- Teixeira, M. C. (1999). *A Praça na Cidade Portuguesa* . Lisboa: Livros Horizonte.
- Urban Geographies*. (31 de Março de 2014). Obtido em 15 de Novembro de 2015, de The Psychology of Cities :Neuroscience and urban planning: <http://urbangeographies.tumblr.com/post/81286280175/the-psychology-of-cities-neuroscience-and-urban>
- Whyte, W. (Realizador). (1979 N.Y). *The Social Life of Small Urban Space* [Filme].
- Whyte, W. (2001). *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York: Projet For Public Space.
- Whyte, W. (2001). *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York: Project for Public Spaces.
- Whyte, W. (2009). *Rediscovery the Center*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; Reissue edition.
- Wikimedia.Project*. (20 de Fevereiro de 2012). Obtido em 14 de Novembro de 2015, de Wikimedia Commos: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Piranesi-16031.jpg?uselang=pt#filehistory>

ANEXOS

Os anexos que se seguem correspondem algumas digitalizações das plantas de observação do espaço do Largo Frei Heitor Pinto no decorrer das observações que certificam as conclusões. Todas estas plantas foram elaboradas pelo autor desta dissertação.



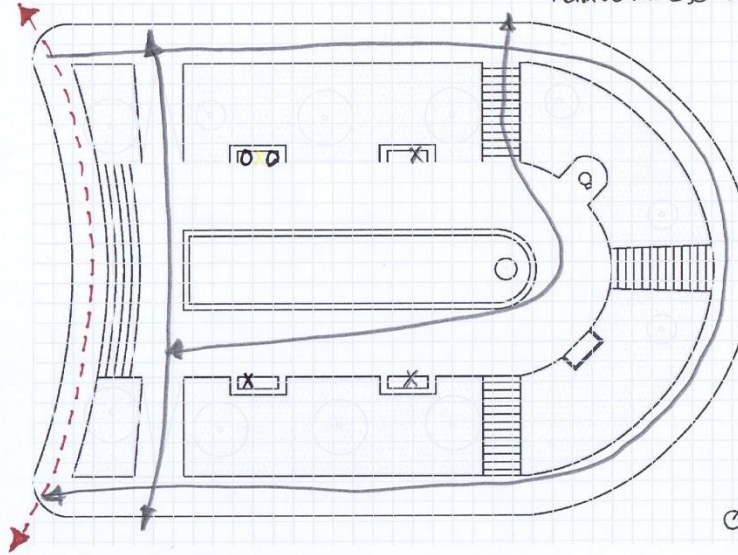
MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

DEZEMBRO (MÊS) 12, (DIAS).

TEMPERATURA: 15°, SABADO

FIM DE SEMANA

HORA DO ALMOÇO 14h00



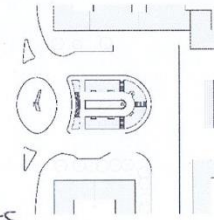
DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES

OBSERVAR
SEGUIR
CONVERSAR

Algumas crianças brincam (2)
Pelo Largo: correr volta do largo

X - HOMENS 26-38
O - MULHERES 26-38
Y - HOMENS 18-25
Y - MULHERES 18-25
X - HOMENS 60+

- FLUXO PREDOMINANTE
- FLUXO SECUNDÁRIO

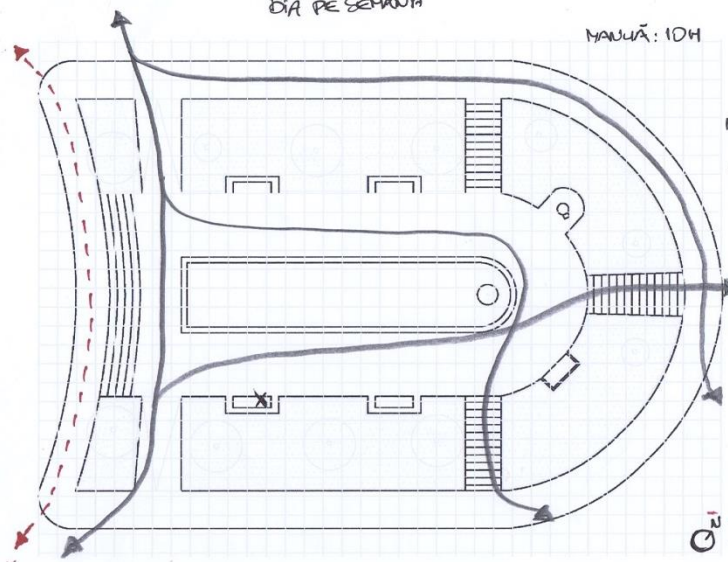


MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

MAIO (MÊS) 4, (DIAS).

TEMPERATURA: 18°, DIA DE SEMANA

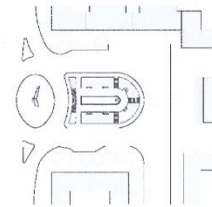
MANHÃ: 10h



NOTA: MAPA SE PRECISA
REPRESENTAÇÃO DE UTILIZADORES
AREAS E' USADO COMO LUGAR
DE RECREAÇÃO

X - HOMENS 26-38
O - MULHERES 26-38

- FLUXO PREDOMINANTE
- FLUXO SECUNDÁRIO



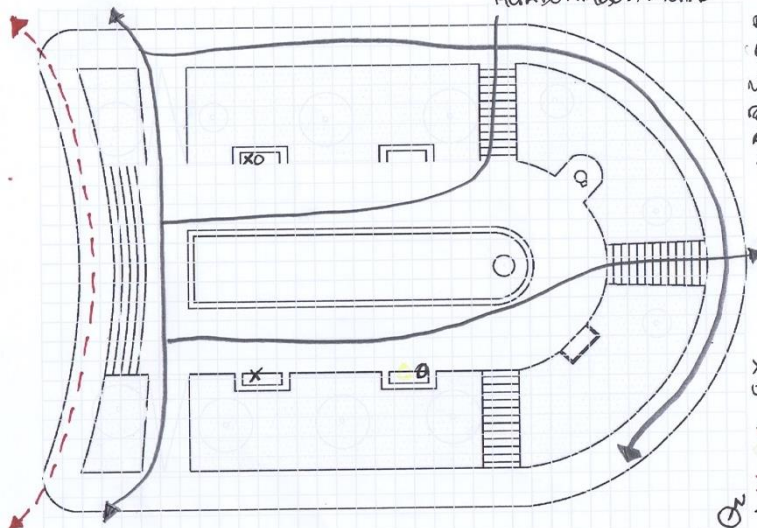
MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

MAIO (MÊS) 2 (DIAS).

TEMPERATURA: 26°

DIA DE SEMANA

HORA DO AMOÇO: 14 HORAS



DESCRIÇÃO:

SEGUNDA PÊTRA

NOTA: À HORA DO AMOÇO REGISTRA-SE MUITA ADELAÇAO AO ESPAÇO, SEM TAMBÉM LOCAL DE MÚSICA DE PERFORMES

X - HOMENS 26-58
O - MULHERES 26-58

X - 0-14
O - MULHERES 18-25

- FLUXO PRIMÁRIO
- FLUXO SECUNDÁRIO

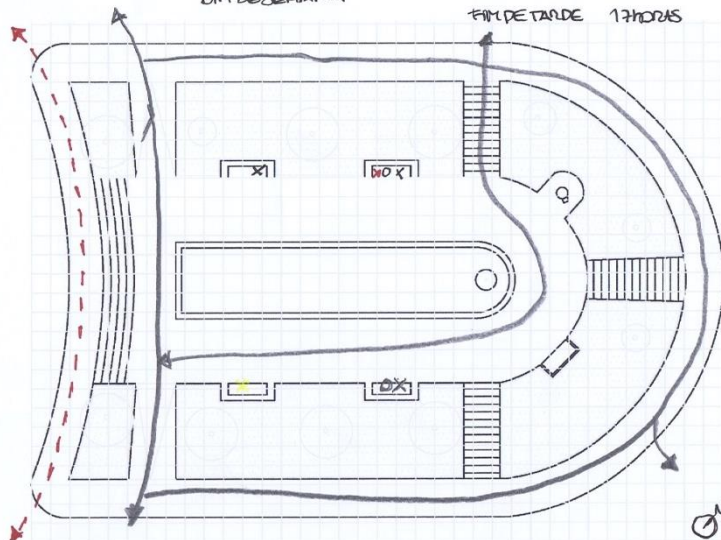
MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

MAIO (MÊS) 2 (DIAS).

TEMPERATURA: 26°

DIA DE SEMANA

TEMP. TARDE 17 HORAS



DESCRIÇÃO:
TEMPO MODERADO
POUCO VENTO

ATIVIDADES:
SEMPRE
OBSERVAR

REGISTRA-SE ALGUMA AGREGAÇÃO DE CRIANÇAS ALOJADAS POR ALGUNS

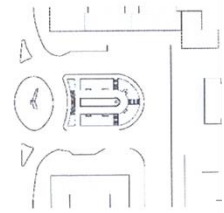
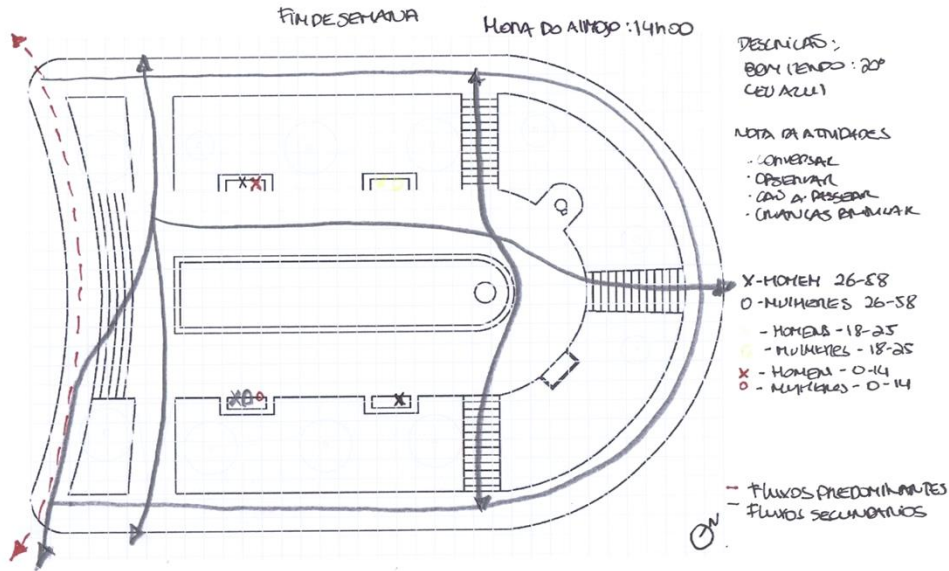
X - HOMENS 26-58
O - MULHERES 26-58
X - HOMENS 18-25
O - MULHERES 18-25
X - HOMENS 0-14

- FLUXO PRIMÁRIO
- FLUXO SECUNDÁRIO

MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

MAIO (MÊS) 14, (DIAS).

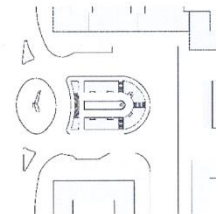
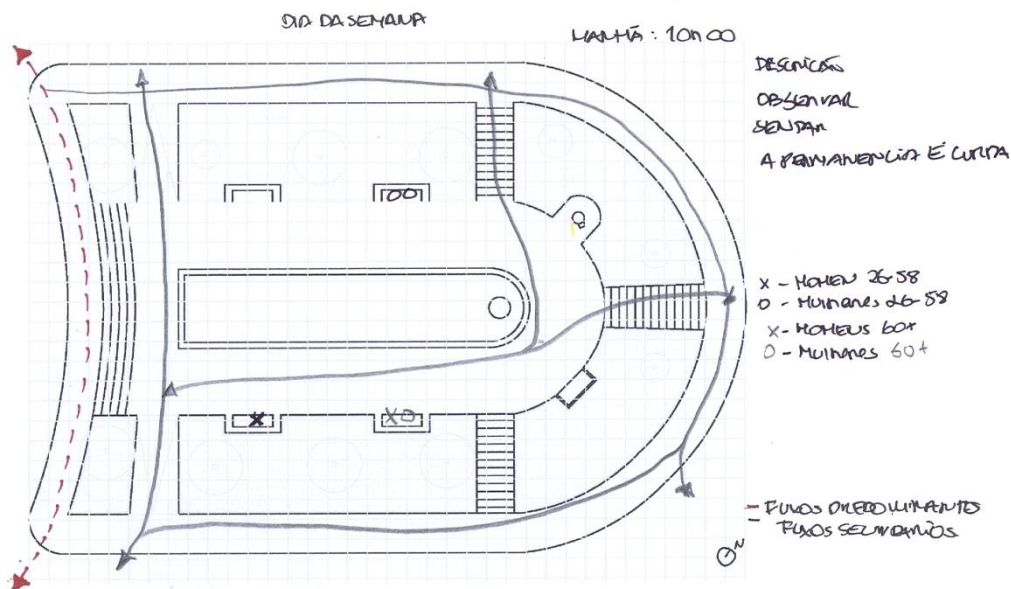
TEMPERATURA: 20°, ., .



MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

JULHO (MÊS) 07, (DIAS).

TEMPERATURA: 21°, ., . TENCA FETNA



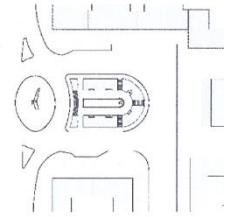
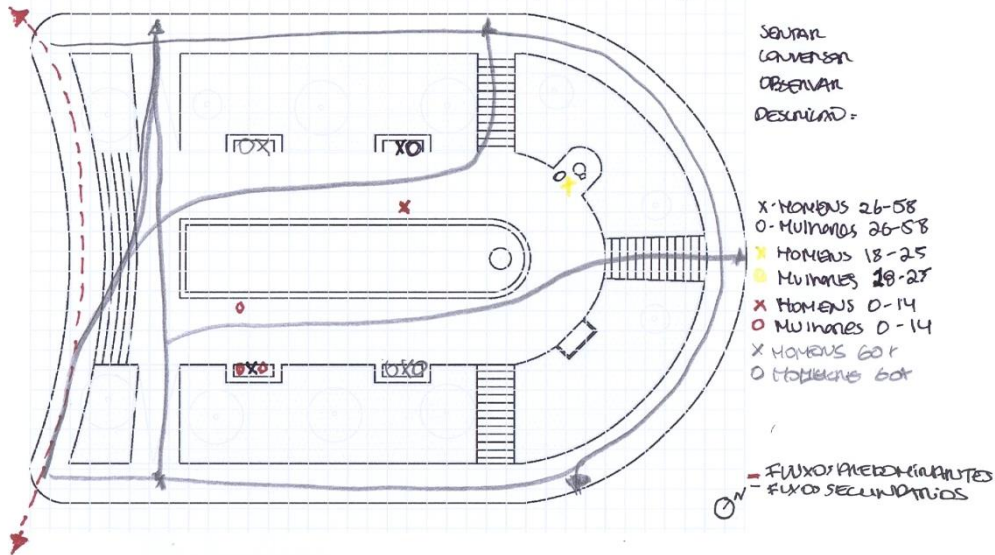
MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

JUNHO (MÊS) 07 (DIAS).

TEMPERATURA: 30°

DIA DA SEMANA

PARTE DO ALMOÇO 14 HORAS



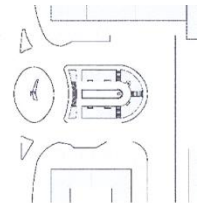
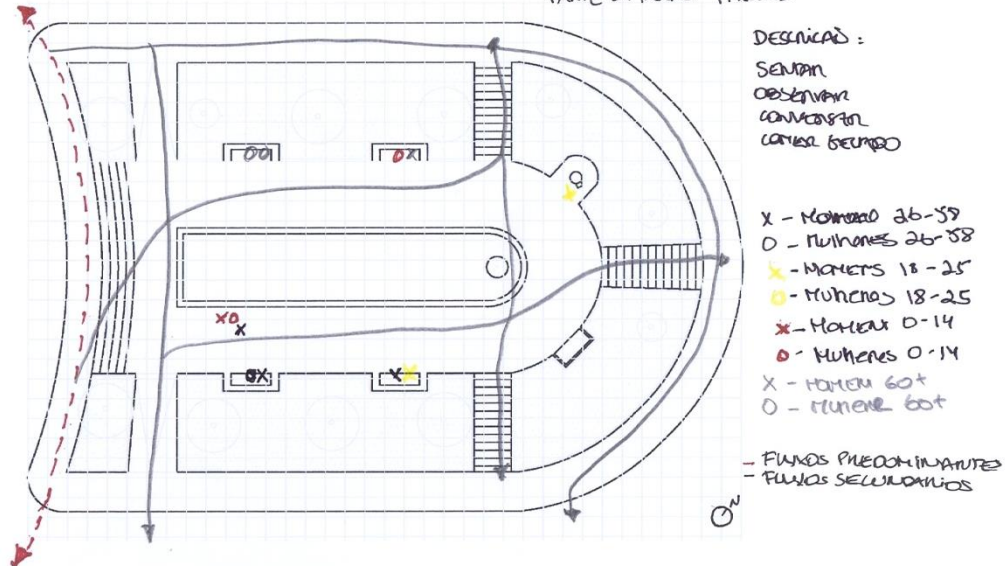
MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

JUNHO (MÊS) 07 (DIAS).

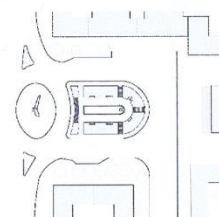
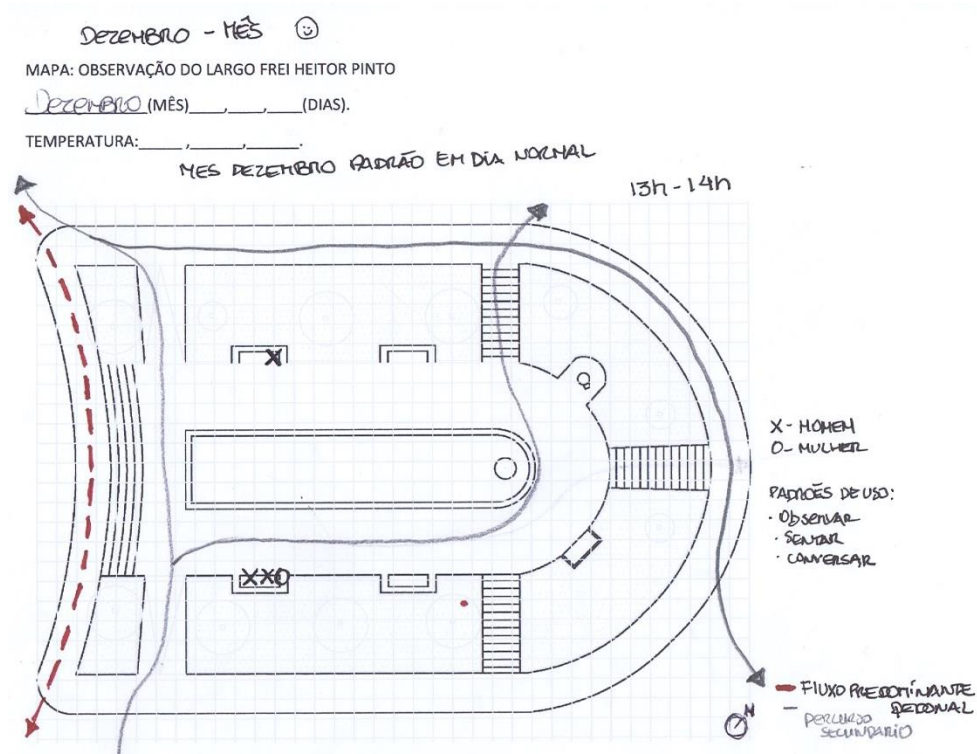
TEMPERATURA: 30°

DIA DA SEMANA

PARTE DA TARDE 17 HORAS



As plantas que se seguem foram feitas posteriormente às observações, e pretendem ser plantas padrão de cada mês observado, tanto dos dias de semana como dos fins-de-semana. Pretende ser uma suma de todas as outras.



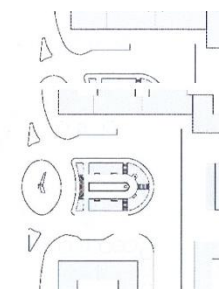
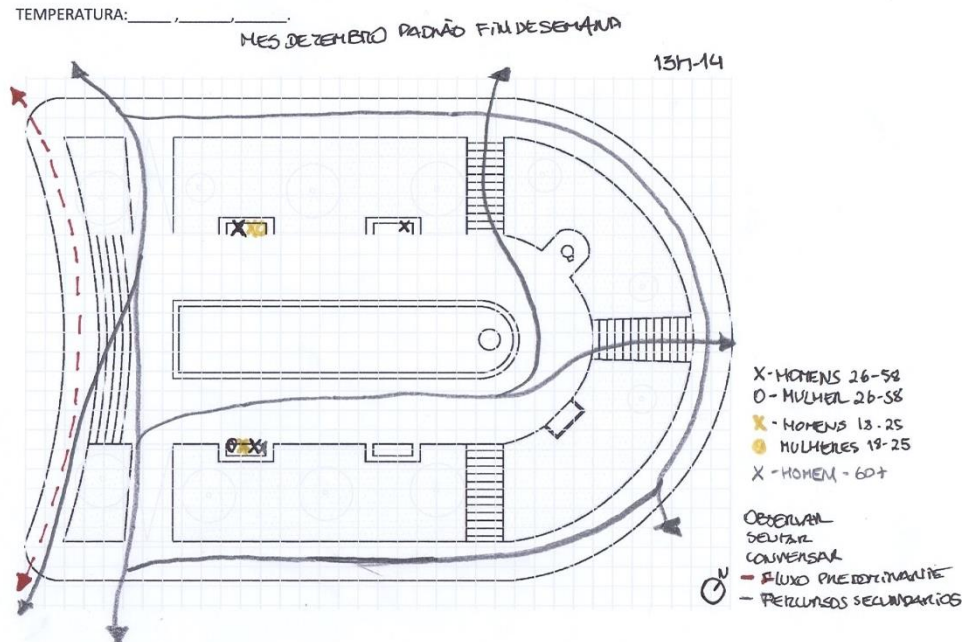
MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

DEZEMBRO (MÊS) 19 (DIAS) _____

MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

DEZEMBRO (MÊS) _____ (DIAS) _____

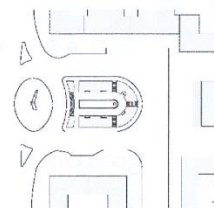
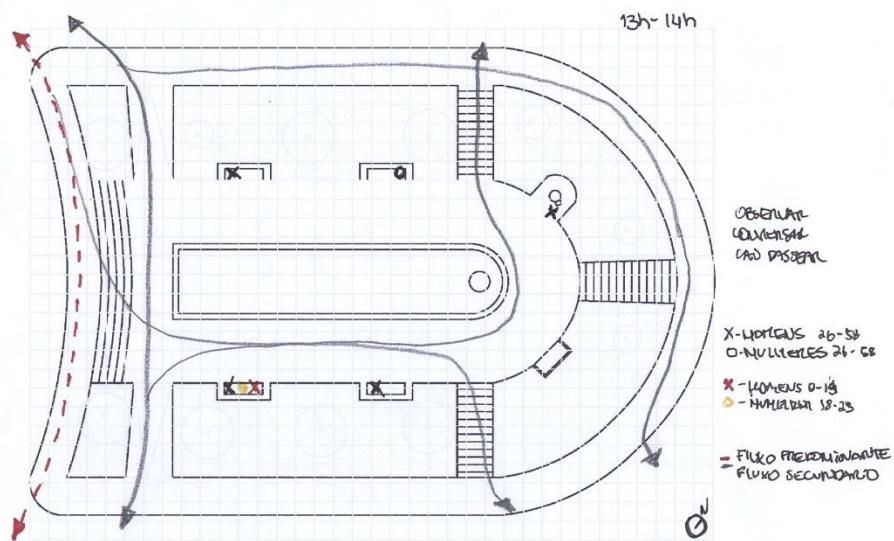
TEMPERATURA: _____



MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

MAIO (MÊS) _____ (DIAS).

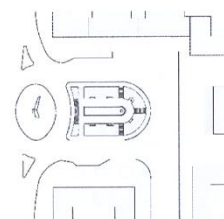
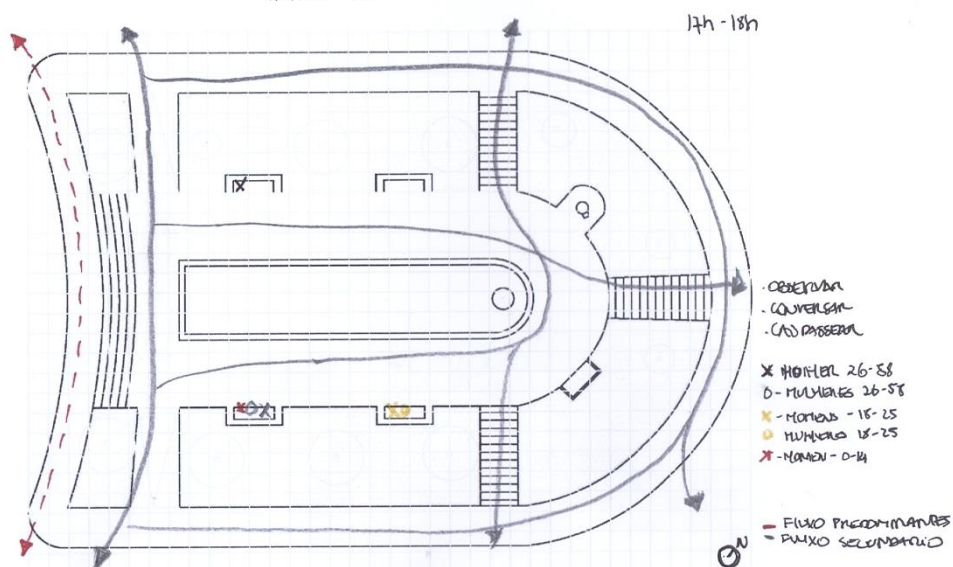
TEMPERATURA: _____
PADRÃO DO MÊS DE MAIO



MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

MAIO (MÊS) ~~11-11-11~~ (DIAS).

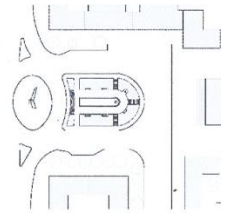
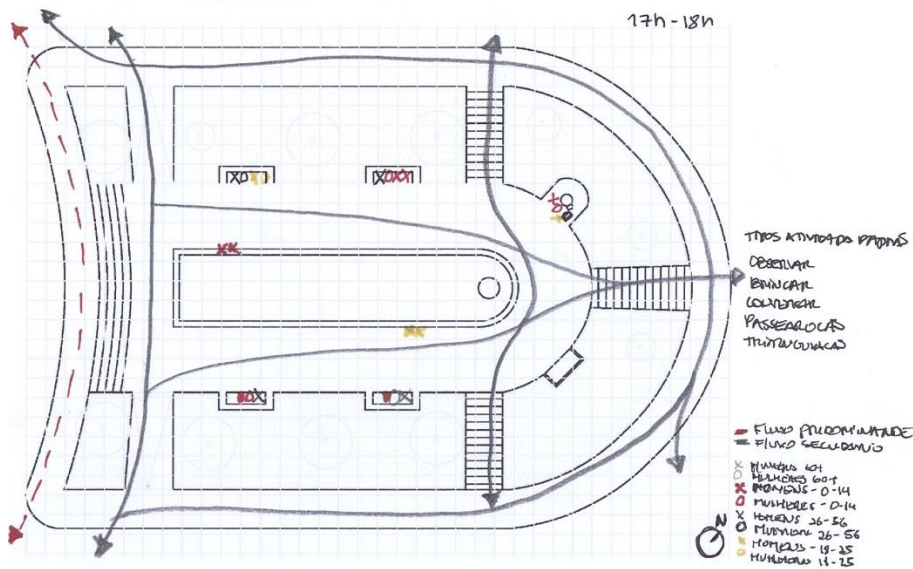
TEMPERATURA: _____
PADRÃO MES MAIO SETEMBRO



MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

JULHO (MÊS) (DIAS).

TEMPERATURA: MES DE JUNHO PADRÃO



MAPA: OBSERVAÇÃO DO LARGO FREI HEITOR PINTO

JULHO (MÊS) JULHO (DIAS).

TEMPERATURA: PADRÃO DURANTE A SEMANA

